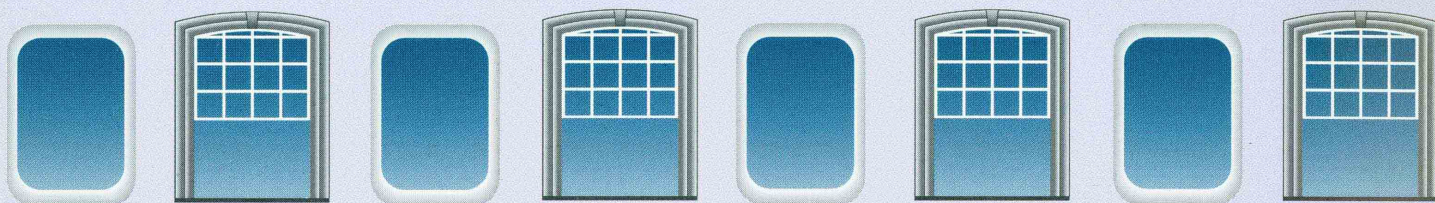


FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

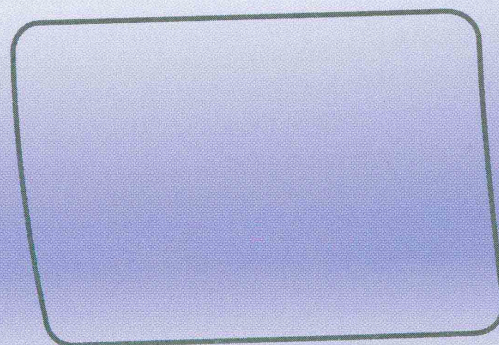
36



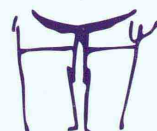
NORDESTE



BOEING 737-500



Nordeste Linhas Aéreas
e Fundação Casa de Jorge Amado.
De braços abertos para a cultura da Bahia.



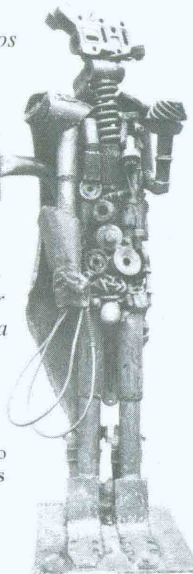
NORDESTE
Linhas Aéreas

Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá dos mais importantes na liturgia do candomblé, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois, ele é malicioso e arrelento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperseio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tangido pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.

Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavaleiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por tudo isso sincretizaram-no com o diabo; em verdade ele é apenas o orixá em movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão mas, no fundo, excelente pessoa. De certa maneira é o Não onde só existe o Sim; o Contra em meio do a Favor; o ntrépido e o invencível. Toda festa de terreiro começa com o padê de Exu, para que ele não venha causar perturbação. Sua roupa é bela: azul, vermelha e branca e todas as segundas-feiras lhe pertencem.

Jorge Amado

Textos extraídos do livro
Bahia de Todos os Santos guia de ruas e mistérios



EXU, escultura de Tati Moreno

Coordenação Editorial: Claudius Portugal
Conselho Editorial: Myriam Fraga (Presidente)
Antonio Risério, Fernando da Rocha Peres,
Florisvaldo Matos, James Amado, Ildásio Tavares,
Evelina Hoisel, Jacques Salad, João Jorge Amado,
José Carlos Capinan, Wilson Lins.
Redação: Simone Ribeiro
Arte: Humberto Vellame
Impressão: Gráfica Santa Helena



Exu é uma publicação trimestral da
Fundação Casa de Jorge Amado
Largo do Pelourinho, Salvador,
Bahia, Brasil CEP 40.025-280.
Tel.: (071) 321-0070 Fax (071) 321-0720

Os concertos emitidos em artigos assinados
são da responsabilidade exclusiva de seus autores.
Os originais não serão devolvidos.
Todos os direitos de reprodução reservados

Correspondentes: Adalmir da Cunha Miranda,
Haroldo de Campos, José Paulo Paes,
Jerusa Pires Ferreira, Boris Schnaiderman,
Arnaldo Antunes (São Paulo), Afrânio Coutinho,
Antônio Torres, Eduardo Coutinho, Eduardo Portella, Sonia Coutinho,
Fernando Sabino, Bela Jozef (Rio de Janeiro),
Luis Turiba (Brasília), Nádia Gotlieb (Minas Gerais),
João de Jesus Paes Loureiro (Pará),
Marcus Acyolli (Pernambuco),
Sérgio de Castro Pinto (Paraíba), Janaina Amado (Goiás),
Antônio Holhefeldt, Armino Trevisan, Danilo Ucha
Moacyr Scliar (Rio Grande do Sul), Haydée Jofre Barroso,
Rodolfo Alonso, José Maria Paolantino (Argentina),
Isabel Allende (Chile), Gustavo Bustamante (Colômbia),
Miguel Bustos Cerecedo (México), Gregory Rabassa,
John Dwyer, Nancy Baden, Richard O'Connell,
Tomas Colchie (Estados Unidos), Alice Raillard,
Frances Cornbes, Jean Orecchioni, Rene Depestre (França),
Dario Puccini, Luciana Stegano Picchio (Itália), José Carlos de Vasconcelos, Luiz Forjaz-Trigueiros,
Nuno Lima de Carvalho, Francisco Lyon de Castro (Portugal), Xela Arias (Espanha), Antônio Olinto (Inglaterra),
Theodor Popoff (Bulgária), Pavla Lidmilová (Tchecoslováquia), Kostas Assimacopoulos (Grécia), Jorge Kalugum,
Vera leichicova (URSS), Jorge Alfama (Cabo Verde), Luandino Vieira (Angola), Osamu Kumasiro (Japão).

julho/setembro 1997

36



capa
Exu - pintura
Marcia Abreu

3
CARYBÉ

15
JERUSA PIRES FERREIRA
entrevista

20
JEFERSON BACELAR

34
ANA ROSA RAMOS

38
LUIS TURIBA

40
NELLY NOVAES COELHO

48
FERNANDO
MENDES VIANNA

50
inéditos
NEIDE CORTIZO

52
RITA SANCHES

54
reportagem
Texto: Simone Ribeiro
Fotos: Adenor Gondim

63
registro

poster
pintura de Celuque
texto: Claudius Portugal





Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente

Germano Tabacof

Diretor

Myriam Fraga

Conselho Curador

Adary Oliveira • Arthur Sampaio • Carlos Fraga
Fernando Almeida • Floriano Teixeira • Germano Tabacof
Hector Júlio Páride Bernabó (Carybé) • James Amado • João Jorge Amado
Joelson Amado • José Júlio de Calasans Neto • Jorge Calmon
Wilson Lins • Zélia Gattai Amado • Paloma Amado Costa

(Academia de Letras da Bahia) Cláudio Veiga
(Universidade Federal da Bahia) Fernando da Rocha Peres

Conselho Fiscal

Jorge Lins Freire • Júlio Cesar de Carvalho • Lafayette Pondé Filho
Mário Gordilho • Renato Martins

Mantenedores

Dmeval da Costa Chaves Cia. Ltda
Nacional Iguatemi Empreendimentos

Convênios

Secretaria da Cultura e Turismo do
Governo do Estado da Bahia
Fundação Cultural do Estado da Bahia
Universidade Federal da Bahia
Universidade Estadual de Santa Cruz
Grupo Cultural Olodum
UEC

Com estas páginas especiais da Revista Exu, a Fundação Casa de Jorge Amado presta uma justa e comovida homenagem a Hector Júlio Paride Bernabó, mais conhecido no mundo das artes como Carybé, nome pelo qual ficou famoso e respeitado internacionalmente.

Instituidor e membro do Conselho de Curadores, Carybé sempre foi um dos colaboradores mais destacados da Instituição, participando dos trabalhos e eventos aqui realizados, incentivando, promovendo e acompanhando as iniciativas da Casa.

A ele devemos, entre outras coisas, a criação da figura símbolo da Fundação, um Exu, de grande beleza plástica, poderosamente vivo, pela força de seu desenho inconfundível.

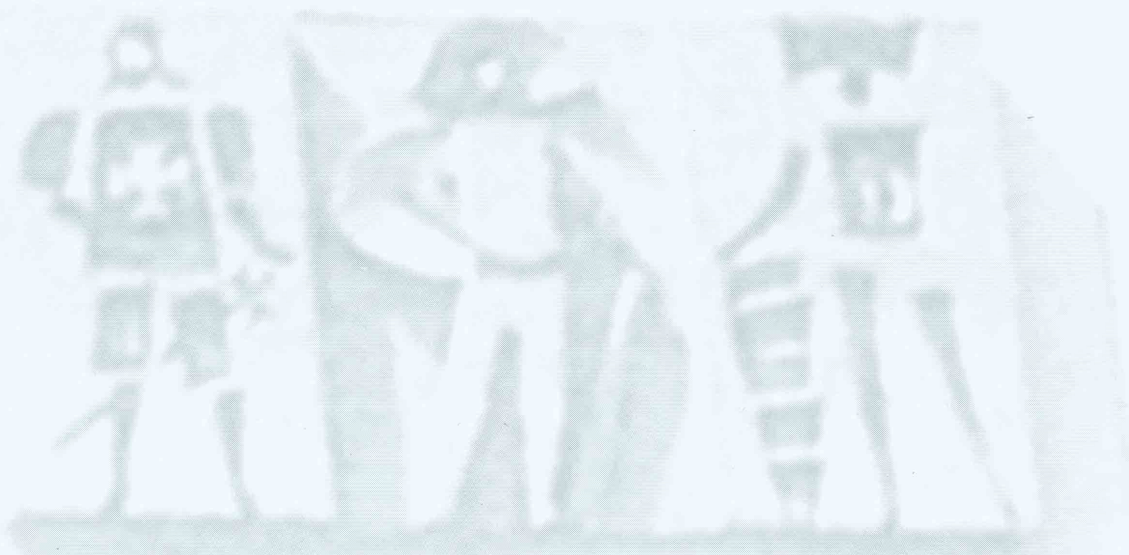
CARYBÉ



NOSSO MESTRE CARYBÉ

Ninguém nos deu tanto, nos engrandeceu mais, no após guerra, do que Carybé que aqui aportou pela primeira vez em 1938 para se fazer baiano definitivo e exemplar. Exemplar no amor a terra e ao povo, exemplar pela condição nacional, brasileira, mestiça, de sua obra de criação no desenho, na pintura, na gravura, na escultura, na cerâmica, com a qual fixou a memória da Bahia e de sua gente com infinita beleza e recriou a vida com ânsia de poeta e consciência de cidadão. Penetrou mais fundo que outro qualquer, nosso mistério e revelou a verdade de nossa face deu-nos universalidade.

Jorge Amado



BIBLIOGRAFIA DE E SOBRE CARYBÉ

(EXISTENTE NO ACERVO/FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO)

001 AMADO, James, ATHAYDE, Sylvia Menezes de, SAMPAIO, Lygia, coord. **Núcleo de artes:** os primórdios da arte moderna na Bahia. Salvador: Banco de Desenvolvimento do estado da Bahia., 1982. "Não paginado". J/A.cl A494n por(BR).

002 AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro D'Água.** Capa de Pedro Costa com ilus. de Floriano Teixeira; sobrecapa de Carybé; ilus. Floriano Teixeira; des. do autor por Jordão de Oliveira; foto do autor por Zélia Gattai; fixação de texto Paloma Amado e Pedro Costa. 69.ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. 96 p. Edição do projeto de fixação de texto da obra de Jorge Amado patrocinado pela Organização Odebrecht. Dedicado a Zélia Gattai, Carlos Pena Filho, Lais e Rui Antunes. J/PA.br A494mq por(BR).

003 _____. **Capitães da areia.** Capa de Carybé; ilus. de Poty; des. do autor por Carlos Bastos; foto do autor por Zélia Gattai. 35.ed. São Paulo: Martins, 1973. 296 p. il. J/PA.br A494ca por(BR).

004 _____. **Der gestreifte kater und die schwalbe Sinhá:** eine liebesgeschichte. Trad. por Karin von Schweder-Schreiner; capa e ilus. de Carybé. Munique: Goldmann, 1987. 93 p. (Bestseller Ganz Gross, 7280). Livro de bolso. Tradução de: O gato Malhado e a andorinha Sinhá. J/PA.t A494gm ale.

005 _____. Trad. por Karin von Schweder-Schreiner; capa e ilus. de Carybé; foto de Jürgen Seidel. Munique: C. Bertelsmann, 1987. 72

010 _____. **Gabriela cravo e canela:** crônica de uma cidade do interior. Ilus. de Di Cavalcanti; capa de Carybé; des. do autor por Carlos Bastos; foto do autor por Zélia Gattai. 46.ed. São Paulo: Martins, 1973. 455p. il. J/PA.br A494gc por(BR).

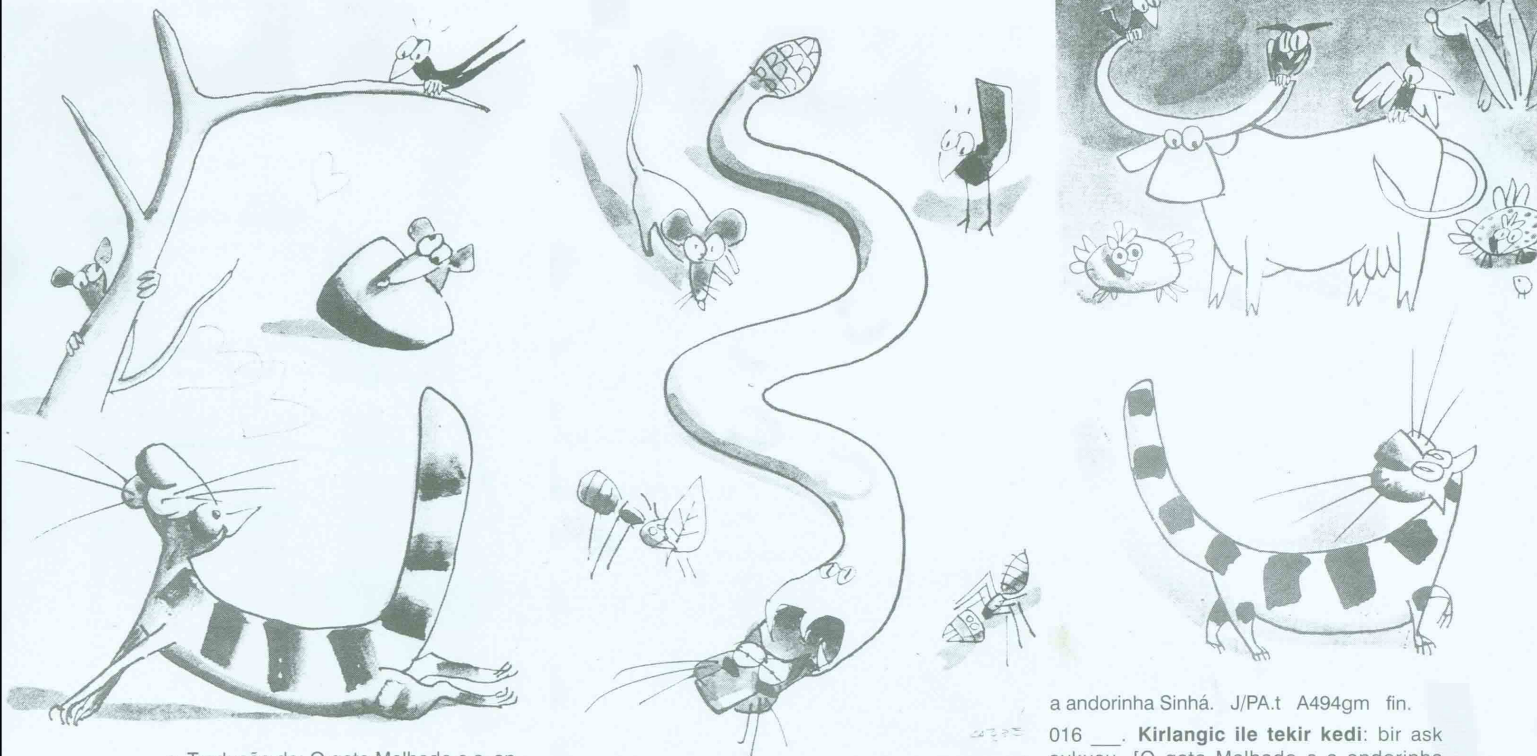
011 _____. **Il Gatto e la Rondine: una storia d'amore.** Trad. por Gerardo Bamonte; capa e ilus. de Carybé. Milano: Ottaviano, 1980. 72 p. Tradução de: O gato Malhado e a andorinha Sinhá. J/PA.t A494gm ita

012 _____. **Jubiabá.** Ilus de Carybé; capa de Clovis Graciano; des. do autor por Carlos Scliar. 14.ed. São Paulo: Martins, 1965. 319 p. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, 4). Autógrafo do autor para Genaro de Carvalho. J/O.pe A494j por(BR).

013 _____. Sobrecapa reprodução de quadro de Di Cavalcanti; capa de Pedro Costa com ilus. de Carybé; 4a. capa (sobrecapa) quadro de Quirino Silva; ilus. de Carybé; des. do autor por Jordão de Oliveira; foto da sobrecapa por Pedro Oswaldo Cruz; fixação de texto de Paloma Amado e Pedro Costa. 53.ed. (17. ed. pela Record). Rio de Janeiro: Record, 1995. 321 p. Edição realizada a partir do projeto de fixação de texto da obra de Jorge Amado patrocinado pela Organização Odebrecht.. J/PA.br A494j por(BR).

014 _____. AMADO, Jorge. **Karai Mbarakaja.** [O gato Malhado e a andorinha Sinhá]. Adap. de Michael Bos; ilus. de Ricardo Migliorisi e Carybé. Trad. por Antonio Velazquez e Selva Duarte de Franco. Paraguay: Artemis, 1990. 49p. il. J/PA.t A494gm gua/cas.

015 _____. **Kirjava Kissa ja Tytti Pääskynen:** rakkauskertomus. Trad. por Hikka Maki; capa e ilus. de Carybé. Helsinki: Otava, 1984. 72 p. Tradução de: O gato Malhado e



p. Tradução de: O gato Malhado e a andorinha Sinhá: uma história de amor. J/PA.t A494gm ale.

006 _____. Trad. por Roland Erb; capa e ilus. de Carybé. Berlin: Volk und Welt, 1979. 72 p. Tradução de: O gato Malhado e a andorinha Sinhá. J/PA.t A494gm ale.

007 AMADO, Jorge. **Der gestreifte kater und die schwalbe Sinhá:** eine liebesgeschichte. Trad. por Schweder-Schreiner; ilus. de Carybé. Monique: Goldmann Verlag, 1987. 95 p. Tradução de: O gato Malhado e a andorinha Sinhá: uma história de amor. JPA.t A494gm ale.

008 _____. **Dona Flor e seus dois maridos:** história moral e de amor. Capa de Carybé; ilus. de Floriano Teixeira; des. do autor por Carlos Bastos; foto do autor por Zélia Gattai. 20. ed. Salvador: Martins, 335 p. il. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, XVII).

009 _____. **El gato Manchado y la golondrina Sinhá:** una historia de amor. Trad. por Elvio Romero; capa e ilus. de Carybé. 2.ed. Buenos Aires: Losada, 1995. 71 p. Tradução de: O gato Malhado e a andorinha Sinhá: uma historia de amor. J/PA.t A494gm ale

a andorinha Sinhá. J/PA.t A494gm fin.

016 _____. **Kirlangic ile tekir kedi:** bir ask oykusu. [O gato Malhado e a andorinha Sinhá]. Trad. por Inci Kut; capa e ilus. de Carybé Istanbul: Inkilap Kitabevi, 1992. 104 p. Tradução de: O gato malhado e a andorinha Sinhá. Tradução feita do inglês. J/PA.t A494gm tur.

017 _____. **Le Chat et l'hirondelle:** une histoire d'amour. Trad. por Alice Raillard; capa e ilus. de Carybé. Paris: Stock, 1983. 74 p. Tradução de: O gato Malhado e a andorinha Sinhá. J/PA.t A494gm fra.

018 _____. **Mar morto.** Ilus. de Oswaldo Goeldi; capa de [Carybé]; des. do autor por Carlos Scliar. 23.ed. São Paulo: Martins, 1970. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, 5). Autógrafo do autor para Paulo Tavares. J/PA.br A494mm por(BR).

019 _____. Mestre Carybé. In: **Carybé:** 1938, desenhos 1968. Salvador: IOB, [1968]. (Plásticos da Bahia, 10). J/A.a C25 por(BR).

020 _____. **Navegação de cabotagem:** apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Capa de Floriano Teixeira; ilus. de Anna Letycia et al; org. de Paloma Amado e Pedro Costa. Rio de Janeiro: Record, 1992. 638 p. Contém índice onomástico. J/PA.br



CARYBÉ



A494nc por(BR).

- 021 **O capeta Carybé.** Coord. de Donatella Berlendis; fotografias de Bruno Furrer. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 1986. "Não paginado". (Arte para criança: Carybé). Este livro faz parte de uma coleção de arte e literatura infanto-juvenil editada com o auxílio financeiro do Fundo internacional para a Promoção da Cultura-UNESCO. J/A. A494c por(BR).
- 022 **O compadre de Ogum.** Capa e ilus. por Carybé; des. do autor por Carlos Bastos. Rio de Janeiro: Record, 1995. 100 p. O compadre de Ogum é um trecho de "Os pastores da noite". J/O.pe A494og por(BR).
- 023 AMADO, Jorge. **O gato Gaiado e a andorinha Señá:** unha historia de amor. Trad. por Xela Arias; capa e ilus. Carybé. Vigo: Xerais de Galicia, 1986. 70 p. Tradução de: O gato Malhado e a andorinha Sinha. J/PA.t A494gm gal.
- 024 **O gato Malhado e a andorinha Sinha:** uma história de amor. Capa e ilus. de Carybé. Mem Martins: Europa-América, 1978. 74 p. A título excepcional, manteve-se na edição portuguesa a ortografia brasileira. JPA.pr A494gm por(P).
- 025 **_____.** Capa e ilus. de Carybé. Rio de Janeiro: Record, 1976. 72 p. Autógrafo do autor para Paulo Tavares no ex.3. J/O.pe A494gm por(BR).
- 026 **_____.** Capa, ilus. e iluminuras de Carybé. São Paulo: Círculo do Livro, 1976. 72 p. J/PA.br A494gm por(BR).
- 027 **_____.** Capa e ilus. de Carybé. 1984. 78 p. J/PA.t A494gm gre.
- 028 **O país do carnaval/Cacau/Suor.** Ilus. por Darcy Penteado, Santa Rosa, Mário Cravo; des. do autor por Carlos Scliar; capa de Carybé. 27/27/26.ed. São Paulo: Martins, 1971. 340 p. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, I/II/III). Edição mista. J/PA.br A494c por(BR).
- 029 **Os Pastores da noite.** Ilus. Aldemir Martins; capa de Carybé; des. do autor por Carlos Bastos; foto do autor por Zélia Gattai. 23. ed. São Paulo: Martins, 1973. 320 p. il. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, 16). J/PA.br A494pn por(BR).
- 030 **Os subterrâneos da liberdade.** Ilus. por Renina Katz; des. do autor por Carlos Scliar; capa por [Carybé]. 18.ed. São Paulo: Martins, 1970. T3. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, 13). Livro autografado pelo autor para Paulo Tavares. Conteúdo: Os ásperos tempos. J/PA.br A494sl por(BR).
- 031 **_____.** Ilus. por Renina Katz; capa por Carybé; des. do autor por Carlos Bastos; foto por Zélia Gattai. 25.ed. São Paulo: Martins, 1973. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, 13). Conteúdo: A luz no túnel. J/PA.br A494sl por(BR).
- 032 **_____.** Ilus. por Renina Katz; capa por Carybé; des. do autor por Carlos Bastos; foto por Zélia Gattai. 25. ed. São Paulo: Martins, 1973. v.2, 299 p. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, 13). Conteúdo: Agonia da noite. J/PA.br A494sl por(BR).
- 033 AMADO, Jorge. **O sumiço da santa:** uma história de feitiçaria visitação de Yansã a cidade da Bahia ou execração pública de fanáticos e puritanos ou a guerra das santas. Capa e ilus. por Carybé; des. do autor por Jordão de Oliveira, fotos por Zélia Gattai. Rio de Janeiro: Record, 1988. 438 p. J/O.pe A494ss por(BR).
- 034 **Os velhos marinheiros:** ou A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Vasco Moscoso de Arago, Capitão de Longo Curso. Ilus. de Glauco Rodrigues; des. do autor por Carlos Bastos; foto por Zélia Gattai. 39.ed. Rio de Janeiro:

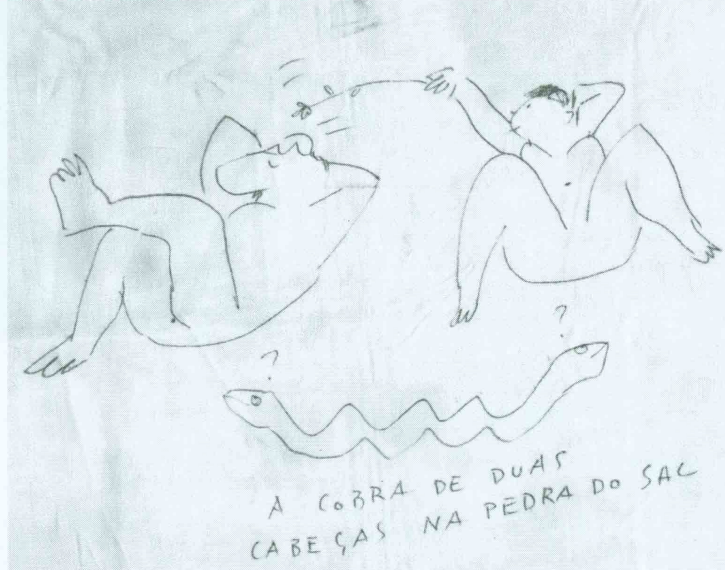


Record, 1978. 243 p. J/PA.br A494vm por(BR)

035 **_____.** Capa de Pedro Costa com ilus. de Glauco Rodrigues; sobre-capa ilus. de Carybé; ilus. de Glauco Rodrigues; des. do autor por Jordão de Oliveira; foto do autor por Zélia Gattai; fixação de texto

por Paloma Amado e Pedro Costa. 58.ed. (20.ed. pela Record). Rio de Janeiro: Record, 1996. 258 p. Edição do projeto de fixação de texto das obras de Jorge Amado patrocinado pela Organização Odebrecht. J/PA.br A494vm por(BR).

- 036 **Os velhos marinheiros:** duas histórias do cais da Bahia. Ilus. de Glauco Rodrigues; capa de Carybé; des. por Carlos Scliar. 26. ed. São Paulo: Martins, 1970. 295 p. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, 15). J/PA.br A494vm por(BR).
- 037 **São Jorge dos Ilhéus.** Capa de Carybé; ilus. de Frank Schaeffer; des. do autor por Carlos Scliar. 24.ed. São Paulo: Martins, 1971. 345 p. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, 9). Autógrafo do autor para Haydee e Paulo Tavares. J/PA.br A494sj por(BR).
- 038 **Seara vermelha.** Capa de Carybé; ilus. e des. do autor por Carlos Scliar. 25.ed. São Paulo: Martins, 1971. 341 p. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, 12). Autógrafo do autor para Haydee e Tavares. J/PA.br A494sv por(BR).
- 039 **Tenda dos milagres.** Ilus. por Jenner Augusto; capa de Carybé; des. do autor por Carlos Scliar. São Paulo: Martins, 1969. 374 p. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, 18). Livro autografado e enumerado pelo autor; dedicado a Zélia Gattai. J/O.pe A494tm por(BR).
- 040 **Tereza Batista cansada de guerra.** Ilus. de Calasans Neto; capa de Carybé; des. do autor por Carlos Bastos; foto por Zélia Gattai; modinha para Tereza Batista por Dorival Caymmi. São Paulo: Martins, 1972. 462 p. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, 19). Autógrafo de Jorge Amado para Zélia Gattai no ex.2, e para Paulo Tavares no ex.1. J/O.pe A494tb por(BR).
- 041 AMADO, Jorge. **Terras do sem fim.** Ilus. de Clovis Graciano; capa de Carybé; des. do autor por Flavio de Carvalho; foto por Zélia Gattai. 34.ed. Rio de Janeiro: Record, 1976. 274 p. Livro autografado pelo autor para Paulo Tavares. J/PA.br A494ts por(BR).
- 042 **_____.** Ilus. de Clóvis Graciano; capa de Carybé; des. do autor por Carlos Bastos; foto Zélia Gattai. 31.ed. São Paulo: Martins, 1973. 286 p. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, 7). J/PA.br A494ts por(BR).
- 043 **_____.** Ilus. de Clóvis Graciano; capa de Carybé; des. do autor por Carlos Bastos; foto Zélia Gattai. 31.ed. São Paulo: Martins, 1973. 286 p. (Obras Ilustradas de Jorge Amado, 7). J/PA.br A494ts por(BR).
- 044 AMADO, Jorge, CARYBÉ. **A morte e a morte de Quincas Berro D'Água.** [Salvador]: Alumbamento, 1978. 71 p. Exemplar 20 de 50 exemplares numerados, fora do comércio, e exemplar 576 dos 700 exs. comercializados. Autógrafo de Jorge Amado e Zélia Gattai para Haydee e Paulo Tavares no exemplar 2. J/A.a A489mq por(BR).
- 045 AMADO, Jorge, CARYBÉ, FURRER, Bruno. **Bahia.** São Paulo: Brunner, 80 p. (Coleção Mercator). J/A.a A494b por(BR) ita/ing.
- 046 AMADO, Jorge, DAMM, Flávio, CARYBÉ. **Bahia boa terra Bahia.** Rio de Janeiro: Image, [s.d.]. 176 p. Exemplar com observações manuscritas de Jorge Amado. J/A.a A494b por(BR).



047 ASSOCIAÇÃO de Capoeira Navio Negroiro. Capoeira Angola/resistência negra. Ilus. de Carybé. **Exu**, p.33-41 set./out. 1989.

048 AZEVEDO, Arnaldo Siri (Dir.). **O capeta Carybé**. Capa gravura de Carybé; trilha sonora Walter Queiroz; narração Nelson Dantas do texto de Jorge Amado. [s.l.], Fonte Cindam, [1996]. 1 vídeo cassette (21 min.) VHS son. color. J/Av.v A986c por(BR).

049 **BALÉ Quincas Berro D'Água**. Apres. de Antonio Carlos Magalhães e Carybé; cenografia e figurino de Carybé; música de Francisco Mignone. Salvador: Bruno Furrer, 1981. 120 p.; il. Álbum em homenagem ao cinquentenário de vida literária do escritor Jorge Amado. J/PPad B132 por(BR).

050 **BAIANOS em Brasília**. Brasília: Casa da Manchete, 1986. "Não paginado". Exposição ocorrida de 9-13 de abril de 1986. Contém fotografia e dados biográficos de cada expositor. J/A.cl B136 por(BR).

051 **BALLET do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Gabriela**. Dir. de Dalal Achcar; coreog. de Gilberto Motta; cen. e fig. de Carybé. Rio de Janeiro: FUNARJ; Projeto Carlton, 1983. J/PPad B155 por(BR).

052 **BANCO da Bahia S/A. Carybé**: mural do Banco da Bahia: orixás do candomblé. Salvador: Banco da Bahia, 1971. "Não paginado". J/A.a B161c por(BR).

053 **CAMINHOS da Vila Velha. A Bahia de Jorge Amado. Do texto a imagem**: ilustradores amadianos. Salvador, FCJA, 1995. v.X, 1 cassete sonoro (60 min.) estéreo. F/AV.an por(BR).

054 **CARVALHO, Jehova de**. Balada do caminheiro da Mangerona de Legba mais a Hidra Feiticeira entre África e Bahia. Ilus. de Carybé. **Exu**, n.18, p.4-5 nov./dez 1990. F/PA.ex 1990.11/12.

055 **CARYBÉ. A cobra de duas cabeças na Pedra do Sal**. [guardanapo/tecido]. [S.l.], [19- -]. 01 des. P&B; 45x45 cm.

056 **Ao São Jorge dos Ilhéus**. [S.l.], [1961]. 1 des. nanquim e guache color; 48 x 33cm. Dedicado a Jorge Amado por diversos amigos que também assinam o desenho. J/A.g18 C25

057 **As sete portas da Bahia**. Ilus. de Carybé; pref. de Jorge Amado. 4.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Record, 1976. 346 p. Autógrafo do autor com desenho. J/PA.tx C25s por(BR).

058 **De menino grapiuna ate as purpuras deusísticas**: aqui no céu até ossos são purpurados. [S.l.], [19- -]. 1 grav. nanquim e guache color; 50 x 35cm. J/A.g22 por(BR).

059 **Dona Flor e seus 2 maridos [guardanapo/papel]**. [S.l.], [19- -]. 1 des. P&B, caneta sobre papel; 34 x 34cm. J/A.g101 C25 por(BR).

060 **Gentes y colores de Bahia**. Textos de

Jorge Amado, Jacob Klintowitz, Ivo Lanini e Alberto Beutenmuller. Madrid: Xunta de Galicia, 1996. "Não paginado". Exposição ocorrida de 09 de out. a 03 de nov. de 1996. J/A.cl C25g esp(a).

061 **CARYBÉ**: Hector Julio Páride Bernabó; Doutor Honoris Causa. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1982. "Não paginado". (Honoris Causa, 3). Discursos proferidos na ortorga do título Doutor Honoris Causa do artista plástico Carybé em 27 julho 1982, pela Universidade Federal da Bahia J/PA.tx C25 por(BR).

062 **CARYBÉ. Iconografia dos deuses africanos no candomblé da Bahia**. Apres. de Antonio Carlos Magalhães, textos de Jorge Amado, Pierre Verger e Waldeloir Rego. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; INL; UFBA, 1980. 266 p. Autógrafo dos escritores Jorge Amado e Zélia Gattai para Paulo Tavares. J/A.a C25 por(BR).

063 **Inácio**. [S.l.], [19- -]. 01 grav. nanquim & guache; 22 x 32cm. Personagem de "Tieta do Agreste": Bode Inácio. J/A.g C25 por(BR).

064 **[guardanapo/tecido]**. [S.l.], [19- -]. 01 des. P&B; 44x44 cm.

065 **[Jorge Amado e Zélia Gattai]**. [S.l.], [19- -]. 01 des. color, caneta sobre papel; 15 x 21cm. Como "pilhéria" Carybé assina o trabalho como Calasans Neto. J/A.g99 C25 por(BR).

066 **[S.l.], [19- -]**. 01 des. color, caneta sobre papel; 21 x 15cm. J/A.ag100

067 **Las artes de Carybé**: pintura, escultura, dibujo y grabado. Fotos por Sérgio Benutti e Bruno Furrer. Buenos Aires: Secretaria de Cultura de la Nación; dirección Nacional de Artes Visuales, 1988. "Não paginado". Exposição retrospectiva da obra de Carybé realizada de 9 a 29 de maio de 1988 nas Salas Nacionales de Exposición, Buenos Aires. J/A.cl C25a esp(a).

068 **[Morte de Vadinho]**. [S.l.], 1965. 1 des. P & B, nanquim; 51 x 36cm. Dedicatória manuscrita do autor para Jorge Amado, datada de 1967. J/A.g82 C25 por(BR). C25 por(BR).

069 **[Mulher]**. [S.l.], [19- -]. 1 des. P & B, caneta sobre papel; 20,5 x 14,5cm. J/A.g14 C25 por(BR).

070 **Mural dos orixás**. Apres. e texto de Jorge Amado; intro. de Waldeloir Rego. Salvador: Banco da Bahia Investimentos, 1979. 83 p. J/A.a C25m por(BR).

071 **[Nossa Senhora da Viração - frente]**. [19- -]. 01 original de arte: guache sobre papel; 57 x 42cm. J/A.q C25.

072 **[Nossa Senhora da Viração - perfil]**. [19- -]. Nota do autor: ima-



gem de Nossa Senhora da
Viração pela descrição de João da Sil-
va, caieiro de amoreiras, Itaparica. J/A.q C25.

073 ____ [O gato Malhado e a andorinha Sinhá]. [S.I.], [19__].
3 des. P & B, 42 x 30cm. Ilus. ampliadas do livro do mesmo título.
J/A.g C25 por(BR).

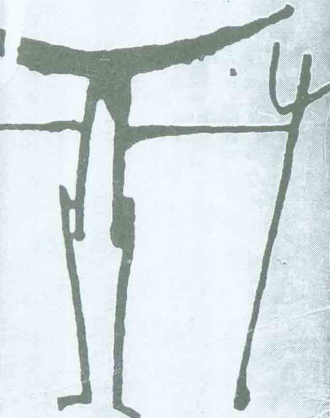
074 ____ **Vendedora de cabeças de carneiro.** 1975. 01 original de arte: guache
sobre papel; 52 x 38cm. Cena do romance Gabriela. J/A.q C25.

075 CARYBÉ, CALASANS NETO, BASTOS, Carlos. **Hommage a Jorge
Amado au Club Mediterranee... en figure de Crapaud.** [Vera
Cruz], [1987]. Cad. "Não paginado", 8 des. color, caneta sobre
papel; 45x32cm. J/A.g72 C25.

076 CARYBÉ, CRAVO, Mário, GENARO et al. **[Contrato de aposta entre
Jorge Amado e Mirabeau Sampaio]** [guardanapo/tecido]. [Sal-
vador], 8 de fev.

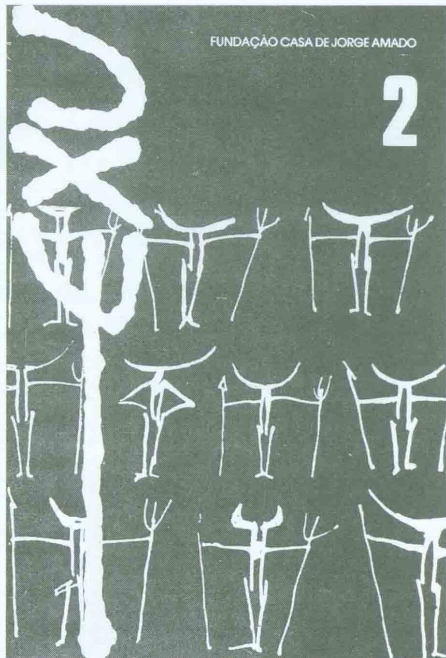
FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO
novembro de janeiro 1987

1



FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

2



1965. 01 des. P&B; 26x29 cm. Assinam vários amigos como teste-
munha

077 CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Carybé:** o artista que se tornou bai-
ano pela lei, pela arte e pelo povo. [Salvador]: FCEBA - Núcleo de
Pesquisa e Cultura da Literatura de Cordel, [197-]. 8 p. (Literatura
de Cordel, 1540). Folheto de cordel baseado no texto sobre Carybé,
parte do livro "Bahia de todos os santos" de Jorge Amado. J/C
C364c por(BR).

078 CELESTINO, Antonio. **Gente da terra.** São Paulo: Martins, 1972. 183 p.
p.15-23: Carybé, meu irmão/ os orixas de Carybé. Artigo ilus. por
Carybé.

079 COELHO, Maria da Graça (coord.). **12 artistas brasileiros.** Fotos de
Bruno Furrer. Salvador: ANARTE Galeria, 1987. "Não paginado".
Exposição ocorrida de 13 a 23 de novembro de 1987. Artistas cons-
tantes da mostra: Carybé, Calasans Neto, Bracher, Emanuel Araújo,
Florianio Teixeira e outros. J/A.cl C618d por(BR).

080 COSTA, Paloma Jorge Amado. **A comida baiana de Jorge Amado:**
ou o livro de cozinha de Pedro Archanjo, com as merendas de
Dona Flor. Ilus. Pedro Costa, Carybé, Maria Sampaio, et. al. São
Paulo: Maltese, 1994. 294 p. Inclui índices. J/PP:f1 C875c por(BR).

081 ____ Jorge Amado, **ecrivain de Bahia.** Ilus. de Carybé, Florianio Teixeira,
Mário Cravo et al. Paris: Manguera, 1993. 116 p. Catálogo da ex-
posição em homenagem aos 80 anos de Jorge Amado, no Centre
Pompidou. Tiragem de 93 exemplares. J/PP:h C875 fra.

082 CRUZ, Gutemberg. **Gente da Bahia.** Salvador: P&A, 1997. 111 p. Bre-
ve biografia de personalidades baianas. Autógrafo para FCJA. J/
PP:b C696g por(BR).

083 ESTA-GESTÃO DE HOTÉIS. **Seis pintores da Bahia + 1.** Capa repro-
dução de "Pombas" de Florianio Teixeira; apres. de Jorge Amado.
São Miguel Açores, 1989. "Não paginado". Artistas constantes na
exposição, Calasans Neto, Carlos Bastos, Carybé, Florianio Teixeira,

CARYBÉ



23 de Novembro 6 1/2 P.M. (1)
Garinha desistiu omnibus.
Vendeu passagem.
Levará Peugeot (conserta Rio).
Dirigirá cuidadosamente.
Não chora ruínas.
Aba não atreçada.
Mirabeau parou de desenhar.
Eu não tenho diabetes. Roraima
7 furos nas veias, em jejum,
eu e as ditas.
Esperamos voce em casa.
Abacos e licatas mirim afiladas.
Só abraços moitos Moita Santo.
Reverências alla Princesa.
Edgar não conseguiu vender para
sem, porém, levará certificado mé-
dico, declarando Garinha ataca-
do, Terminal molestia, devolverá diu-
Abencas de Nossa Mãe Senhora:
Laurinda Rente de Ouro mal pariu
Xipofagos.
Mirabeau queixa-se ter trabalhado

350 hoje de 1/2 dia as 6 1/2 da tarde
tomou um pão e talvez tome
mais.
Jogo armado atez Mme Norina,
abraço CARYBÉ

Mirabeau de olhos novos
alg outras coisas incríveis.



Jorge
15 anos de 1/2 dia. Tudo realizado. Foi
uma edição ou uma das duas fechadas antes
por uma ~~diária~~. Jamais chegou
mais nada e mais e depois de alguns dias
Luz Camargo

- 099 GALLEGOS, Rômulo. **Dona Bárbara**. Trad. de Jorge Amado; capa de Carybé. Rio de Janeiro: Record, [1974]. 273 p. Tradução a partir do original venezuelano. J/PA.td G159d por(BR).
- 100 GATTAI, Zélia. [**Alfredo Machado, Carybé, Carlos Bastos e Calasans Neto**]. Salvador, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.200, n.36/36A. Z/AV.n.
- 101 __. [**Atelier de Carybé**]. Salvador, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.2, n.36/36A. Z/AV.n.
- 102 __. [**Carybé**]. Salvador, [19—]. 1 neg. P&B, fl.73, n.41. Z/AV.n.
- 103 __. _____. Salvador, [19—]. 1 neg. P&B, fl.73, n.42. Z/AV.n.
- 104 __. _____. Salvador, [19—]. 1 neg. P&B, fl.150, n.17. Z/AV.n.
- 105 __. _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.30, n.32/32A. J/AV.n.
- 106 __. _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.78, n.28. Z/AV.n.
- 107 __. _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.78, n.30. Z/AV.n.
- 108 __. _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.208, n.17. Z/AV.n.
- 109 __. _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.208, n.19. Z/AV.n.
- 110 GATTAI, Zélia. [**Carybé**]. Salvador, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.2, n.?. Z/AV.n.
- 111 __. _____. Salvador, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.2, n.?. Z/AV.n.
- 112 __. _____. Salvador, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.20, n.19. Z/AV.n.
- 113 __. _____. Salvador, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.120, n.39. Z/AV.n.
- 114 __. _____. Salvador, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.180, n.?. Z/AV.n.
- 115 __. _____. Salvador, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.180, n.?. Z/AV.n.
- 116 __. _____. Salvador, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.180, n.?. Z/AV.n.

[illegible]

-

- 131 _____. _____. Paris, 1989. I neg. P&B, fl.II,5. n.12/12A. Z/AV.n.
- 132 _____. [**Carybé e sua neta Juliana**]. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.295, n.?. Z/AV.n.
- 133 _____. _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B,fl.295, n.?. Z/AV.n.
- 134 _____. _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B,fl.295, n.?. Z/AV.n.
- 135 _____. _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B,fl.295, n.?. Z/AV.n.
- 136 _____. _____. Salvador,[197-?]. 1 neg. P&B,fl.295, n.?. Z/AV.n.
- 137 _____. _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B,fl.295, n.?. Z/AV.n.
- 138 _____. [**Carybé, Iara e Maria João**].Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.20, n.28/28A. Z/AV.n.
- 139 _____. _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl20, n.29/29A. Z/AV.n.
- 140 _____. [**Carybé, Iara, Maria João, Bruno Amado,James Amado e João Jorge**]. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.30, n.31/31A. Z/AV.n.
- 141 _____. [**Carybé , Iara, Maria João e James Amado**]. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.20, n.26/26A.
- 142 _____. [**Carybé, João Jorge, e Maria João**]. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.150, n.12/12. Z/AV.n
- 143 _____. [**Carybé, Maria João e Antonio Celestino**]. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.20, n.18/18A. Z/AV.n.
- 144 _____. [**Carybé, Nancy e a neta Juliana**]. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.295, n.?. Z/AV.n.

[illegible]

Por este bastante documento fica o Sr. Jorge Amado intimado a pagar os 9am da quarta feira de cingos
3 de Março do ano de 1965, a quantia de ca. 100.000 (cem mil cruzeiros) referentes ao valor de uma aposta com o Dr. José Minabeau Sampaio, bahiano, casado, de tanto anos de idade. Aposta esta que consiste em privar até essa data supra escrita do Dr. José Minabeau Sampaio dos prazeres de Bacou e outros prazeres, ninguem tem nada com isso, ficam a criterio do Dr.

Assinamos como Testemunhas, na noite pozza

Ta de 8 de Fevereiro de 1965:

Não poderá haver protergaoe

Rafello
Giovanni G. MARQUES
ADRIANO CARVALHO JR.
Silvio Roberto Jr.
Joaquim Junior
Kleber Carlos
Luis Antonio
Tiburcio
Alicencia

SENAR

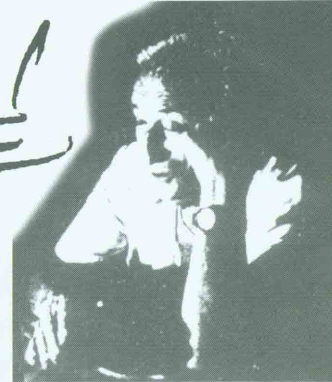
CASO
Elaborado por
SILVIO JR.
Hm. Henrique

46

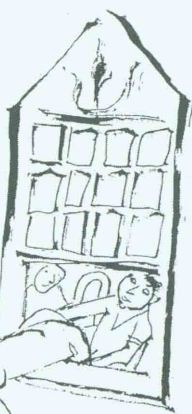
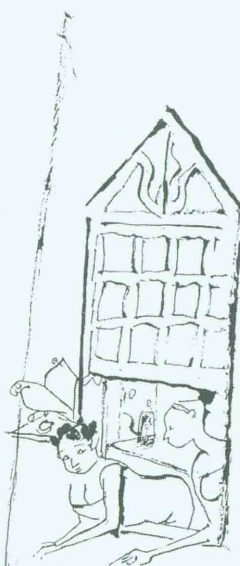
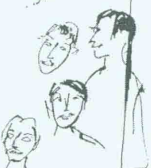


- 145 _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.295, n.?. Z/AV.n.
- 146 _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.295, n.?. Z/AV.n.
- 147 GATTAI, Zélia. [Carybé, Nancy Bernabó e Antonio Celestino]. Salvador, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.41, n.11. Z/AV.n.
- 148 _____. [Carybé observa Jorge Amado datilografando]. [Salvador], [19—]. 2 fots. P&B, 13,5 x 9cm; 24 x 18cm. Z/AV.ft.
- 149 _____. [Encontro de Jorge Amado, Carybé e Dorival Caymmi com Mãe Menininha]. [Salvador], [198-?] 1 fot. color., 9 x 12cm. Z/AV.ft.
- 150 _____. Inácio. [Salvador], [19—]. 1 fot. P&B, 18 x 24,5cm. Z/AV.ft.
- 151 _____. [Jorge Amado, Carlos Bastos, Alfredo Machado, Calasans Neto, Carybé e Romélia]. Salvador, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.282, n.6/6A. Z/AV.n.
- 152 _____. Salvador, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.282, n.7/7A. Z/AV.n.
- 153 _____. [Jorge Amado, Carybé, Alfredo Machado e Mirabeau Sampaio]. Salvador, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.282, n.26/26A. Z/AV.n.
- 154 _____. [Jorge Amado, Carybé, Dorival Caymmi e José Calasans]. [Salvador], [198-]. 1 fot. P&B, 11 x 8cm. Z/AV.ft.
- 155 _____. [Jorge Amado, Carybé e João Falcão]. Salvador, [196-?]. 1 neg. P&B, fl.189, n.20. Z/AV.n.
- 156 _____. Salvador, [196-?]. 1 neg. P&B, fl.189, n.21. Z/AV.n.
- 157 _____. [Jorge Amado, Carybé e Mirabeau Sampaio]. Salvador, 1970. 1 neg. P&B, fl.4, n.22. Z/AV.n.
- 158 _____. [Jorge Amado, Carybé e Mirabeau Sampaio]. Salvador, 1970. 1 neg. P&B, fl.4, n.23. Z/AV.n.
- 159 _____. [Jorge Amado, Carybé e Mirabeau Sampaio na Fonte Nova]. [Salvador], [197-]. 1 fot. P&B, 13,5 x 8cm. Z/AV.ft.
- 160 _____. [Jorge Amado, Carybé e Zélia Gattai]. Salvador, 1978. 1 neg. P&B, fl.232, n.?. Z/AV.n.
- 161 _____. Salvador, 1978. 1 neg. P&B, fl.232, n.?. Z/AV.n.
- 162 _____. [Jorge Amado, Carybé, Joao Jorge, James e Luiza Amado]. Salvador, 1978. 1 neg. P&B, fl.232, n.14/14A. Z/AV.n.
- 163 GATTAI, Zélia. [Jorge Amado, Carybé, Juca Chaves e Georges Moustaki]. Salvador, [1982?]. 1 fot. P&B, 8 x 11,5cm. Z/AV.ft.
- 164 _____. [Jorge Amado, Carybé, Nancy Bernabó e Mirabeau Sampaio]. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.20, n.?. Z/AV.n.
- 165 _____. [Jorge Amado, Carybe, Nancy Bernabó e Antoinette Hallery]. Paris, 1989. 1 neg. P&B, fl.115, n.8/8A. Z/AV.n.
- 166 _____. Paris, 1989. 1 neg. P&B, fl.115, n.9/9A. Z/AV.n.
- 167 _____. Paris, 1989. 1 neg. P&B, fl.115, n.10/10A. Z/AV.n.
- 168 _____. [Jorge Amado, Carybé, Nancy Bernabó, Antoinette Hallery, Antonio Celestino e Anny Claude Basset]. Paris, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.41, n.9/9A. Z/AV.n.
- 169 _____. Paris, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.197, n.6/6A. Z/AV.n.
- 170 _____. Paris, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.197, n.7/7A. Z/AV.n.
- 171 _____. Paris, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.197, n.8/8A. Z/AV.n.
- 172 _____. [Jorge Amado, Carybé, Nancy Bernabó e Mirabeau Sampaio]. Salvador, [198-?]. 1 neg. P&B, fl.20, n.23/23A. Z/AV.n.
- 173 _____. [Jorge Amado e amigos]. [S.I.], 1960. 1 fot. P&B, 9 x 13,5cm. Z/AV.ft.
- 174 _____. [Jorge Amado e Carybé]. [Salvador], [19—]. 1 fot. P&B, 18 x 24cm Z/AV.ft.
- 175 _____. [Jorge Amado e Carybé]. Salvador, [196-?]. 1 neg. P&B, fl.73, n.60/61. Z/AV.n.
- 176 _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.281, n.17. Z/AV.n.
- 177 _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.281, n.18. Z/AV.n.
- 178 _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.281, n.19. Z/AV.n.
- 179 _____. Salvador, [197-?]. 1 neg. P&B, fl.281, n.20. Z/AV.n.
- 180 _____. [S.I.], 1989. 1 neg. P&B, fl.187, n.10. Z/AV.n.
- 181 _____. Paris, [199-?]. 1 neg. P&B, fl.115, n.0/0A. Z/AV.n.
- 182 GATTAI, Zélia. [Jorge Amado e Carybé]. Paris, [199-?]. 1 neg. P&B, fl.115, n.1/1A. Z/AV.n.
- 183 _____. Paris, [199-?]. 1 neg. P&B, fl.115, n.2/2A. Z/AV.n.
- 184 _____. Paris, [199-?]. 1 neg. P&B, fl.115, n.3/3A. Z/AV.n.
- 185 _____. Paris, [199-?]. 1 neg. P&B, fl.115, n.4/4A. Z/AV.n.
- 186 _____. Paris, [199-?]. 1 neg. P&B, fl.115, n.7/7A. Z/AV.n.
- 187 _____. [Jorge Amado e Carybé em viagem a Portugal]. [Sobreiro], [197-]. 3 fots. P&B, 12 x 18cm. Z/AV.ft.
- 188 _____. [Jorge Amado, Nancy e Carybé em visita a uma escola]. [S.I.], [197-]. 2 fots. P&B, 13 x 8,5cm. Z/AV.ft.
- 189 _____. [Jorge Amado, Zelia e Carybé]. Salvador, [1978?]. 1 neg. P&B, fl.232, n.3A. Z/AV.n.
- 190 _____. [“Jorge, o acadêmico”, de Carybé]. [Salvador], [197-]. 1 fot. P&B, 24,5 x 18cm. Z/AV.ft.
- 191 _____. [Velório de Mãe Runhó]. [Salvador], [1975]. 1 fot. P&B, 20 x 29cm. Z/AV.ft.
- 192 GONDIM, Adenor. [Carybé]. [Salvador], [197-?]. 1 fot. P&B, 11,5 x 18cm. F/AV.ft.
- 193 _____. [Salvador], [197-?]. 1 fot. P&B, 18 x 11,5cm. F/AV.ft.
- 194 GONDIM, Adenor. [Carybé]. Salvador, [199-?]. 1 fot. P&B, 11,5 x 12,5cm. Z/AV.ft.
- 195 _____. [Cyro Gomes com Jorge Amado, Carybé e Antonio Imbassay]. Salvador: FCJA, 23dez1994. 1 fot. P&B, 10 x 15,5cm. J/AV.ft.
- 196 JORGE Amado: fotobiografia. Textos de Zélia Gattai e James Amado; fotos por Zélia Gattai, Otto Stupakoff, Clau Meyer, et. all. Salvador: Alumbamento; Livroarte, 1986. 196 p. il. J/PPb J71f por(BR)/esp(a).
- 197 JORNALVROS. Cacau/Jorge Amado. Ilus. de Carybé; trad. de Estela dos Santos; apres. de Miguel de la Madrid Hurtado e Frederico Mayor Zaragoza. Cidade do México: UNESCO, 1993. 67 p.: il. Suplemento de “O Globo”, Rio de Janeiro, Brasil. Edição bilingue. J/P J68 por/esp(a).
- 198 JORGE Amado povo e terra: 40 anos de literatura. Pref. de José de Barros Martins; capa de Carybe. São Paulo: Martins, 1972. 247 p. J/PPe J71p por(BR).
- 199 [JORGE Amado, Zélia Gattai e os amigos Carybé e Nancy]. [S.I.], 197-. 1 fot. P&B, 8,5 x 14cm. Z/AV.ft.

CARYBÉ



A. Jorge, 2 anos depois, esta
grande noite de Ubaldo
CARYBÉ
1970



CARYBÉ

200 LORRAINE, Bernard. Orixas do candomblé da Bahia. Trad. de Jose Paulo Paes; ilus. de Carybe. **Exu**, n.16/17, p.60-67 jul./out 1990

201 MAIA, Vasconcelos. **Histórias da gente baiana**. Pref. de Jorge Amado. São Paulo: Cultrix, 1974. 191 p. (Contistas do Brasil). J/PA.tx V451h por(BR).

202 MENDONÇA, Fernando Batinga de. **Canto de amor e guerra**. Salvador: Mensageiro da Fé, 1968. "Não paginado". (Momento Poesia, 1). J/PA.tx M495c por(BR).

203 MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **11 artistas da Bahia**. Apres. Luiz Fernando Macedo Costa; capa "Anjo com paxorô", des. de Carlos Bastos. Fortaleza, 1980. "Não paginado". Exposição realizada de 27 de novembro a 10 de dezembro de 1980. Artistas constantes da mostra: Carybé, Mário Cravo Júnior, Calasans Neto, Fernando Coelho, Jenner Augusto, Juarez Paraíso, Sante Scaldaferrí, Carlos Bastos, Floriano Teixeira, Emanuel Araújo, Mirabeau Sampaio. J/A .cl M974o por(BR).

204 OLINTO, Antonio. **O Rei do Keto**. Capa e ilus. de Carybé. Rio de Janeiro: Nórdica, 1980. 295 p. Autógrafo do autor para Zélia e Jorge Amado. Dedicatória para Zélia e Jorge Amado. J/PP.h O61r por(BR).

205 ORGANIZAÇÃO ODEBRECHT. **Relatório anual, 1995**. Salvador, 1995. 67 p. il. Contém fotografia do artista Carybé com Jorge Amado na pg.15. J/A.cl O72r por(BR).

206 PERIOLIBROS. **Cacao/Jorge Amado**. Ilus. de Carybé; trad. por Estela dos Santos. Mexico: UNESCO, jul. 1993. 29 p. il. Suplemento do Jornal ABC, Espanha. J/A .cl P523e esp(a).

207 PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **Rio Vermelho**. Salvador: AMARV, 1991. 274 p. Autógrafo do autor para Jorge Amado e Zélia Gattai no exemplar 1. J/PP.en P881r por(BR).

208 PORTUGAL, Claudius. **Outras cores**: 27 artistas da Bahia; reportagens plásticas. Apres. de Jorge Amado e Myriam Fraga; ilus. de Carybé, Mário Cravo Jr., Calasans Neto, et al. Salvador: FCJA; Telebahia, 1994. 105 p. (Casa de Palavras. Arte, 1). Autógrafo do autor para a Fundação Casa de Jorge Amado no exemplar 1. F/PA.cp.ar P885o por(BR).

209 POVOAS, Ruy do Carmo. **A Linguagem do Candomblé**: níveis sociolinguísticos de integração afro-portuguesa. Pref. de Celso Cunha; capa de Rogério Meier. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1989. 193 p. Autógrafo do autor para Zélia e Jorge Amado. Contém glosário. J/PP.ct P791l por(BR).

210 I GRANDE e tradicional caruru de Cosme e Damião: os ibejos da Bahia. Org. de Paloma Amado e Dadá; ilus. de Carybé. Salvador, 1997. Dossiê contendo: cardápio, guardanapo personalizado do evento, fotocópia da logomarca des. de Carybé. J/PP.h P95 por(BR).

211 REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: ensaio sócio-etnográfico. Apres. por Jorge Amado; ilus. de Carybé. Rio de Janeiro: Itapuã, 1968. 416 p. (Baiana). Livro dedicado a Zélia Amado. Autógrafo do autor para Jorge Amado e família. J/PA.tx R267c por(BR).

- 212 REIS, Raimundo. **Curral de bois**. Capa de Carybé. Salvador: Itapuã, 1969. 159 p. J/PA.tx R298c por(BR).
- 213 RIBEIRO, Simone. Sagrado e profano: uma questão de bom senso. Fotos por Adenor Gondim de esculturas de Carybé e Mário Cravo. **Exu**, n.31/32, p.46-49 jan./abr. 1993
- 214 RISÉRIO, Antonio. Oia-lansa: Orikis.Trad. dos Orikis por Antonio Risério e Ordep Serra. **Exu**, n.21, p.16-17 maio/jun. 1991.
- 215 _____. **Oriki Orixá**. Ilus. de Carybé. São Paulo: Perspectiva, 1996. 190 p. (Signos, 19). Autógrafo do autor para Jorge Amado e Zélia Gattai. J/PP.ct R473o por(BR)
- 216 ROCHA, Carlos Eduardo da. **As influências africanas nas artes da Bahia**. Ilus. de Carybé, Mário Cravo, Tati Moreno, Maria Adair, Yeda Maria, Cesar Romero, Jamison Pedro, Justino Marinho e Carlos Bastos. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1996. 42 p. Autógrafo para Jorge Amado no exemplar 6459. J/PA.tx R572i por(BR).
- 217 ROCHA, Carlos Eduardo. **Roteiro do Pelourinho**. Ilus. de Carybé. Salvador: Oficina do Livro; Academia de Letras da Bahia; Conselho Estadual de Cultura, 1994. 104 p. Autógrafo do autor para Jorge Amado. J/PP.ct R 571 por(BR).
- 218 SANTOS, Francisco dos. **Os orixás de cada dia na Bahia**. Apres. de Jorge Amado e Carybé. [S.l.:s.n.], [1986]. 10 cartões: Características dos orixás em inglês no verso de cada cartão. J/A .a S235o ing/por(BR).
- 219 A TARDE. **A cara do traço**. Caricaturas de Setúbal, Antonio Carlos, França Oliveira, Douglas Gentil Barbosa e Reinaldo Rocha Gonzaga; apres. de Jorge Calmon e Gutembuerg Cruz. Salvador, 1991. 77 p. J/A.a T189c. 3 ex por(BR).
- 220 TAVARES, Odorico. **Bahia: imagens da terra e do povo**. Ilus.de Carybé. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 298 p. J/PP.ct T228b por(BR).
- 221 _____. **Bahia imagens da terra e do povo**. Ilus.e capa de Carybé Rio de Janeiro: Tecnoprint, [19—]. 130 p. (Ediouro, 90894) J/AP T228b por(BR).
- 222 TAVARES, Paulo. **Criaturas de Jorge Amado**. Capa de Carybé; introd. de James Amado. São Paulo: Martins, 1969. 311 p. J/PP.e T232c por(BR).
- 223 _____. Capa de Carybé 2.ed. atual. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1985. 514 p. Dicionário biográfico de todas as personagens imaginárias, seguido de índice onomástico das personalidades reais ou lendárias mencionadas, de elenco de animais e aves com nomes próprios e de roteiro totponímico da obra de ficção de Jorge Amado, totalizando 4.910 verbetes. J/PP.e T232c por(BR).
- 224 VERGER, Pierre Fatumbi. **Ewe: o uso das plantas na sociedade iorubá**. Apres. de Jorge Amado; ilus. de Carybé. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 760 p. Contém glossário de plantas, nomes iorubá - científico. J/PA.tx V613e por(BR).
- 225 VERGER, Pierre Fatumbi, CARYBÉ. **Lendas Africanas dos orixás**. Pref. de Arlete Soares. 2.ed. São Paulo: Currupio, 1987. 93 p. J/A.a V613l por(BR).
- 226 VILHENA, Luís dos Santos. **A Bahia no Século XVIII**. Apres. de Edson Carneiro; notas e comentários de Braz de Amaral. Salvador: Itapuã, 1969. 965 p, 3 v. (Baiana). J/AP V757b por(BR).
- 227 **O VÔO da paz**: conceitos de escritores, poetas e artistas plásticos. Textos de Jorge Amado, Zélia Gattai, José Sarney et all. São Paulo: IBRASA, 1987. 117 p.; il. (Biblioteca Literatura e Arte, 67) J/PA.tx V921 por(BR).



CAZ3E



**Hector Julio Paride
Bernabó.** Dito assim,

muitos poderão não saber de quem se trata. Mas, ouvindo dizer, Carybé, podem ter ceteza, poucos deixarão de lembrar de alguma de suas pinturas, murais, desenhos, esculturas, gravuras, painéis, ilustrações, Em sua biografia constante em catálogos, Carybé teve como local de seu nascimento, Lanus, um subúrbio de Buenos Aires, Argentina, em 9 de fevereiro de 1911, tendo feito seus estudos primários em Gênova e Roma, secundários no Rio de Janeiro. Ainda segundo este seu currículo, viajou demoradamente pela América do Sul - Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru - desenhando ou pintando, para fixar-se em 1950 na Bahia, onde vive presentemente com Nancy, sua esposa e dois filhos. Mas esta é a versão oficial, para Jorge Amado a história é outra, e tudo isto tem o evidente intuito de confundir críticos de arte e enrolar biógrafos.

Vejam as cenas da vida-pobre, e popular da Bahia - as choupanas entre coqueiros, o povo nas 'invasões', ao longe o mar sem igual no mundo, o mercado tão cheio de cor e movimento - e se darão conta de que alguém capaz de assim pintar a Bahia com tamanho conhecimento e tão extremado amor não poderia fazê-lo por mais talento que possuísse, se não houvesse ali nascido!

Encurtando a conversa, Carybé é desde 1957 naturalizado baiano, isto é, legalmente cidadão brasileiro, e em 1963, ganhou o título de Cidadão de Salvador, em 1976, Cavaleiro Grão-Mestre da Ordem do Mérito da Bahia, em 1982 Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia.

Somando-se a todos estes, o de Obá do Candomblé Axé-Opó Afonjá. Alguém mais baiano? Se restar alguma dúvida esta agora fica pertencendo ao bairro que nasceu, já que dele dizem ser um exímio tocador de berimbau, um cantor de sambas de rodas, um frequentador dos mercados, um ofertante de Yemanjá, um devoto da pimenta e do dendê, além de outras façanhas ou vivências. Esquecendo a naturalidade, passemos para o trabalho. Dele é esta declaração: *Gosto de gente, de bichos, da terra. Cada coisa tem uma linguagem própria, através da qual pode ser expressa. O mural, a pintura a óleo ou têmpera vinil, tudo são formas para fixar meu trânsito por este mundo.*





*Exu adora
movimento,
não sabe ficar
quieto, usa azul e
vermelho e está
sempre abrindo
caminhos.
Igualzinho
ao UEC.*



345-0100 • 336-0503

Pituba • Vitória

<http://www.uec.com.br>



JERUSA PIRES FERREIRA

Uma parabólica pensante

A independência intelectual da baiana Jerusa Pires Ferreira espanta. Acreditando numa cultura móvel que não discrimina segmentos, ela analisa fenômenos de massa sem o ranço acadêmico. A fala de Jerusa parece repetir a escritura que assina. Ensaísta por excelência, ela costura mitos, imagens e nomes até formar um quadro da sua existência, a partir da construção de sua memória. Confira nesta entrevista à **Exu** o que disse a autora de **Cavalaria em Cordel, Fausto no Horizonte, Arma-dilhas da Memória, O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas**, professora de ECA-USP e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP., sobre a relação com a Bahia, o sertão e a cultura contemporânea.

Nem aquele que ficou, nem aquele que partiu de vez – De repente, eu me dou conta de uma citação que cabe bem aqui. Gosto muito do filme **Na Cama com Madonna**. Acho Madonna excelente atriz. É um filme sério, que mostra uma competência e um profissionalismo extraordinários. Ela enfrenta problemas com a censura num show que vai fazer. Ela diz que enfrenta qualquer coisa, em qualquer lugar, menos em Detroit, porque é o pedaço da sua infância, da sua família, onde está o seu pai. Lá está toda uma vigilância

sobre ela que não existe em outras partes. Estou me lembrando, também, do Miguel Torga que, ao voltar para Trás-os-Montes, depois de viver muitos anos no Brasil, diz: *Eu percebi que para lá do Marão mandam os que lá estão*. Ele sentiu que estava bastante deslocado de todo aquele universo que tinha deixado um dia. De uns tempos prá cá, a vivência da Bahia tem sido muito forte para mim. Tenho mantido casa, vindo regularmente quase todos os meses, mas eu não sou nem aquele que ficou, nem aquele que partiu de vez. Sou alguém que tem um pé aqui e outro lá. Isso é muito interessante, mas perturbador. A essa altura, eu nem sei se sou de Salvador, porque a construção do meu dia-a-dia é em São Paulo.

Bahia: anos 50 e 60. Quem me devolve esse tempo?

– Foi o momento áureo da UFBA., da Rectoria de Edgard Santos, da cultura da Bahia ligada com avanços da modernidade, do teatro de Martim Gonçalves, da Escola de Dança, do Seminário de Música com a presença de Koellreutter, mas eu não tive essa vivência, fui subtraída! Quem me devolve esse tempo? Eu não tive essa inserção. Houve um espaço, um imenso vácuo para quem se casou muito cedo em um tipo de sociedade patriarcal, protetora. Éramos, então, eu e Myriam Fraga nos enriquecendo uma com a outra, conversando interminavelmente... Era uma construção clandestina de algo que nos foi roubado. Eu não posso falar de geração!...

O grande sertão – Duas coisas

marcaram muito a minha formação e a minha vida. Uma foi o sertão, uma opção interna, afetiva. A outra, o Ginásio da Bahia. Eram os dois espaços da minha liberdade. O sertão era o mundo do meu pai, um indivíduo que tinha uma memória espantosa. Meu pai é de Bonfim de Feira. Feira de Santana, terra onde nasci, e Bonfim de Feira, para mim, são referências povoadas de toda essa coisa que eu sempre quis recuperar. Meu pai tinha na memória os desafios de cantadores, romances de cegos, todo esse conjunto da vida sertaneja. Minha mãe tinha a fixação urbana, querendo me fazer elegante, de acordo com o modelo da época. Devo dizer que meus tios Orlando, Humberto e Evandro Castro Lima deixaram marcas muito fortes na minha formação e na minha sensibilidade. Mas, eu me voltava para o sertão, intensamente. Fugia de Salvador para Feira de Santana, que era o espaço onde estavam muitas das minhas referências. Uma coisa engraçada é que quando me falam em Bahia, eu penso no sertão. O sertão, a Fazenda Paus-

Altos foi a minha grande matriz, daí minha relação tão estreita com Elomar. Eu cresci ouvindo vaqueiros, montando a cavalo, conhecendo gado, a tal ponto que o Boris ficou muito impressionado, recentemente, na



fazenda de meu irmão, porque me viu atuando com gado, ele não pensava que eu era capaz de amarrar uma vaca. Mas o meu grande sertão desapareceu, não existe mais. O sertão prá mim é uma consciência extremamente dolorosa. A família do meu pai se dispersou. Alguns dos meus primos re-

sentam aquela visão de latifúndio e de conservadorismo que eu rejeito profundamente e

que me incomoda. Ficou como uma suspensão, como o quarto de Manuel Bandeira, intacto e suspenso no ar. Porém, eu digo mais: eu só me sinto bem, quando estou no sertão. Bem em plenitude. O mandacaru, o gavião, o pé de quixaba, os ruídos, o cheiro da terra... O sertão é o grande desafio. E eu tentei recompor esse sertão em Ribeirão Preto. Comprei terra lá, pensando em viver lá, e depois eu percebi que era uma



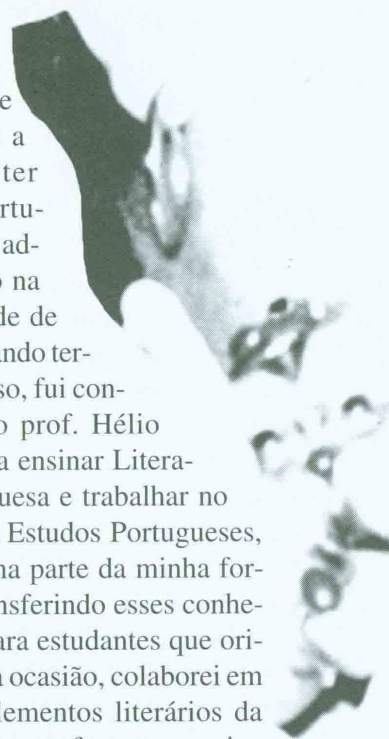
transposição, uma criação fantasiosa de um lugar perdido. Isso é uma coisa tão forte em mim que, na Armênia ou na Geórgia, quando vi situações que me lembravam o sertão, eu achava que era ali que eu devia ficar. Pastores, cabras, campos me traziam essa noção de assentamento que eu nutria.

Universidade e papel social

– Eu fiz a duras penas um curso universitário de Letras, na UFBa., porque entrei, tranquei, tinha filhos pequenos (Rubinho, Ricardo e Keko) e, naquela época, se achava ruim que uma mulher casada estudasse. Eu diria que supri essa coisa toda lendo dicionários e enciclopédias.

D a v a

cursos em casa: português, inglês e latim. Tive a sorte de ter mestres portugueses que admirei muito na Universidade de Lisboa. Quando terminei o curso, fui convidada pelo prof. Hélio Simões para ensinar Literatura Portuguesa e trabalhar no Instituto de Estudos Portugueses, onde fiz uma parte da minha formação, transferindo esses conhecimentos para estudantes que orientei. Nessa ocasião, colaborei em alguns suplementos literários da Bahia. Alguns professores que tive na UFBa me marcaram muito e até destaco um fato interessante – Judith Grossmann nunca foi minha professora, porque quando ela chegou eu já estava no final do curso, mas as suas idéias me instigavam por via indireta.



Literatura Portuguesa – Fui para Portugal como mulher de engenheiro, sem curso nenhum porque havia interrompido os estudos no primeiro ano de faculdade. Lá, eu conheci Manuel Rocha, diretor do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, que disse: *essa moça tem que aproveitar o potencial dela*. Ele e Maria Tereza me fizeram contatos e, assim, pude estudar na Universidade Clássica de Lisboa, onde tive três grandes mestres, decisivos na minha formação: Luis Felipe Cintra (além de tudo, era o homem mais bonito que já vi na minha vida), um mártir da liberdade, em Portugal, no

EDITOR PROP: J. JOSÉ DA SILVA

A Princeza Maricruz e o Cavaleiro do Ar



momento do salazarismo e um filólogo, professor de Filologia Românica e Literatura Medieval, um homem que se propôs a se reeducar, enquanto os catedráticos estavam cheios de empáfia; Maria de Lourdes, Belchior Pontes, que é uma extraordinária especialista em barroco e o Jacinto de Prado Coelho. Com a base que eu ganhei em Lisboa, comecei a escrever artigos para **A Tarde**. Outra pessoa que também teve um papel importante na minha formação foi Antonio Luiz Machado Neto, filósofo. A minha relação com ele foi tão forte que eu ia, regularmente, para a Biblioteca Pública estudar os livros que ele indicava. Por causa disso, eu comecei a estudar alemão. Machado me mandava bilhetes em alemão nas provas! Eu tinha 16 anos.

A conciliação do caráter com a vida

— Quando eu voltei de Portugal, concluí o curso de Letras e fiz concurso para ser professora de Literatura Portuguesa, que fui durante vários anos na Universidade Federal da Bahia. Adiei por muitos anos o Mestrado, porque, nas minhas condições de vida, eu não podia deixar a Bahia. Mas, resolvi fazê-lo na área das Ciências Humanas e o tema era o sertão. Procurei o Prof. José Calasans e fiz a minha tese com ele — **Cavalaria em Cordel** — resultando em livro que até hoje assino embaixo. É um estudo aproveitando a erudição que eu havia adquirido no trato com as coisas portuguesas e medievais para ver o sertão com uma perspectiva nova. Eu trabalhei com o material de leitura do mundo medieval para compreender os ciclos narrativos nordestinos que tratavam do sertão. Esse livro é um marco na minha vida, o começo desses

estudos aos quais me dedico até hoje. Isso me lembra muito uma sequência do Lévi-Strauss, no livro **Tristes Trópicos**. Ele começa o livro contando a sua passagem pela filosofia, pelo marxismo, compara esses conhecimentos a espécies de depósitos geológicos, até chegar num momento em que descobre a etnografia e o estudo das culturas indígenas. Aí ele pára e diz: *Nesse momento conciliou-se o meu caráter com minha vida*. Quando eu pude reunir as reflexões sobre literatura, sobre o mundo medieval, com o sertão foi o grande momento de conciliação do meu caráter com a minha vida. Daí pra cá, toda a minha criação tem seguido esses pólos e esse roteiro.

Em 1977, fui fazer o Doutorado em São Paulo, orientada por Ruy Coelho, um sábio. Vivenciei uma experiência nova: a participação em assembleias, discussões estudantis e pude seguir, de perto, a redemocratização do país. Esse momento foi partilhado com Olímpio Pinheiro, então, meu companheiro. Nesta etapa, contaram muito para mim as experiências dos Seminários Internacionais de Semiótica em Urbino (Itália) e o contato com grandes pensadores contemporâneos. Foi, também, nessa época



que comecei uma correspondência com Paul Zumthor. A partir daí, surgiram a grande amizade, a interlocução e os rumos que o meu trabalho intelectual iria tomar.

Atualmente, além de estar recuperando segmentos criadores, materiais que reuni em minha trajetória, estou preocupada em construir um conjunto de obra que traduza tudo isso.

Cultura — Eu queria ter oportunidade de explicar a minha concepção de cultura. Não hierarquizo, nem divido. Tanto me interessa o grande fluxo do texto oral, tradicional, como as experiências de vanguarda, as experimentações contemporâneas. Da mesma maneira que conta para mim o texto escrito, me interesso pelo texto visual, essa relação da cultura como uma coisa viva e não segmentada. Tenho tido contato com o mundo que denominei de cultura das bordas e que inclui personagens como Rubens Lucchetti, escritor dos roteiros de Zé do Caixão. Por outro lado, me situo numa confluência que inclui as experimentações mais arrojadas, um diá-



logo permanente com Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman. Nós herdamos do século 19 a concepção das Belas Letras. Até onde vão as Belas Artes ou as Belas letras? Recentemente, ouvi alguém dizer que o João Cabral era o grau zero da oralidade, alguém com um trabalho tão precioso, tão assentado na contemporaneidade que a oralidade ficava de lado mas Décio Pignatari afirma que João Cabral é mesmo, em certo sentido, um poeta barroco. Todo mundo se assusta. Vou para casa, pego **Educação pela pedra** e releio. Vejo que João Cabral é um poeta barroco. Todo o ritmo da poesia portuguesa está lá, da literatura de cordel. É essa grande fusão que me interessa, em que se juntam o popular de massa, o não popular, a vanguarda extrema. E quanto mais a gente avança nas vanguardas, a gente

percebe que essa concepção de cultura é a que permite nos situar diante do nosso tempo.

Mass media – A televisão não é o mal dos males. O mal dos males é o absurdo da repetição, do empobrecimento. Não é o meio. Por outro lado, apesar de tudo, não vejo a cultura de massas como a negação total da cultura tradicional. Adorno que me perdoe. O Tiririca, por exemplo, é um fenômeno curioso! Porque ele recupera

uma linguagem infantil, um conjunto de conhecimentos desse cômico, desse grotesco, que estão depositados nas bases da cultura do povo, em certo sentido. Há uma energia que passa dentro dessa repetição. O terrível é a overdose, a máquina destruidora das coisas, a velocidade. Eu adorava a novela “O Rei do Gado”, via regularmente. Acho que ela passava determinados sintomas do social, determinados segmentos... Me tocou fortemente. Eu via coisas ali da minha infância, quase como um enredo popular prévio que está depositado no imaginário. Eu escrevi um texto sobre Arnaldo Antunes que será publicado num livro **Som e Signo** (no prelo). Ele é um dos poetas mais fortes desse momento, com essa coisa multimidiática que não recusa o espaço da televisão. A coisa do meio em Arnaldo Antunes me parece uma conquista importante: livro, vídeo, show. É um trabalho extremamente simbiótico. Eu não sou uma semiótica ortodoxa, mas me interessa muito essa coisa de pegar linguagens diferentes e fazer elas dialogarem cada uma dentro do seu próprio modo de construção. Eu considero Arnaldo um trovador contemporâneo por excelência.

Memória – É um tema que estou enfocando muito, não só em relação ao que se lembra, mas em relação ao que se esquece. Tenho oferecido alguns cursos sobre esse tema no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, onde atualmente ensino, oriento teses e coordeno o **Centro de Estudos da Oralidade** e o **Núcleo de Poéticas da Oralidade** fortemente marcados pela minha concepção integradora de cultura e pelo contato com outros pesquisadores e insti-

tuições no exterior. Atuo ainda na Universidade de São Paulo (USP), onde, também, oriento teses. A memória, atualmente, é um dos assuntos que mais me interessam, ao lado das discussões com meu irmão Guilherme sobre natureza, cultura e biologia. Eu não vejo a memória como um assentamento fixo, mas como um grande espaço móvel, dialeticamente construído. Existe uma memória proibida; existe o recalado. A memória é o grande ato de seleção que compatibiliza ou incompatibiliza você com seu grupo social. A memória não existe em si própria, ela é relacionada com determinados tempos e determinados espaços. Existe a memória que reproduz e reinventa. O passado é uma construção ficcional. Memória é, também, ficção.

A criação. A minha escritura é ensaística. É nos achados que as metáforas vão se construindo. Ela é profundamente analógica. Não escrevo poesia, conto ou romance, mas quem sabe se, em breve, não tomo a Imperatriz Eudóxia de Bizâncio, que já foi minha personagem num ensaio e me reúno a ela em uma ficção que não exclua a auto-biografia?



Os últimos africanos em Salvador

Latimado Nf
esse amarelo
fatiado, e
Cliché R. Lindemann, Bahia
luta linda
Prospero Noul



K. Creoula — Bahia

Campinas 2-1-1969
Lendo o livro de Nina Rodrigues
sobre os negros e os negros
e os negros, eu viendo-
se a população presente
e a população de fora

21
EX

“Foi presa de bem profunda emoção que assisti em 1897 uma turma de velhos nagôs e haussás, já bem perto do termo da existência, muitos de passo incerto e cobertos de alvas cãs tão serôdias na sua raça, atravessar a cidade em alvoroço, a embarcar para a África, em busca da paz do túmulo nas mesmas plagas em que tiveram berço. Dolorosa impressão a daquela gente, estrangeira no seio do povo que a vira envelhecer curvada ao cativeiro e que agora, tão alheio e intrigado diante da ruidosa satisfação dos inválidos que se iam, como da recolhida tristeza dos que ficavam, assistia indiferente ou possuído de efêmera curiosidade, àquele emocionante espetáculo da restituição aos penates dos despojos de uma raça destroçada pela escravidão”¹

Notas

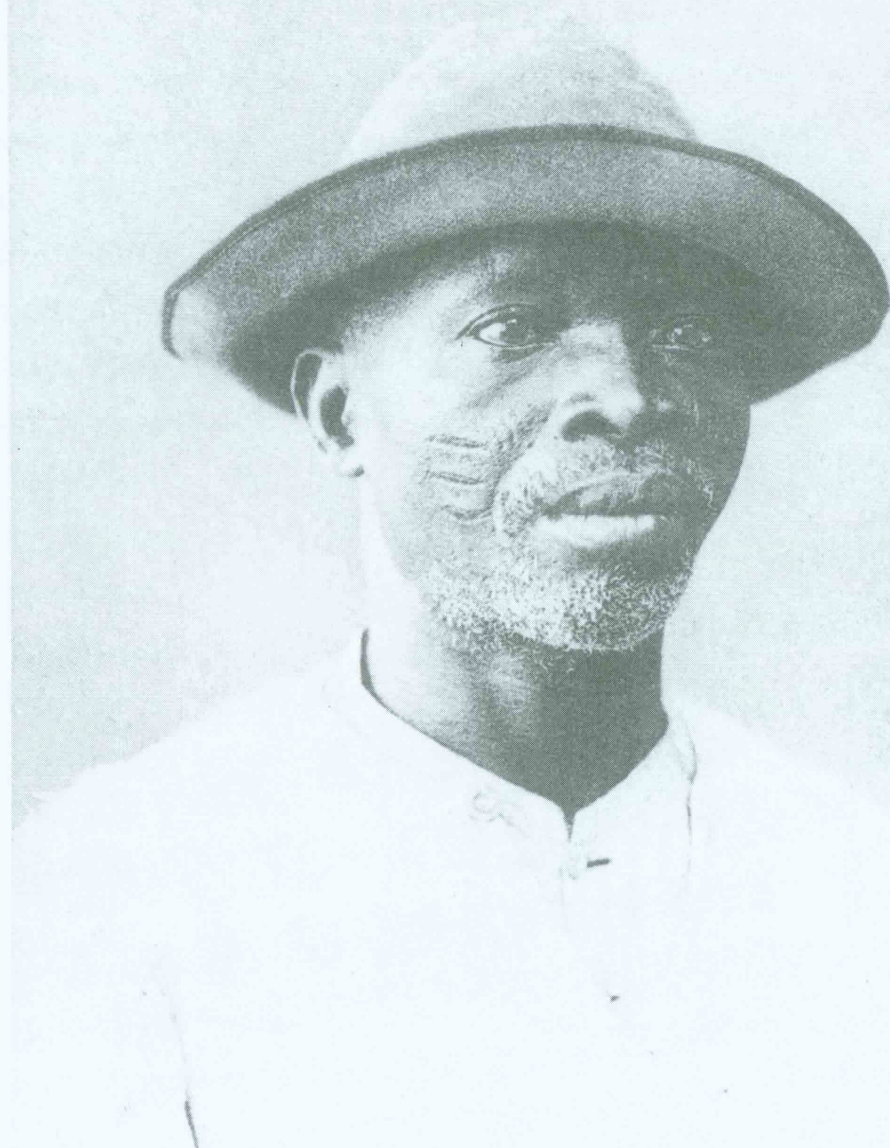
- 1 Rodrigues, Nina. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.

Segundo Nina Rodrigues, após a Abolição existiam em torno de 2.000 africanos em Salvador. E, em 1903, de acordo com os seus cálculos, restavam apenas 500 africanos na cidade².

No seu relato pungente dos embarques para a África, mostra que velhos são os viajantes e, por sua vez, preconiza a extinção “da colônia africana, apenas representada nos últimos velhinhos sobreviventes”³.

Considerando que o tráfico de escravos cessou em 1850, é de se presumir que a maioria dos africanos ainda existentes, tivesse mais de 50 anos. Os dados coletados no Arquivo Público do período de 1889 a 1913 e os dados dos óbitos dos cemitérios de Salvador de 1892 e 1901 confirmam tal perspectiva; possuindo os africanos, respectivamente 94,75, 79,5% e 82,9% dos falecidos com mais de 60 anos⁴.

Após a Abolição da escravatura e a proclamação da República, para os grupos dominantes identificados com o modelo branco da prestigiosa civilização européia, tornava-se fundamental deter o processo de ascensão, mesmo limitado e minoritário, e manter o controle dos ex-escravos e seus descendentes. A inexistência de estatuto civil diferenciador entre negros e brancos, de acordo com a constituição republicana e democrática, demandou o retorno de elementos antigos, demarcadores, de natureza racial da formação portuguesa⁵, devidamente atualizados na ordem social que se instaurou. O critério racial, tendo por base a cor e seus componentes coadjuvantes, tornou-se o principal vetor restritivo à ascensão social e a marca da desqualificação do suposto cidadão. A inferioridade biológica e cultural dos negros e os problemas deriva-



Carregador africano — Bahia

+ porque a tempos eu te mandei um postal e não tive resposta agradeço a tua atenção. Sem mais acicito minha saudade e um abraço do teu velho Am
Ocho D. Lindemann Bahia
Bo Dia. Saudade de todos de aqui.

dos da mestiçagem, constantes nas “teorias raciais nacionalizadas”⁶, sincronizaram-se perfeitamente com o ideário dos grupos dominantes, porém, nada disso era exposto diretamente. Primeiro, porque definir publicamente a inferioridade do negro seria uma forma de despertar formas de organização societárias homogêneas na população majoritariamente não-branca. Segundo, tal perspectiva conflitava inteiramente com a ordem jurídica instalada, onde o modelo liberal regulamentava a esfera pública. Muito mais efetiva era a construção de atributos, a partir da vivência, das práticas,

do cotidiano dos negros pobres de Salvador, tornados “naturais” – vadio, violento, criminoso, alcoólatra, sem família organizada, feiticeiro –, a caracterizar negativamente a sua situação. Os elementos presentes na cultura de segmentos das camadas pobres tornaram-se componentes permanentes do ser negro em Salvador, daí a equação negro igual a pobreza e vice-versa. Por sua vez, forjou-se uma identidade contrastiva entre negros e brancos. O negro era o outro inferior e incivilizado, em relação ao branco, superior e portador dos padrões civilizatórios europeus. Representações e ações, preconceito e discriminação racial, inoculados no dia-a-dia, na vivência cotidiana de negros e brancos a gerar em todos os segmentos da sociedade a internalização dos valores e condutas racistas.

Para os grupos dominantes, por sua vez, para a constituição da nova nação fundamental seria extirpar o símbolo do atraso da nossa vida cultural, a lembrança trágica da nossa “herança selvagem”, ou seja, as práticas culturais de origem africana. A imagem dos costumes africanos era entendida como uma composição oscilante e vaga do animal e do humano, como uma projeção da barbárie. Formas de reativação de emoções primitivas, geradoras de desprezo, mas também de temor, contrapondo-se à inserção da nova nação no processo civilizatório ocidental. A política de exclusão da presença africana, visualizada expressamente na repressão policial aos candomblés, se desencadeia, de maneira sistemática, ao longo das primeiras décadas do século XX. É verdade que a ação desenvolvida objetivava atingir sobremodo os negros baianos, majoritários demograficamente, pois seria um desastre caso se mantivessem como portadores das marcas culturais dos “selvagens africanos”.

Porém, os africanos, embora poucos e envelhecidos, eram ainda a presença virtual, “material”, da herança que os grupos dominantes pretendiam extirpar. Se, pela insignificância numérica e idade, já não eram o objeto maior da ação ostensiva e persecutória das autoridades e grupos dominantes, permaneciam discriminados, hostilizados e desqualificados pela sociedade envolvente. Eram internados como loucos: *Diz Joanna Maria da Conceição, africana, que tendo sido recolhida a Cadeia de Correção, a africana Antonia Maria da Conceição, como alienada, e não se achando a suplicante alienada como se diz e sim pello seu estado de velhice... requer se digne mandala entregar afim de ser a mesma tractada em sua companhia*⁷.

Vale ressaltar na solicitação acima, o caráter da

solidariedade grupal, uma marca expressiva dos últimos africanos em Salvador. Eram vítimas de “brincadeiras”: *“Hontem, as 3 horas da tarde, o individuo de nome Agapito José do Nascimento divertia-se a laçar um velho africano, quando succedeu este cahir, contundindo região frontal direita”*⁸

O “desconforto” na sociedade anfitriã muitas vezes os impelia a desfechos trágicos, como foi o caso de Honorato de Sant’Anna: *Às 2 horas da tarde de hontem, na Capelinha. estrada de 2 de julho, 1º distrito de Brotas, suicidou-se o africano Honorato de Sant’Anna, que contava mais de 70 annos de idade e residia alli, em companhia de seu filho Eusébio de tal, pedreiro, solteiro e bastante conhecido naquelle logar. O infeliz africano, que ultimamente soffria de mania de perseguição, aproveitando-se da ausencia de Euzebio, amarrou num dos caibros do tecto da casa uma corda, enforcando-se immediatamente, sem que isto percebessem duas raparigas enteadas do filho do suicida, as quaes, momentos depois, depararam com o tristonho quadro*⁹

Entretanto, a maioria dos últimos africanos em Salvador já havia aprendido a desenvolver um estilo de resistência que se fazia através de constante negociação onde, para manter vivo o mundo africano, faziam concessões muitas vezes aparentes, formais, ao mundo dos brancos. Estabeleceram uma leitura correta da forma como a sociedade os considerava, do seu papel liminar - nem brasileiro, nem estrangeiro – que exigia redobrada atenção e respeito, com ênfase no âmbito público, às normas legais

2 Rodrigues, Nina. op. cit. 98.

3 Rodrigues, Nina. op. cit. p. 100.

4 Os documentos coletados no Arquivo Público do Estado da Bahia. República. Seção Judiciária estão distribuídos da seguinte forma: Inventários - 47; Testamentos - 23; Testamentos e Inventários - 26; e Processos de Arrecadação - 25. Total de 121. Mapa dos Cadáveres sepultados nos Cemitérios do campo Santo, Quinta dos Lázaros, Brotas, Santíssima Trindade e Nossa Senhora de Escada. Anos de 1892 e 1901. Arquivo Municipal de Salvador.

5 Boxer, C.R. Pureza de Sangue e Raças Infectas in: *O Império Colonial Português*. Lisboa, Edições 70, 1969.

6 Sobre as teorias raciais na Bahia, ver: Schwarcz, Lília Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pp. 189 a 238.

7 Correspondência expedida e recebida, Gabinete do Chefe de Polícia, 14 de agosto de 1893. Arquivo Público do Estado da Bahia, Seção Judiciária.

8 Diário de Notícias, 11/12/1903, p.3.

9 Jornal A Bahia, 03/08/1906, p.2.10 Campos, J. da Silva. Ligeiras

e sociais. Assim, participaram da festa da Abolição, “sem barreiro, nem matinada” e ao contrário dos crioulos e mulatos “nenhum se embriagou”¹⁰. Eram, segundo a imagem traçada por Nina Rodrigues e Silva Campos, “submissos, ordeiros, sóbrios, laboriosos, econômicos, honestos e fiéis”¹¹. E essa imagem amortecia as possíveis hostilidades, abrindo caminho para o fortalecimento de suas redes no mundo do trabalho, para a manutenção do grupo e a preservação de um mundo africano em Salvador.

Os últimos africanos e sua trajetória em Salvador

Dos 121 Testamentos, Inventários e Processos de Arrecadação pesquisados, sendo 61 homens e 60 mulheres, foram identificadas as ocupações de 44 africanos¹². As atividades desenvolvidas pelos últimos africanos concentravam-se no pequeno comércio, nos serviços de “ganho”, na lavoura e no artesanato urbano, com mais de 80% dos casos. Permaneciam, de forma geral, em atividades que exerciam sob a ordem social escravista. Trabalhavam homens e mulheres, com o predomínio das ocupações de natureza autônoma.

Tratando dos últimos africanos em Salvador, Nina Rodrigues confirma: *Passou para eles o período de grandes atividades. Limitam-se hoje ao pequeno comércio e*

*a fretes. As mulheres, em vendas ou quitandas, nas portas das casas, ou ambulantes em tabuleiros, praticam o comércio urbano de comidas feitas, especialmente dos preparados culinários africanos, muito do sabor da população, de condimentos, frutos, legumes, produtos da Costa (xoxó, abuxó, azeite-de-dendê, banha, obi, pequenos objetos de serventia doméstica, contas usadas na África e utilizadas nas práticas do culto nagô-jeje). Dos homens, os mais válidos são ganhadores ou mario-las; poucos conduzem ou carregam as últimas cadeirinhas ou palanquins, outros são aguadeiros; alguns, pequenos lavradores ou criadores nos arrebal-des ou roças da vizinhança da cidade. Outros ainda são criados ou encarregados de zelar pelo asseio dos grandes prédios da cidade baixa ou comercial*¹³.

Os documentos analisados, de forma geral, excetuando a nomenclatura, não apresentam maiores características das ocupações, porém, a relação dos bens legados nos oferecem indícios significativos. Através dos mesmos, observamos a manutenção dos vínculos comerciais com a África, por exemplo, na importação de azeite-de-dendê. Victorino dos Santos Lima, negociante do produto, ao morrer, possuía depositado no trapiche União, em 24/10/1891, *seis ponches da marca MB que vieram de Lagos no vapor inglês Biafra*¹⁴. Mas, sobretudo reiteram a afirmativa de Manuela Carneiro da Cunha que *as importações da Bahia eram motivadas por valores ét-nicos e religiosos, estes sustentando, aliás, aqueles*¹⁵. Isso pode ser visto expressamente ao inventário de José Fortunato da Cunha, que possuía entre os seus bens: *Três tabaques sendo um em coro, uma caixa de pinho com quinhentos e tantos obis... uma galinha da costa... 60 panos da Costa*¹⁶. Mais contundente na caracterização de tal aspecto, é o depoimento de Miguel Santana¹⁷, um afro-baiano que vivenciou com profundidade a presença dos africanos em Salvador nos inícios do século: *Eu já lhe falei de Hilário? Um preto alto? Ele morava aqui no Largo do Pelourinho, morava com a mãe. O nome dela era Maria. Embaixo eles tinham uma quitanda onde negociavam com artigos da Costa. Ele era de Xangô. Ele era brasileiro, mas a mãe dele era africana. Quando a mãe morreu, Aninha*¹⁸ *que morava na Rua dos Capitães com umas africanas a quem chamava de tias veio morar com ele e trabalhar na quitanda. A*

OCUPAÇÃO X SEXO (1889 -1913)

OCUPAÇÃO	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Negociante	9	30,3	3	21,4	12	27,3
Nego. de peixe	0	--	1	7,1	1	2,3
Vend. ambulante	0	--	1	7,1	1	2,3
Quitandeira	0	--	1	7,1	1	2,3
Ganhador	6	20,0	1	7,1	7	15,9
Lavrador	6	20,0	1	7,1	7	15,9
Doméstica	0	--	5	35,5	5	11,3
Artista	4	13,3	0	--	4	9,0
Proprietário	1	3,3	1	7,1	2	4,5
Pedreiro	1	3,3	0	--	1	2,3
Operário	1	3,3	0	--	1	2,3
Aguadeiro	1	3,3	0	--	1	2,3
Indigente	1	3,3	0	--	1	2,3
Total	30	99,8	14	99,7	44	100

FONTE: APEBa - Seção Judiciária - Série Inventários e Testamentos



D. Greoula - Bahia

ando-te esta linda creola, na
aparencia) no qual estremece
encontra o grande saudade e felicidade
R. Lindemann, Bahia Assim como as mães tuas

mercadoria que Hilário vendia era boa, não tinha nada falsificado, porque naquele tempo já se falsificava o sabão, o caríssimo sabão da Costa. Ele vendia também pra fazer feitiço, vendia ori, quer dizer limo da Costa, pano da Costa, vendia búzio, orobô.¹⁹

Encontramos por sua vez, africanos identificados como lavradores, com roças na periferia da cidade. Casos como o de Abrão de Barros Reis que em seu testamento, lega a sua mulher africana liberta, uma roça com duas casas edificadas dentro da mesma com frentes para a

Estrada do Retiro e para a Ladeira de São Gonçalo, com terreno próprio avaliado em 6.000\$000 Réis²⁰.

Inês Oliveira, em seu trabalho sobre os africanos na Bahia (1750-1890), diz que a liberdade não implicava em nenhuma forma de trabalho diferente para o liberto em relação ao escravo. Muitos deles, inclusive, continuavam a viver em condições iguais ou piores que as existentes sob a escravidão. Entretanto, em relação aos africanos libertos, observa que alguns obtiveram um certo sucesso em suas vidas, acumulando um relativo patrimônio e tornando-se conhecidos e respeitados entre os africanos e outras camadas sociais²¹.

A documentação consultada em relação aos últimos africanos em Salvador, reitera a perspectiva estabelecida pela citada historiadora²². De acordo com os dados, não apresenta-se nenhum destaque patrimonial entre as atividades ocupacionais – comércio, ganho lavoura, artesanato, proprietário – seja pelo número limitado de casos, seja pela amplitude e generalização das categorias. Vale considerar que a documentação tanto poderia refletir a última ocupação, no momento de testar ou de morte, ou a

10 notas sobre a vida íntima costumes e religião dos africanos na Bahia. in: **Anaes do Arquivo Público da Bahia**. Bahia. Imprensa Oficial, 1946 (Volume XXIX) 1943, p. 291.

11 Rodrigues, Nina. op. cit. p. 101 e Campos, J. da Silva, op. cit., p. 296.

12 Quadro: "Ocupação X Sexo".

13 Rodrigues, Nina, op. cit. p. 101.

14 APEBa. Inventário de Victorino dos Santos Lima. Doc. 07/2927/06 - Ano 1891 - República. Seção Judiciária.

15 Cunha, Manuela Carneiro da. **Negros, Estrangeiros. Os escravos libertos e sua volta à África**. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 119.

16 APEBa. Inventário de José Fortunato da Cunha. Doc. 01/13056/10. Ano 1889. República. Seção Juudiciára.

17 Miguel Santana foi uma das mais importantes figuras do candomblé da Bahia. Foi um dos primeiros Obás de Xangô, com o nome de Obá Aré, na Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá.

18 A ialorixá Eugenia Ana dos Santos, Aninha, foi a figura mais expressiva dos candomblés da Bahia nas primeiras décadas do século XX. Iniciada muito cedo, Aninha, com pouco mais de trinta anos, já fazia sua primeira filha-de-santo no Engenho Velho. Devido a desentendimentos na Casa Branca retirou-se do tradicional candomblé, fundando o seu próprio terreiro, a casa de Xangô Afonjá.

19 Castro, José Guilherme da Cunha (org.). **Miguel Santana**. Bahia, Edufba-CEAO/Secretaria de Cultura e Turismo e Grupo Cultural Olodum (no prelo).

20 APEBa. Testamento de Abraão de Barros Reis. Documento 07/28/74/04. Ano 1894. República Seção Judiciária.

21 Oliveira, Maria Inês Côrtes de. *Retrouver une identité: jeux sociaux des africaines de Bahia. (vers 1750 - vers 1890)* Paris, Université Paris - Sorbone (Paris IV) These pour le Doctorat en Históire, 1992, p. 391.

22 Quadro: "Ocupação X Patrimônio".

ocupação considerada preponderante, embora várias vezes já de há muito não exercida.

Os maiores patrimônios com a indicação das ocupações são os de Francisco da Costa Nunes, negociante, com patrimônio líquido de 12:036\$000; Justiniano Maineto, negociante de madeira, com três propriedades e vários créditos, tendo um patrimônio de 10:658\$797 e Francisco Ribeiro Folhas, pedreiro, com várias casas térreas e um patrimônio líquido de 10:900\$000²³. Porém, entre todos os africanos, sem indicação de ocupação, as maiores fortunas amealhadas são de duas mulheres, a demonstrar a notável capacidade de iniciativa e o sentimento de independência das africanas chegadas à Bahia²⁴. Uma, Maria do Carmo Friandes, solteira, falecida em 18 de fevereiro de 1892, residente na Rua do Moinho, no Tororó, freguesia de Santana, com um filho, o tenente Manoel Friandes, artista, e uma filha natural legítima, Maria Paixão Sales Pontes. Legou aos seus sucessores 1 casa assobradada, 18 casas térreas, 1 telheiro, 1 terreno, ações e apólices, totalizando um patrimônio líquido de 64:387\$601. A outra, Justa Maria de Sant'Anna, casada, falecida em 21 de abril de 1906, com apenas 1 filho vivo, residente a Rua Direita de Santo Antonio. Ao morrer possuía 1 sobrado, 1 casa assobradada e 3 casas térreas, perfazendo um patrimônio de 56:105\$875²⁵.

Na Primeira República um professor primário municipal ou um mestre da Companhia Docas da Bahia ganhava em média R\$250:000 mensais. Confirma-se, portanto, a assertiva do etnógrafo Nina Rodrigues ao dizer

que *Alguns fizeram pequenas fortunas bem regulares, muitos foram ou são proprietários*²⁶.

Inês Oliveira e Silva Campos constata que, em 1849 e 1875 respectivamente, a Freguesia de Santana concentrava uma parte considerável da comunidade africana²⁷. No Mapa de Cadáveres²⁸ de 1901 e nos Testamentos e Inventários, a Freguesia de Santana, seguida pela de Santo Antonio, aparece como a região de maior con-

LOCAL DE RESIDENCIA				
FREGUESIA	1901		1889-1913	
	Nº	%	Nº	%
Santana	11	28,9	23	32,9
Santo Antonio	06	15,8	16	22,9
São Pedro	05	13,2	09	12,9
Passo	03	7,9	06	8,5
Penha	04	10,5	5	7,1
Vitória	04	10,5	04	5,7
Brotas	--	--	03	4,2
Pilar	02	5,3	--	--
Sé	02	5,3	--	--
Conceição	01	2,6	02	2,9
TOTAL	38	100	70	100

FONTE: Arquivo Municipal, Mapa de cadáveres de 1901 e APEBa - Seção Judiciária - Série Inventários e Testamentos

centração de africanos em Salvador. Entretanto, os dados indicam que eles estavam distribuídos em todo o espaço central da cidade. Miguel Santana, no seu relato, oferece um rico quadro da presença dos africanos no centro antigo de Salvador: *ao pé da ladeira do Alvo havia uma senhora africana chamada Dadá, de 124 anos, que também tinha uma quitanda de mercadorias da Costa; os africanos tinham casas onde as pessoas iam prá ver a sorte, o futuro. Havia casas na rua do Hospício, na rua de Baixo,*

*na rua da Faisca; na subida da ladeira de São Miguel, do lado esquerdo, moravam diversas africanas, tias africanas*²⁹.

Os Inventários e Testamentos não indicam a origem étnica dos africanos – excetuando dois casos³⁰ – mas provavelmente, seguindo a arguta observação de Nina Rodrigues – *cada qual procura e vive com os de sua terra*³¹ – o local de residência refletia as divisões étnicas já presente nos mundos do trabalho e da religião. De acordo com Inês Oliveira, a opção preferencial de viver no meio dos “parentes de nação” foi um comportamento constante entre os africanos da Bahia³².

Embora sem a origem étnica, conforme veremos a partir dos dados sobre a família e o parentesco, o que

OCUPAÇÃO X PATRIMÔNIO (em Réis) 1889-1913																
PATRIMÔNIO	IGN.		até 200		201 a 1000		1100 a 2000		2100 a 10000		10100 a 50000		50100 a 200000		TOTAL	
Ocupação	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Negociante	--	--	1	8,3	3	25,0	1	8,3	5	41,7	2	16,7	--	--	12	9,9
Neg. peixe	--	--	--	--	1	100,0	--	--	--	--	--	--	--	--	1	0,8
Vend. ambul.	--	--	1	100,0	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	0,8
Quitand.	--	--	--	--	--	--	--	--	1	100,0	--	--	--	--	1	0,8
Ganhador	1	14,3	--	--	2	28,6	--	--	4	57,1	--	--	--	--	7	5,8
Lavrador	--	--	--	--	2	28,6	2	28,6	3	42,8	--	--	--	--	7	5,8
Doméstica	1	20,0	--	--	--	--	1	20,0	3	60,0	--	--	--	--	5	4,1
Artista	--	--	--	--	--	--	--	--	4	100,0	--	--	--	--	4	3,3
Propiet.	--	--	--	--	--	--	--	--	2	100,0	--	--	--	--	2	1,7
Pedreiro	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	100,0	--	--	1	0,8
Operário	--	--	--	--	1	100,0	--	--	--	--	--	--	--	--	1	0,8
Aguad.	--	--	--	--	--	--	1	100,0	--	--	--	--	--	--	1	0,8
Indigente	--	--	1	100,0	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	0,8
Ign.	18	23,4	4	5,2	21	27,2	14	18,2	15	19,5	3	3,9	2	2,6	77	63,6
TOTAL	20	16,5	7	5,8	30	24,8	19	15,7	37	30,6	6	4,9	2	1,7	121	100
FONTE: APEBa., Seção Judiciária Inventários e Testamentos, 1889 - 1913.																

FONTE: APEBa., Seção Judiciária Inventários e Testamentos, 1889 - 1913.



• Ganhador africano

se consagra é a endogamia grupal. O estado civil dos africanos em Salvador, seguindo os dados dos inventários e testamentos era o seguinte:

A predominância do celibato legal, jurídico - 55,6% dos casos - não implica, conforme veremos através do número de filhos legitimados e da indicação de uniões consensuais, na ausência de família³³. Muitos eram os africanos que declinavam nos Testamentos as parceiras. Casos como o de Bonifácio Braga declarou: *Instituo minha única e universal herdeira Ludgera Luisa da Fé, minha companheira de muitos anos e que sempre me tractou com muita amizade*. Ou o de Samuel Joaquim Pereira Marinho, se-

ESTADO CIVIL (1889-1913)							
SOLTEIRO		CASADO		VIÚVO		TOTAL	
M	F	M	F	M	F		
Nº 30	25	17	12	03	12		99
% 30,3	25,3	17,2	12,1	3,0	12,1		100

FONTE: APEBa Seção Judiciária Inventários e Testamentos

gundo o qual tinha uma filha com Justina Maria do Rosário, *também africana, falecida, mas com a qual se poderia ter casado, pois com ela vivia teúda e mantendamente, habitando o mesmo teto*³⁴.

Corroborando o afirmado acima, entre os africanos, os solteiros aparecem com a maior frequência de filhos³⁵. Isso pressupõe evidentemente fortes vínculos entre pais e filhos, na medida em que são legitimados para efeito de sucessão e herança.

Segundo Katia Mattoso, as famílias naturais a partir da segunda metade do século XIX, representam uma

23 APEBa. Inventário de Francisco da Costa Nunes. Doc: 01/29/31/07. Ano: 1898. República. Seção Judiciária. Inventário e Testamento de Justiniano Maineto. Doc: 07/2930/01. Ano: 1889. República. Seção Judiciária. Inventário de Francisco Ribeiro Folhas. Doc: 07/2886/10. Ano: República. Seção Judiciária.

24 A iniciativa e o sentimento de independência das africanas são consideradas em: Verger, Pierre. A contribuição especial das mulheres aos candomblés do Brasil. in: *Artigos* Tomo I. São Paulo. Corrupio, 1992, pp. 99 a 106. Com perspectivas mais complexas, temos os trabalhos de: Woortmann, Klaas. *A família das mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987 e Segato, Rita Laura. Inventando a Natureza: Família, Sexo e Gênero no Xangô do Recife. I: *Anuário Antropológico* 85. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1986, pp. 11 a 54.

25 APEBa. Inventário e Testamento de Maria do Carmo Friandes. Doc: 07/2888/13. Ano: 1904 e Inventário e Testamento de Justa Maria de Sant'Anna. Doc: 07/3179/02. Ano: 1911. República. Seção Judiciária.

26 Rodrigues, Nina. op. cit. p. 101.

27 Oliveira, Maria Inês Côrtes de. op. cit. p. 256 e Campos, J. da Silva. op. cit. p. 291.

28 Quadro "Local de Residência".

29 Castro, José Guilherme da Cunha (org.) op. cit.

30 No Inventário de Francisco da Costa Nunes (Doc: 01/30/33/06 - Ano: 1898) ele é dado como natural da Guiné e no Inventário e Testamento de Antonia Maria do Bonfim Tavares (Doc: 07/2888/04. Ano: 1899) ela é tida como natural de Guncí.

A complexidade e a amplitude da expressão Guiné pode ser vista em, Filho, Luís Viana. *O Negro na Bahia*. Rio, José Olympio Editora, 1946. pp. 24 a 26 e 41 a 47. O termo Guiné refere-se a uma área geográfica da África do passado e não a um grupo étnico.

Segundo Vivaldo da Costa Lima, "Os grunces - ou gruncis - são um povo do grupo lingüístico Gur - que alguns autores chamam de Voltácio - e eram conhecidos na Bahia antigamente como "nação de galinha". Lima, Vivaldo da Costa. op. cit. p. 42 e também p. 20. O mesmo autor oferece em "O Candomblé da Bahia na década de 30" uma explanação detalhada sobre os grunces. Oliveira, Waldir Freitas e Lima, Vivaldo da Costa. *Cartas de Edison Carneiro a Artur Ramos*. De 4 de janeiro de 1936 a 6 de dezembro de 1938. São Paulo. Corrupio, 1987, p. 54. ver também, Rodrigues, Nina. op. cit. pp. 110 a 112.

31 Rodrigues, Nina. op. cit. p. 101.

32 Oliveira, Maria Inês Côrtes de. op. cit. p. 391.

33 Sobre as uniões consensuais ou amasiamento, ver: Azevedo, Thales de. Família, casamento e divórcio. in: *Cultura e situação racial no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. pp. 122 a 124.

34 APEBa. Testamento de Bonifácio Braga Doc 07/2964/31. Ano: 1893 e Inventário e Testamento de Samuel Joaquim Pereira Marinho Doc: 08/3455/19. Ano: 1901. República. Seção Judiciária.



rejeição do modelo de casamento europeu cristão, *uma espécie de ruptura, de reação contra a cultura dominante, verdadeira tentativa de afirmação de identidade cultural própria*³⁶. Entretanto, o modelo familiar legal, cristão ou civil, não deve ser confundido com uma completa aceitação dos cânones brancos. Ao contrário, em muitos casos ele pode revelar-se como uma estratégia de resistência e afirmação do grupo diante da sociedade local. Dos 13 casamentos que encontramos a data, todos são processados após 1870 e dos 14 que tivemos a idade do matrimônio, os noivos tinham mais de 40 anos. Portanto,

casamentos tardios que, não podem ser explicados unicamente pelo desejo de constituir família³⁷.

Nos Inventários e Testamentos consultados duas parecem ser as motivações conducentes ao casamento. Primeiro, a consagração formal de uma união de fato, provavelmente para dirimir futuras questões de sucessão. Ilustra perfeitamente tal situação, o casamento de Antonio José da Cunha Marelin, ganhador, de 70 anos, com Thereza Maria da Conceição, serviços domésticos, de 67 anos, ambos residentes a Ladeira de Santana, *onde os noivos declaram que viviam há muito tempo em união ilícita, tendo uma filha de nome Germana com 41 anos mais ou menos*³⁸. O casamento ocorreu 4 dias antes do falecimento de Antonio Marelin. Segundo, o casamento represen-

tava um acordo de confiança e ajuda mútua para a sobrevivência dos indivíduos e do grupo. O apoio, a solidariedade, a troca mútua de atenções suplantavam as diferenças de idade e desigualdades de posse, porventura existentes. Por exemplo, Amaro Manoel Soledade, com 85 anos, casou-se, em 1897, com Paulina Maria da Conceição, de 44 anos³⁹. Por sua vez, a já citada Justa Maria de Sant'Anna, de muitas posses, "maior de sessenta anos de idade", casou-se, em 1899, com Benedito Querino Antonio.

Porém, seja com o amasiamento ou o casamento, a união se expressava como uma definida estratégia de afir-

mação grupal no momento em que se casavam os últimos africanos. Dos 63 casos em que encontramos alguma forma de união, consensual ou legal, 59 ocorreram entre africanos e 4 uniões foram entre africanos e crioulos.

Todos os herdeiros pertenciam ao mundo africano seja por afinidade, filiação, inclusive a família de origem, parentesco ritual (comadres e afilhados) ou filiação étnica (africanos)⁴⁰.

A maioria dos herdeiros (64,2%) era formada por parceiros e filhos. Porém, os demais casos, de forma majoritária, implicavam na expansão dos laços de família. Legando aos seus parentes de origem, como exemplificou Pedro Ribeiro José da Rocha, no seu Testamento: *Declaro ter vivido sempre solteiro, não ter filhos ou outro qualquer parente a exceção de um irmão de nome Tobias Teixeira Gomes, africano liberto, morador nesta capital. Instituo como meus únicos e legítimos herdeiros, ao dito meu irmão e a africana liberta Quitéria Maria da Conceição Penna, entre os quais serão divididos igualmente*⁴¹.

Também José Travessa, no seu Testamento, declarou herdeiro de sua casa térrea à Misericórdia seu irmão João da Cruz e sua sobrinha Maria⁴². Ou Justiniano Maineto, próspero comerciante de madeiras, que deixou 1:000\$000 para seu sobrinho Hermenegildo Julio de Sant'Anna, residente na Corte e estabelecido na praça das marinhas⁴³. Bens eram concedidos a parentes rituais, como foi o caso de Maria Joaquim Anastácia que deixou para sua comadre Victória Maria da Conceição a casa nº 243 a Rua da Poeira⁴⁴. Ou, Inez Moreira de Pinho que disse no seu Testamento: *Deixo a minha afilhada Anna Tereza de*

*Jesus, residente nesta capital em cuja companhia me acho, o pequeno prédio que possuo sito à fazenda Matança*⁴⁵

Por sua vez, em 11,4% dos casos, os herdeiros eram africanos. Cassimiro Carolino Augusto declarou no seu Testamento, em 1893: *São herdeiros dos meus bens em partes iguaes, Delfina Maria D'Oliveira, africana, moradora nesta capital, Thelma Maria de Jesus, residente actualmente em Pernambuco, africana, e a Joanna Maria da Conceição e a Maria da Piedade, africanas, com a condição de darem a Maria Thereza da Conceição, residente na Costa D'África e que dizem ser minha filha e como tal a considero, filha de Thereza de tal, africana, e já falecida, a quantia de quinhentos mil réis em moeda do paiz...*⁴⁶

Vale ressaltar que Cassimiro Augusto era procurador de vários africanos que juntavam dinheiro para o retorno à África⁴⁷. Situações como a de Antonio Gomes que deixou sua casa à Rua Direita de Santo Antonio para as africanas Fortunata Maria Barreto e Joaquina Maria da Conceição⁴⁸. Ou José Procópio Cerqueira Lima, que tornou a africana Adriana Roza Garcia, sua única herdeira⁴⁹. No único caso em que o herdeiro estava fora do gru-

35 Quadro "Número de filhos X Estado civil"

36 Mattoso, Kátia de Queirós. **Família e sociedade na Bahia do século XIX**. São Paulo: Corrupio; Brasília: CNPq. 1988. p. 106.

37 Segundo Kátia Mattoso, os motivos estão contidos no desejo de ajuda mútua e de solidariedade diante de uma sociedade expressamente hostil. Mattoso, Kátia. op. cit. p. 158.

38 APEBa. Inventário de Antonio José da Cunha Marelin. Doc: 01/102/152/01. Ano 1895. República. Seção Judiciária.

39 APEBa. Inventário de Amaro Manoel Soledade. Doc: 07/2888/02. Ano 1899. República. Seção Judiciária.

40 Anexo. Quadro V.

41 APEBa. Testamento de Pedro Ribeiro José da Rocha. Doc: 01/108/163/03. Ano: 1903. República. Seção Judiciária.

42 APEBa. Testamento de José Travessa. Doc: 07/3140/07. Ano: 1892. República. Seção Judiciária.

43 APEBa. Inventário e Testamento de Justiniano Maineto.

44 APEBa. Inventário e Testamento de Maria Joaquim Anastácia.

45 Inventário e Testamento de Inez Moreira de Pinho. Doc: 07/3250/03. Ano: 1902. República. Seção Judiciária.

46 APEBa. Inventário e Testamento de Cassimiro Carolino Augusto. Doc: 08/32/92/09. Ano: 1901. República. Seção Judiciária.

47 O seu Testamento esclarece que "ele era procurador de outros africanos que juntavam dinheiro pretendendo voltar a Costa da África, como é o caso dos suplicantes Delfina Maria de Oliveira e Maria Piedade".

48 APEBa. Testamento de Antonio Gomes. Doc: 01/108/164/01. Ano: 1898. República. Seção Judiciária.

49 APEBa. Testamento de José Procópio Cerqueira Lima. Doc: 01/93/132/02. Ano: 1898. República. Seção Judiciária.

NÚMERO DE FILHOS X ESTADO CIVIL

nº de filhos estado civil	SOLTEIRO				CASADO				VIÚVO				TOTAL	
	M	&	F	%	M	%	F	%	M	%	F	%	Nº	%
00	15	50,0	7	28,0	10	58,8	8	66,7	1	33,3	7	58,4	48	48,5
01	8	26,7	7	28,0	4	23,5	1	8,3	1	33,3	3	25,0	24	24,2
02	5	16,7	4	16,0	--	--	2	16,7	--	--	1	8,3	12	12,1
03	2	6,6	2	8,0	1	5,9	1	8,3	--	--	--	--	6	6,1
04	--	--	3	12,0	--	--	--	--	--	--	--	--	2	2,0
05	--	--	1	4,0	1	5,9	--	--	--	--	--	--	2	2,0
06	--	--	--	--	--	--	--	--	1	33,3	--	--	1	1,0
07	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
08	--	--	--	--	1	5,9	--	--	--	--	--	--	1	1,0
09	--	--	1	4,0	--	--	--	--	--	--	--	--	1	1,0
TOTAL	30	30,3	25	25,3	17	17,2	12	12,1	3	3,0	12	12,1	99	100

FONTE: APEBa - Seção Judiciária - Série Inventários e Testamentos

po, os vínculos com o mundo africano foram mantidos. João Bastos, no seu Testamento, em 1900, afirma: *Não tenho actualmente filho natural, por terem fallecidos os que tive. Nomeio para meu testamenteiro a Santa Casa de Mizericórdia d'esta cidade, a qual instituo única herdeira do pouco que possuo e consiste na propriedade que resido à Rua dos Zuavos número 153 municipal, distrito de Sant'Anna, com a condição de entregar aos africanos Roberto Francisco Nogueira, Bernardo Macieira e Felix, a todos tres conjunctamente a quantia de dois contos de reis, para applicarem, parte no meu enterramento e suffragios por minha alma e parte para darem o destino que lhes hei recomendado, relevando-os do encargo de prestarem conta d'esta quantia porquanto nêlles tenho confiança plena em desempenharem o que lhes recomendei*⁵⁰.

O que se revela, inclusive na recomendação não expressa, era a total confiança do testador nos seus patrícios.

Portanto, os dados demonstram os fortes vínculos com a comunidade de origem, quem sabe a expansão do grupo doméstico, mas seguramente um alargamento da noção de família. Uma noção não contida apenas no laço biológico, ou por afinidade, mas também sedimentada por solidariedades e alianças advindas do “parentesco construído” no Novo Mundo e das relações emanadas da terra ancestral.

Tratando do século XIX, tanto Maria Inês Oliveira quanto Pierre Verger, asseveraram ser o verdadeiro testamento dos africanos oralmente transmitido, devido ao silêncio em relação à sua cultura nas fontes documentais oficiais⁵¹.

Nesse momento, após a Lei Áurea, já havia uma expressa afirmação documental de sua herança cultura. Reagindo à consideração de que na Costa D'África não há família legitimamente constituída através da nomeação dos seus pais. Cassiano Godinho, com 70 anos, declarou ser filho do africano Loucumo e da africana Fatimbô e David Eustaquio disse ser filho legítimo de Oluôrôco (Bonfim) e de Adbom Mojó (Francisca)⁵². Já declarando a sua religião. De forma sutil como José Joaquim Ferreira: *Minha filha fará o meu enterro com decência, procedendo de acordo com a minha religião e a dela*⁵³. De maneira explícita,

como Cassimiro Carolino Augusto que iniciou o seu testamento dizendo: *Segundo a religião dos meus pais*⁵⁴. Ou Francisco Pinto de Oliveira, que afirmou a sua fé no Islã: *Deixo ao africano Abrahão Tourinho um conto de réis para ele com minha mulher, promover as orações e cerimônias da Costa D'África, tirando a licença (fidaú) do Liname*⁵⁵.

Nina Rodrigues faz a etnografia da presença malê em Salvador: *No entanto, pelo menos um bom terço dos velhos africanos sobreviventes na Bahia é muçulmi ou malê, e mantém o culto perfeitamente organizado. Há uma autoridade central, o Imã ou Almámy, e numerosos sacerdotes que dele dependem. O Imã*

*é chamado entre nós Limamo, que é evidentemente, uma corrupção ou simples modificação de pronúncia de Almámy ou El Imámy. Os sacerdotes ou verdadeiros marabus chamam-se na Bahia alufás. Conheço diversos: a ladeira do Taboão, nº 60, o haussá Jatô; na mesma rua nº 42, o nagô Derisso; no largo do Pelourinho, na ladeira das Portas do Carmo, o velho nagô Antônio, com casa de armador junto à Igreja de Nossa Senhora do Rosário; um haussá na ladeira do Alvo; outro na rua do Fogo; dois velhos haussás no Matatu*⁵⁶.

Quadro 5 HERDEIROS	
Companheiro ou companheira Marido ou esposa	24
Companheiro ou companheira e filho	3
Companheira e sobrinha	1
Companheira e afilhado	2
Companheira, africano e afilhado	1
Filhos	21
Filhas e netas	1
Filha e afilhado	1
Filha e africana	2
Filha, africano e afilhada	1
Filhos, parente afilhados e africano	1
Irmão e sobrinho	1
Irmão e Africana	1
Netos	2
Sobrinha	1
Genro	1
Afilhada	1
Afilhada e africanos	2
Comadre e africanos	1
Africanos e crioula	1
Santa Casa de Misericórdia	1
TOTAL	70
FONTE: APEBa., Seção Judiciária Inventários e Testamentos, 1889 - 1913.	

Manuel Querino, por sua vez faz o seguinte relato da missa dos malês (Sara): *É cerimônia que só efetua por ocasião de grande regosijo na seita ou para sufragar as almas dos crentes no Alcorão. Pela manhã era servida uma mesa, em que sobressaía a toalha muito alva, de algodão, ocupando a cebeceira o chefe Lamqne, como*

lugar de honra⁵⁷.

Muitos filhos de africanos, nascidos crioulos, não mais estrangeiros, afastaram-se do grupo e das suas tradições, preferindo o modelo prestigioso do mundo dos bran-



cos. Provavelmente foi esse o caso de dois filhos de Cassiano Godinho, Damião e Tibúcio, *os quaes não são de sua vontade que entrem no testamento por o haverem abandonado e desrespeitado, até mesmo na sua moléstia*⁵⁸. Mas, outros tantos, mantiveram-se vinculados ao grupo, preservando sua herança cultural, sobretudo religiosa. E, assim, um pedaço de Salvador permaneceu e permanece com sólidas raízes africanas.

Conclusões

Na Bahia dos finais do século passado e primeiras décadas do século XIX, contrapondo-se aos dispositivos igualitários da República, são elaborados mecanismos de exclusão, de natureza biológica e cultural, impeditivos à real integração do negro na sociedade.

São construídos atributos, a partir da vivência dos negros pobres de Salvador, estigmatizantes, conducentes a sua “naturalização” na sociedade. Representações e ações para “manter o negro no seu lugar”, sacralizar a dominação dos grupos autoidentificados como brancos e estreitar qualquer possibilidade de ascensão dos descendentes de escravos. Mas, para construir a nova nação era indispensável extirpar a lembrança trágica de nossa “herança selvagem”, isto é, as práticas culturais de origem africana. Elas eram elementos restritivos a nossa integração ao sonhado padrão civilizatório ocidental, bran-

50 APEBa. Testamento de João Bastos. Doc: 07/3030/15. Ano 1900. República. Seção Judiciária.

51 Oliveira, Maria Inês Côrtes de. **O liberto: o seu mundo e os outros**. São Paulo, Corrupio, 1988. pp. 70-71 e Verger, Pierre. **Os libertos: sete caminhos na liberdade de escravos da Bahia no século XIX**. São Paulo, Corrupio, 1992, pp. 87-88.

52 APEBa. Testamento de Cassiano Godinho. Doc: 02/1345/1814/10. Ano: 1891, e Testamento de David Eustaquio. Doc: 04/1938/2410/18. Ano: 1889. República. Seção Judiciária.

53 APEBa. Inventário e Testamento de José Joaquim Ferreira. Doc: 07/2951/03. Ano: 1907. República. Seção Judiciária.

54 APEBa. Inventário e Testamento de Cassimiro Carolino Augusto.

55 APEBa. Testamento de Francisco Pinto de Oliveira. Doc: 07/2968/15. Ano: 1906. república. Seção Judiciária.

56 Rodrigues, Nina. op. cit., p. 61. A etnografia da presença islâmica nos fins do século XX, efetivada pelo autor, prossegue das páginas 62 a 68.

57 Querino, Manuel. **A raça africana e os seus costumes**. Salvador, Progresso, 1995, pp. 106-107.

58 APEBa. Testamento de Cassiano Godinho.

co, europeu. A sua disseminação entre os negros brasileiros seria um desastre inimaginável para a perspectiva alençada pelos grupos dominantes da sociedade. Deveriam e foram duramente reprimidas. Conforme veremos adiante já era tarde e insuficiente a ação simples das “patas dos cavalos e dos sabres”.

Porém, existia ainda um complicador na política encetada, a marca visível da presença africana, ou seja, os últimos africanos, poucos e envelhecidos, mas ainda presentes. Pela insignificância numérica e idade, já não eram o objeto maior da ação ostensiva e persecutória das autoridades e grupos dominantes, entretanto, permaneciam hostilizados, discriminados e desqualificados pela sociedade envolvente.

Contudo, para os africanos, de uma forma geral, não havia novidades e eles souberam com sabedoria e prudência, reagir. Já haviam sofrido no século XIX, sobretudo após a Revolta dos Malês em 1835, a política de intolerância e virtual exclusão do africano liberto da sociedade baiana⁵⁹. Foram, então, estabelecidas medidas discriminatórias contra os africanos libertos, no âmbito legal, policial e da exclusão de certas ocupações, visando, entre outros aspectos, encorajar o retorno à África⁶⁰. Segundo Manuela Carneiro da Cunha, tivemos em torno de 8.000 libertos voltando para a África a partir da Bahia⁶¹. Essa perspectiva de retorno, nada espontâneo, conforme vimos, se mantém entre alguns dos últimos africanos. Porém, muitos africanos permaneceram em Salvador, não obstante as perseguições e discriminações de ordem social e política. Já sabiam como movi-

mentar-se, estabelecer relações, adaptar-se; a uma sociedade que, em vários planos, lhes era hostil.

Os últimos africanos são um exemplo da enorme capacidade de sobrevivência, de adaptação, historicamente construídas, dos povos de além-mar no Brasil.

No mundo do trabalho, em sua quase totalidade permaneciam em ocupações que já exerciam na ordem social



social escravista. Trabalhavam homens e mulheres, porém, em grande parte em ocupações de natureza autônoma. Atividades que lhes permitiam sobreviver, mas não só; atividades que em muitos casos entrecruzavam-se com as suas origens, valores étnicos e religiosos. Mantinham através delas, conforme vimos, a África sempre presente, materialmente sobretudo, na Bahia. Já cultivavam as suas roças na periferia da cidade, longe do olhar vigilante das autoridades e grupos dominantes da época. E, presumivelmente, quantas não foram base para futuros “terreiros” ou já o eram então?

Modestos materialmente, em sua maioria, é verdade, mas já alguns formando razoáveis patrimônios, pequenas fortunas, sobretudo mulheres. Distribuídos por toda a cidade, porém, conforme asseveram os dados, concentrados no centro antigo de Salvador. Provavelmente ainda divididos etnicamente, mas demonstrando enfaticamente através das uniões, famílias e heranças a afirmação da endogamia grupal. Coesão cimentada em uniões estáveis, formais - religiosa ou civil - e consensuais, mas também em formas poligínicas, como foi o caso de Justiniano Maineto com três filhos de mulheres diferentes e conseqüentes matrifocalidades. Mães, como Justa Maria de Sant’ Anna, com 5 filhos de pais diferentes, a aparecer como o centro da unidade familiar, denotando a independência e autonomia das mulheres africanas em Salvador. Africanos que, já na documentação oficial, mostravam a face de sua verdadeira cultura, oralmente transmitida cotidianamente. Ciosos da importância da preservação de suas tradições, chegavam a deserdar os filhos que se afastavam do grupo.

Conforme asseveramos anteriormente, a política racista aliada “às patas do cavalo e dos sabres” foram insuficientes para deter a disseminação das práticas culturais de origens africanas na Bahia. Os africanos, e os últimos tiveram papel proeminente, souberam, com astúcia e habilidade, preservá-las e transmiti-las aos seus descendentes. – Com sabedoria conquistaram aliados entre os poderosos, como retrata Miguel Santana na sua exposição sobre os visitantes das casas das tias africanas: *Lá também iam vários tipos de pessoas porque tudo era direito, no lugar. Ia gente decente, tudo; mas essa gente importante ia por debaixo do pano porque naquele tempo era tudo escondido*⁶²

Os africanos, seus descendentes como Hilário, Aninha, Martiniano do Bonfim, Miguel Santana, aliados aos fascínio e temor que exerciam sobre os grupos dominantes souberam manter a África viva em Salvador. Isso per-

mitiu, não obstante o racismo e a repressão, que Salvador se mantivesse, até os dias de hoje, como a mais sólida cultura de raízes africanas das Américas.

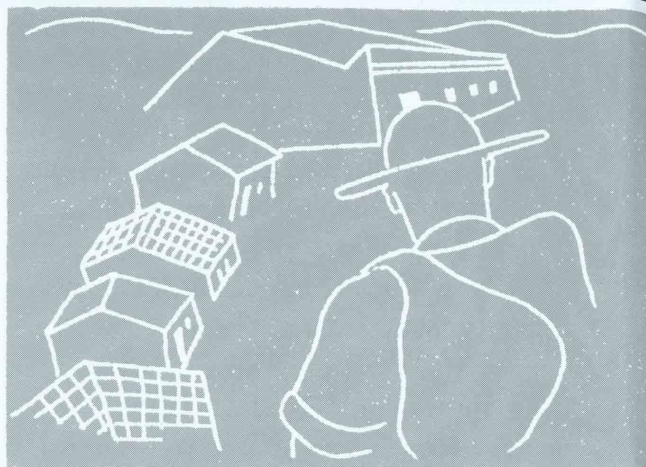
59 Reis, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

60 Cunha, Manuela Carneiro da. **Negros, estrangeiros. Os escravos libertos e sua volta à África**. São Paulo, Brasiliense, 1985. pp. 74-100.

61 Cunha, Manuela Carneiro da. op. cit. p. 213.

62 Castro, José Guilherme da Cunha. (org) op. cit.

Jorge Amado:



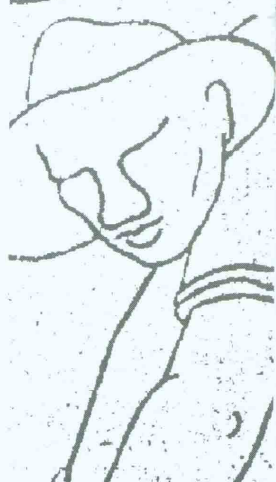
historicidade e poder nos romances do “cacau”

O aspecto regionalista da obra de Jorge Amado já foi objeto de vários estudos. Os romances que integram o “ciclo do cacau”¹ são considerados, em relação àqueles que também situam suas narrativas no espaço rural - o da zona do agreste -², como os mais representativos, na literatura brasileira, da vida nesta parte do Nordeste do Brasil. Segundo Foucault,³ os temas



constituem uma estratégia, uma das linhas principais da abordagem analítica. A temática rural, presente nesses

romances, trata de uma dramática fase de transição, onde uma economia agrária começa a ser substituída por uma outra forma de economia: a do capitalismo.



Amado, como qualquer outro escritor regionalista da sua época, pinta o retrato de um novo naturalismo, que é a expressão da decadência econômica e política dos proprietários de terras, que devem recuar ou se curvar diante de uma nova elite burguesa ou aristocrática (representada nos romances pelos exportadores). Este novo grupo tem seus valores baseados no dinheiro e não mais na terra, como era o caso das figuras dos desbravadores de terras – os coronéis.

O naturalismo amadiano tenta, então, revelar o processo de degradação acentuada desta parcela da elite burguesa brasileira,



em uma terra fértil, onde não somente as figuras dos herdeiros, mas também a figura tradicional do proprietário de terras, devem se adaptar às cidades, aos escritórios e ao serviço dos novos senhores.

Os romances refletem

a vida social da região cacaueira através de relações tradicionais, baseadas em um modelo sócio-cultural que recobre, na sua ética e na sua moralidade, o modelo da vida colonial brasileira. Retornar às origens históricas do Brasil, através de um espaço já marcado pelos signos da industrialização e pela instalação do capitalismo agrário, abre um espaço de interpretação marcado por tensões e por conflitos. Reflexões de natureza social e ideológica se instauram.

A temática rural amadiana consegue fundir em uma mesma unidade, em um mesmo texto, o documento sociológico e a reivindicação revolucionária, presente nas narrativas sob formas diversas e através de óticas também diversas. A idéia do autor, nessas narrativas, é construir uma identidade local – a identidade grapiúna – centrada sobre a realidade econômica e construída a partir da produção, comercialização e exportação do cacau. Fica evidente que o “cacau” constitui o tema maior dessas narrativas, ocupando o lugar mais importante, não somente no nível da ação, como também no nível da intriga romanesca.

O escritor mostra em **Cacau**, **Terras do sem fim**, **São Jorge dos Ilhéus** e **Gabriela** uma idéia de sociedade como organizada em torno de um



Notas:

1. **Cacau**, **Terras do sem fim**, **São Jorge dos Ilhéus**, **Gabriela e Tocaia Grande**.
2. **Seara vermelha**, **Tereza Batista** e **Tieta do agreste**.
3. Michel, FOUCAULT, **A arqueologia do saber**, Lisboa/ Porto em co-edição com o Centro Brasileiro do Livro, 1972, p.34.

conjunto de valores, especificados em normas sociais e incarnados pelas organizações, pelo *status quo* e pelas funções sociais de indivíduos e/ou grupos, e a idéia de uma vida social dividida em dois mundos

completamente separados, correspondendo a duas classes sociais distintas. Aqui, não se trata apenas de designar suas funções políticas mas, antes de tudo, designar o que é instituinte, quer dizer, os mecanismos através dos quais as orientações culturais são transformadas em práticas sociais.

Amado descreve uma sociedade agrária, mostrada nos romances como feudal, e a sua

evolução em direção a uma sociedade pré-industrial capitalista. Nas duas situações o Estado, identificado à classe dirigente, possuía pouca autonomia em relação às forças burguesas nacionais. Estas são vistas como verdadeiros agentes do desenvolvimento econômico nacional. Nessa ótica, as classes dirigentes não são apenas categorias possuidoras de recursos ou de chances desiguais; a classe dirigente é aquela que dirige a historicidade, quer dizer, o conjunto de meios através dos quais uma sociedade em lugar de simplesmente se reproduzir, produz a sua própria existência e o seu significado.

O romance **Terras do sem fim**, mais centrado na perspectiva histórica, é político pelo seu aspecto de luta: a que reflete os conflitos entre os grupos dominantes que, sem se opor, lutam pela apropriação da historicidade. Nesse romance assistimos a representação da figura do coronel como símbolo da hegemonia regional, porque a Lei, o poder e a representação política do Estado da Bahia eram designados através dele.

O narrador, em **São Jorge dos Ilhéus** e em **Gabriela**, mostra, através da figura do exportador, não somente a reconstrução do espaço do poder, mas também o processo de reestruturação do grupo hegemônico do poder no espaço regional.

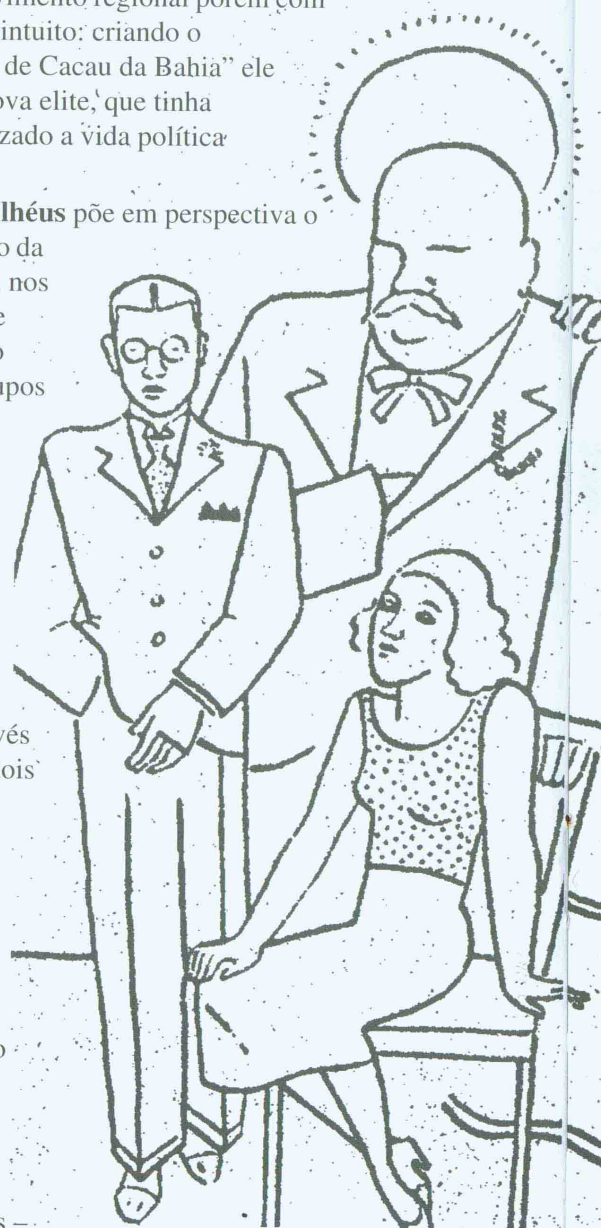
A história da cultura do cacau mostra que os benefícios do Estado sempre estiveram concentrados nas mãos deste grupo. Assinalamos que, desde 1928, os produtores (antigos detenedores do poder local,

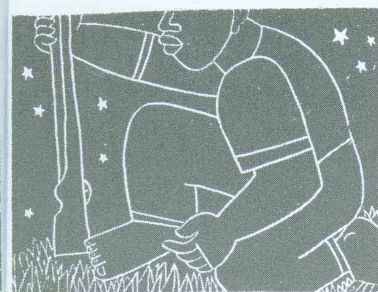


susidiados pelo poder regional que criou a "Estação Experimental de Cacau" a fim de dar suporte técnico para as

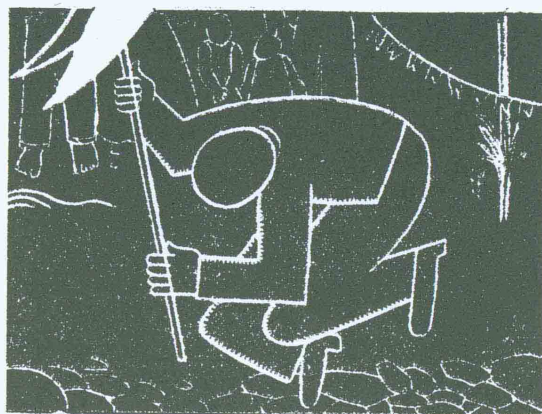
suas culturas), viram-se marginalizados face ao poder dos exportadores. O Estado nacional age sobre o poder regional em nome do desenvolvimento regional porém com um outro intuito: criando o "Instituto de Cacau da Bahia" ele serve a nova elite, que tinha monopolizado a vida política local.

São Jorge dos Ilhéus põe em perspectiva o desenvolvimento da cultura do cacau nos níveis nacional e internacional e o interesse dos grupos capitalistas nacionais e estrangeiros pela região. E o que se percebe é a instauração de uma luta pelo controle da hegemonia, através da oposição de dois grupos sociais distintos de dois sistemas políticos. No plano da realidade da região cacaueira e não somente no da ficção se percebe que os elementos da divisão, da luta entre duas ordens —





podem se filiar tornando-se, assim, os dominantes. É o caso desta elite local cuja autonomia, econômica e política face a hegemonia regional (a do Estado da Bahia), se designa sobre a forma deste projeto de divisão visando a autonomia administrativa da região, vez que politicamente



ela participa e intervém no nível das esferas de decisão nacional.

A possibilidade de uma divisão regional já tinha sido evocada nos romances **São Jorge dos Ilhéus**, publicado em 1944 e em **Gabriela**, publicado em 1958. Esta possibilidade de divisão, contudo, foi representada sob a forma de imaginário social local e não necessariamente sob uma forma política. E, se bem que as imagens veiculadas, nos dois casos, sejam quase as mesmas, nos romances elas refletem a ideologia ambiente: a do orgulho de uma identidade própria proveniente de uma civilização que o povo da região viu se consolidar e se repercutir a nível da Nação.

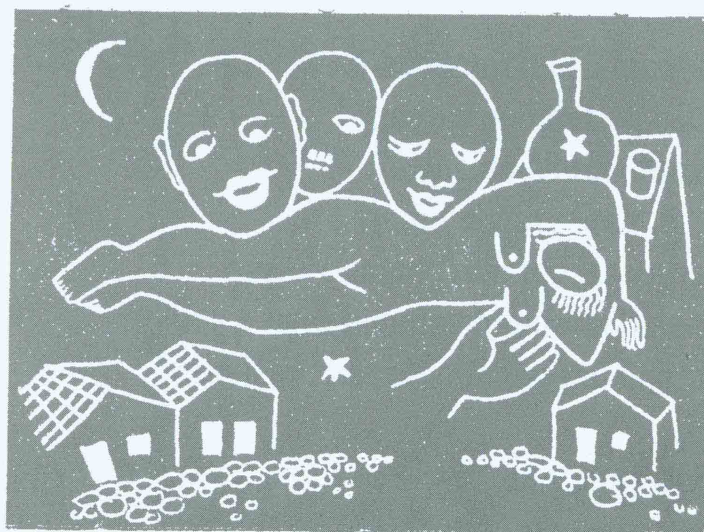
O romance **Tocaia Grande**, publicado em 1984, cinquenta e um anos depois da publicação de **Cacau** e vinte e seis anos depois de **Gabriela**, retoma a temática regional.

Como Jorge Amado se define como alguém que só escreve sobre o que viveu e, por conseguinte, sobre o que sua memória foi capaz

de guardar, pensamos que as mudanças da sociedade agrária da zona cacauzeira não constituem mais uma realidade que lhe pertença. Razão pela qual achamos, ainda, que o seu “Ciclo” do cacau se fecha com este romance. Se bem que a realidade da região tenha mudado sensivelmente, **Tocaia Grande** mostra, através da recorrência à temática regional, que o poder e a dominação associados à posse de terras pouco mudaram. Um poder substituiu um outro. Fato visível a

partir de 1987 quando começou a ser elaborado o processo de desestruturação de uma imagem regional através da cultura do cacau.

Esta mudança se faz também visível em relação a imagem do “homem do cacau”. Todo o processo de construção da imagem do “homem do cacau” se sustentava sobre a monocultura do cacau. Hoje, o seu valor simbólico deixou de existir para dar espaço à construção de uma nova ideologia – a do empresário capitalista – como encontramos



em toda parte. A mudança de imagem é acompanhada de uma evolução da mentalidade do “homem do cacau” que tem no “cacau” um dos elementos de poder econômico, porém, não mais um instrumento ideológico.

O regionalismo representativo da monocultura do cacau perdeu sua razão de ser, tanto para as classes dominantes quanto para as classes dominadas, posto que elas incorporaram um discurso construído pelos *medias* que não negam o regional, porém o transforma através da evolução econômica da região, agora caracterizada pelo turismo, pela diversificação de culturas e pelo desenvolvimento de outras atividades.

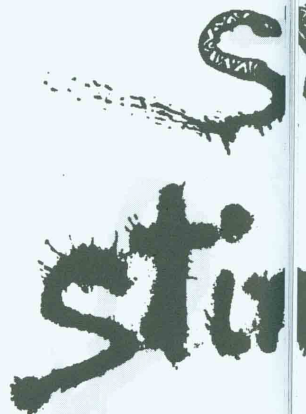
Verso míssil

Quisera fazer um verso
com a sublime arritmia do amor:
um verso míssil
neurastênico e febril
ar do dia anterior à criação do universo.
Um verso instantâneo e uno
momento raro
como em *Let It Be*
(um órgão clássico bachiano
entrelaça-se ao solo rock da guitarra de Harrison)
perfeita harmonia, divino encaixe.

Ficam as lembranças
das perfeições carnavais
como notas musicais.
Ah, meu grande amor!
erguerei um dia tamanho verso
nanico faminto camundongo e sábio
como um menino de rua brasileiro.

Um verso de trivela
transverso e subversivo
acorde de uma nuvem cor de rosa
cheiro da cor da maçã
o gosto do suor e dos raios da vida
que transita por nossos corpos.

Um verso de fogo e batom
histórico histérico e erudito
alexandrino perfeito
tão alexandrino como teu nome de solteira
tão perfeito e feroz
como as garras de um tigre faminto.



LENTE
RAMI



LENTE



G

Ética

Mãos pro alto também traz felicidade!
Bala perdida encontra coração solitário.

Crianças crescem sem deuses
Rezam em AK-47

Los Angeles dizem amém!

Aviso aos navegantes

“o que cortar árvores de fructos **vg** em qualquer parte que estiver **vg** pagará
estimação dela ao seu dono em três dobros **pt** e se o dano que assim fizer
nas árvores for valia de quatro mil réis **vg** será açoutado e degradado quatro
annos para a áfrica **pt** e se for valia de quatro cruzados **vg** e, dahi para cima
será degradado para sempre para o Brasil **pt**.”

São os poetas que criam o lugar onde devemos encontrá-los.

(Eduardo Lourenço)

Foi essa afirmação (feita há anos, pelo grande crítico português) que nos veio à lembrança, na noite de encantamento (24.06.97) em que foi apresentado ao público, no Teatro Maria Della Costa, o novo livro de Neide Archanjo, **Pequeno Oratório do Poeta para o Anjo**, – madura e mágica síntese da obra que a arte maior da poeta paulista vem construindo há mais de trinta anos. Apresentação que se transformou num verdadeiro ritual de celebração da Poesia, oficiado pela mágica voz e gestos alvos, hieráticos ou doces de Regina Duarte, em contraponto com a **Sonata ao Luar**. Palavras, música, luzes, sombras, cores, gestos, silêncio, emoções... se conjugaram para que, num momento privilegiado, fosse refeito todo o caminho percorrido/construído pela poesia de Neide Archanjo, desde **Primeiros Ofícios da Memória** (1964) até este recente **Pequeno Oratório...** (cuja primorosa produção editorial é completada com um CD: poemas na voz de Maria Bethânia).

Esta evocação de um ato aparentemente banal (o lançamento de um livro), justifica-se aqui, na medida em que esse espetáculo-celebração não acentuou o caráter ritualístico da poesia da autora, mas também foi aos poucos iluminando (para os ouvintes atentos e comunicantes com a poesia) o **lugar** criado pela poeta para ser “encontrada”. Ou melhor, acentuou a perspectiva através da qual, a leitura ou releitura de sua obra pode ser feita, para que (em meio aos seus labirínticos itinerários) se revele a unidade invisível que fez dela o singular universo poético que, já há muito, conquistou espaço próprio nos quadros da Poesia Brasileira Contemporânea (e também na poesia de língua portuguesa, como o confirma **As Marinhas**, escrito em Portugal, nos anos 80, e no qual a poeta faz uma longa viagem às nossas origens que, para além do húmus luso que nos gerou, se perdem no tempo

PEQUENO DO POETA

FRAGMENTOS DA POESIA DE NEIDE ARCHANJO

(selecionados por Nelly) do livro **Poesia** (1964-1984) RJ, Editora Guanabara, 1987

de **O Poeta Itinerante** (1968)

1.

*Pela última hora da tarde
o homem e o cão se fizeram
no silencioso de uma terra.*

[...]

*que a hora era chegada para o homem
e para o cão.*

2.

*Estavam sós de corpo e pensamento:
eram viventes de um novo tempo
repleto de prenúncios captados
na memória ancestral daquelas pedras,
denso solo que poucos rios atravessaram
Tudo era um círculo.*

[...]

*O homem não tocara a terra, nem sabia de si
ou da haste de ferro perfurando o chão
– semente solar dormindo um longo sono –
para romper a luz maior do meio-dia.*

(Trata-se de longo poema épico-lírico que alegoricamente narra o itinerário do ser humano desde o despertar cons-

ORATÓRIO PARA O ANJO

mítico).

O LUGAR

Claro está que o “lugar” (ou a perspectiva), criado pelos poetas para “serem encontrados”, não é unívoco, nem absoluto... Depende da ressonância que ele encontre no espírito do leitor, para ser eleito como tal. Entretanto há um “lugar” privilegiado na poesia de Neide Archanjo, que se revela de imediato: o **sagrado**, – numa dimensão diversa da religiosidade ligada a credos ou igrejas; mas antes, no sentido rilkeano de **re-ligação** do homem com o Anjo, com as forças da origem com o mistério da vida. Um sagrado que tem no Poeta o seu celebrante, “língua inquieta” que o revela aos homens, – “incandescente e úmida semente / que salgou o mundo”. (*O Poeta Itinerante*).

Já os títulos dos livros indicam, não só o caráter de **sacralidade** inerente à poesia ali contida, mas também a natureza do **dizer poético** que, em essência, se quer um **fazer demiúrgico**, um construtor de vida. Desde seu livro de estréia, **Primeiros Ofícios da Memória**, a poeta explicita a intencional sacralidade de sua palavra, ao se assumir como celebrante do “ofício da memória”, a qual, mais do que recordação afetuosa do mundo familiar que se foi, se quer **fundadora** de um passado que se perpetua no presente. Como sabemos, no termo **ofício** se conjugam conotações leigas e sagradas, pois tanto significa “profissão”, como “oração pública dita pelo sacerdote na igreja”, ou ainda, “composição musical com tema bíblico ou religioso em geral”. Uma simples leitura dessa poesia inicial já apreende o entrelaçamento das diferentes conotações do termo: **profissão** (de poeta), **oração** (celebração do passado pela memória poética) e **composição musical** (a poesia como canto celebrante de au-

ciente no espaço terrestre, até descobrir-se como “itinerante” no espaço invisível do ser-em-poesia.)

4.

*Porque durava o fogo, a matéria prosseguia
em sua amarga ascensão para a pureza.*

*No círculo o homem era um ponto
ubíquo e sem limite.*

E onde estava ele estava o centro.

30.

*Sei que a montanha espera
meu passo itinerante*

– ruído alternado, apelo de minha voz.

*Trago o peito limpo e a vontade serena
de uma luz mais vasta.*

*Como viajor tranquilo,
seguí a estrada que me foi dada.*

*Tudo está aqui, nesta subida resoluta,
nesta tarefa imensa de levantar a flor
e repousar nu sobre a pedra e a raiz.*

31.

*Sei que é noite mas pressinto luz
como se a manhã, subitamente se abrindo
– pentágono sereno –
abrisse o mar.*

sências que, por meio dele, se fazem presentes).

Seria impróprio, aqui, seguirmos por ordem os títulos publicados, todos eles contendo evidentes ligações com a idéia de um **fazer** que extrapola a mera concretude do real e ascende a uma outra atmosfera: a do invisível.

Neste recente **Pequeno Oratório...** a intencionalidade sagrada se adensa: o “pequeno oratório” (termo que significa “composição musical, com tema bíblico ou religioso, apresentado de forma mais ou menos dramática” e “lugar de oração para culto familiar”), tendo o **Poeta** como oficiante, celebra o **Anjo** (mediador entre Deus e os homens), – figura que, rilkeanamente, atravessa toda a poesia da autora desde as primeiras horas e, nesta última, é “iluminado” como presença definitivamente fundida à do **Poeta**.

Era musa
e parecia ser anjo.
Era musa.

Não, o “anjo terrível” (no sentido de que a “beleza não é senão o primeiro degrau do terrível” e o “terrível é o Absoluto, o Aberto”. Rilke, **Elegia I**), mas o da face angélica que, saindo da sombra (ou num jogo de luz-e-sombra) se ilumina: a revelação do **anjo** como a natureza oculta do **poeta**. “... o Anjo / água escorrendo natural e pura / postou-se à minha frente / sorrindo. / E ninguém me ouviria / mesmo se eu gritasse.” Simbolicamente, tudo é dito.

Tomando a diretriz apontada por Heidegger: “o homem é o lugar e clareira do Ser” e o poeta é o “pastor do Ser”, Neide Archanjo vem escavando o humano e as coisas terrestres, na busca do transcendente, nelas pressentido como imanente. E no mesmo sentido da trilha aberta por Rilke, ao intuir que “é partindo do homem que o Anjo se revela”, neste **Pequeno Oratório...** a poeta descobre afinal que o anjo é o poeta (ou o poeta é o anjo?), valorizando assim a condição terrestre que, no poeta, se transcende.

Atente-se, por exemplo, para as micro-células de poesia que, como a acima citada, servem de pórtico a cada poema de **Pequeno Oratório...** (estrutura poemática que segue claramente a que foi adotada por Heidegger, em seu livro de poemas, **Da Experiência do Pensar**, re-

“Era flecha e parecia ser alvo. Era flecha.”	“Era candeia e parecia ser o lume. Era candeia.”	“Era foz e parecia ser fonte. Era foz.”
--	--	---

velando assim a “afinidade eletiva” que liga a autora ao pensamento do filósofo alemão).

Nessas sibilinas células poéticas, vemos condensado o longo caminho percorrido até aqui pela poeta, no enalço de si mesma, ou melhor, de sua “**otredad**” (conforme Octavio Paz denomina o **outro**, com que o **eu-poeta** se enfrenta), – parte misteriosa do ser criador, do poeta que se sente encarre-

de Quixote Tango e Foxtrote (1975)

1.

Salve Quixote

**fixo pelo rumo do tempo
que te depositou no coração do mundo
com armas e petrechos
falas e bagagens.
Acaso os séculos mostraram
o que recomeçou?
Agora te ressuscito
não nas lidas
antes naquelas penas
de um ferreno e triste amor.**

2.

**Aqui começa um percurso claro:
Quixote e eu.
Limpas as armas
a mesma dor:
amor.
O mais mineral entendimento
o mais deserto sonho:
verso
palavra
encantação
e o olho desperto
de quem vê o resto
de dentro.**

de Escavações (1980)

Sítio 1

**O tempo circulando pelos telhados
girando como um ponto
caroço inerte no centro.**



gado de uma tarefa messiânica: a de fundadora ou nomeadora da verdade-do-ser.

Nessa busca, a poeta foi adentrando no próprio **eu**, em sua **otredad**, e descobrindo-se, já não a “solidão de alvo / esperando a seta” (como diz em **Escavações**, 1980), mas como a própria **flecha**. A realização estaria, pois, no próprio **ato de criar**, no **movimento** da busca e não, propriamente, no **alvo** mirado (que pode não ser alcançado, mas não importa, pois o que vale é agir, buscar, tentar, lutar). Da mesma forma, podemos ler os demais: “era candeia”, – o precioso envoltório da luz, do **lume** que os homens carregam em si, sem o saberem. Ou era **foz**. Onde tudo deságua e se funde anulando as diferenças ou os contrários (o que equivale a dizer que, ao nível da consciência atual, o importante não é o **nascer**, – a “fonte”; mas o **existir**, – a existência ativa, a **foz**).

Enfim, o poeta se sabe palavra iluminadora (a despeito de todo escuro que rodeia as realidades). É pela sua palavra que os seres e coisas do mundo, ao serem nomeadas, passam a **existir para** alguém. Sem ser nomeado, nada existe (essa é uma das palavras-de-ordem do nosso tempo). É essa a tarefa assumida por Neide Archanjo, – poesia de raízes agustinianas, rilkeanas, heideggerianas... que vê no Poeta, tal como no Anjo, um ser fronteiro, que vive entre o mundo visível e o invisível, entre a realidade e o mistério, – **mundos opostos** que, em sua palavra iluminadora, se descobrirão (ou não) **complementares**.

Este **Pequeno Oratório...**, em sua brevidade densa, se nos oferece como uma verdadeira decantação da matéria poética, que a poeta vem amalgamando e depurando ao longo de anos de tenso corpo-a-corpo com a Poesia.

POESIA: OPÇÃO DE VIDA

Mas como definir, afinal, essa multifacetada tarefa, dentro dos estreitos limites de um artigo como este? É o que nos arriscaremos fazer, partindo do lugar que, há muito, vemos ocupado por Neide Archanjo na seara poética brasileira, – o de uma das presenças luminosas (é esse o termo!) da “Geração de 60”. A “geração literária” (não, etária) que, recebendo como herança o mundo pós-tudo dos anos 60 (e ainda hoje em caos...) escolheu a Poesia como **opção de vida** (e não, mera e ocasional fruição do espírito); assumiu **palavra**, como o grande

O tempo

pleno de movimento

(para o que lhe está ao lado)

não se extingue

como não se extingue

o fogo

no teto da casa

no coração do poeta

entregue dolorido colorido de amor

amor à sua própria maneira

que faz o jasmineiro

ser de repente

um corpo onde o desejo passa e se amontoa

[...]

Água aberta e escorrida

pelos beirais de outra vida

revivida

nesta hora em que a casca arrebenta

sorrindo

porque afinal escapa a vida

para fora da casca

que a deteve fechada

no punho estreito

próprio e alheio.

[...]

Fragments

No que sonho ou cavo

no que me falha ou cinde

existe um brilho

que não alcanço

Ainda.

As Marinhas

RJ, Salamandra, 1984

Canto III (Oceânico)

**“Há uma biografia pessoal e coletiva
em algum lugar perdida na memória**

**ORATÓRIO
PARA O ANJO**

ato fundador do Real e, por diferentes caminhos, temas, tons, ritmos e profundidades, vêm escavando o homem do aqui-e-agora, como “lugar e clareira do Ser” ou como o espaço ambíguo onde a Vida (ou a Morte) se resolve e se cumpre.

Vozes tão diversas, como as de Neide Archanjo, Hilda Hilst (a partir dos anos 60); Mário Chamie, Carlos Nejar, Marcus Accioly, Álvaro Alves de Faria, Yêda Schmaltz, Renata Pallotini, Lindolf Bell, Myriam Fraga, Armindo Trevisan e outras e outras (tão pouco ouvidas, todas elas...) espalhadas por todo o Brasil, irmanam-se pelo **lugar** que escolheram para se enraizarem: o do **po-der da Palavra** como fundadora da **nova** (e ainda informe) **dimensão** do homem, esse (ainda) desconhecido; e o da **tarefa do poeta**, como medidor entre o homem e o mistério que nele próprio se oculta.

O ESTAR-AÍ HEIDEGGERIANO E A MEMÓRIA

Por diferentes que sejam entre si, todas se identificam por esse impulso comum: o de redescobrir (ou reinventar) o homem, a partir de sua **existência concreta** no mundo (do **estar-aí**, o Da-sein heideggeriano). Ou ainda, redescobri-lo como **memória** (a que transforma o efêmero dia-a-dia em **história** ou o eterniza em **mito**). É essa, como sabemos, uma das marcas do pensamento moderno: buscar a transcendência no próprio homem; pressentir, em sua existência comum, o **lugar** do “combate com o Anjo” rilkiano, ou a “porta” para a descoberta final de sua verdadeira essência (o Ser, o Sein).

Qual essência? Possivelmente a de ser **elemento constituinte** do mistério da Vida ou de Deus; pois só pela presença do homem no mundo, a Vida se cumpre. E Deus estará vivo, como dizem uns. Ou morto, como proclamam outros. Em um conhecido poema de Heidegger, vemos condensada a problemática nuclear da poética que se expande a partir dos anos 60 (bem presente em Neide Archanjo) e se desdobra, até o momento, em novas vozes:

“O obscurecimento do mundo não
atinge nunca a luz do Ser.
Nós chegamos demasiado tarde para
os deuses e demasiado cedo para o Ser. Deste,
o homem é poema começado.” (in *Da Experiência...*)

É nesse “poema começado” – o próprio homem –, que a poesia contemporânea vem-se concentrando. Tentando seguir-lhe os rastros, ela o perscruta não só no seu concreto aqui-e-agora e na história ou nos mitos que sua memória constrói, mas também no “obscurecimento do mundo” em que ele está preso.

A POESIA ENGAJADA

É a consciência desse **obscurecimento** que, no pós-64, se faz ouvir na “poesia engajada”, dirigindo-se

**procuro aí
procuro no meu sangue
o mapa e o compasso
do sonho peregrino que dará os nomes
das coisas e dos homens.
Assim não mais serei o mareante
condenado a viajar nas velas do poema.
Terei acesso ao leme onde a vida
estuante e controvertida me navega.
[...]**

.....
**Ah, mundo inicial a que assisto
desta esquina do planeta
eu, selvagem, mulher silvestre
manuelinamente descoberta
no painel da primeira missa
rezada por um franciscano
no ilhéu da Coroa Vermelha
em Porto Seguro
Bahia – Brasil
no dia vinte e seis de abril
dos anos de mil e quinhentos
da idade de Pentecostes.**

**Era uma vez um povo
que olhava para o mar.**

**Como vos cantar cavaleiros das águas
habitantes perenes do delírio
marítimas criaduras?**

**Na convocação que vos fazem
os ventos e correntes do Atlântico
há uma navegação de mar largo
e um horizonte muito adiante.
[...]**

**Sois navegantes pelo desejo transformados
e nada mais quereis ser, percebo,
senão cavalo e cavaleiro, nau e marinheiro
juntos pelo mesmo destino transmutados.**

Canto IV Ilhas Idílicas

**Meu amor te põe em uso
fazendo-te mover
por entre coisas rasteiras**

aos injustiçados pela sociedade. E fala, não tanto para denunciar as injustiças de que são vítimas, mas para desvendar a cada um sua grandeza escondida (como ser humano que é...). É o que canta, Neide Archanjo, em **Poesia na Praça**; ou Álvaro Alves de Faria em **O Ser-mão do Viaduto** (1964) ou Lindolf Bell em **Poemas de Protesto** (1964) e outros e outros...

Mas nestes últimos tempos “pós-abertura” (ainda em caos), uma visão panorâmica de nossa poesia atual nos mostra que enquanto as conquistas tecnológicas se aperfeiçoam e expandem os meios instrumentais de comunicação-de-massa (hoje à serviço da brutalização do homem), certa linha de poetas (embora aparentemente perdidos no “labirinto”) prepara a “matéria nova” que, um dia (sem dúvida ainda longínquo) esses espantosos “meios” levarão a todos os homens, ajudando-os a se auto-descobrirem e juntos transformarem, em grandeza, a atual degradação deste nosso mundo-cão. Mas por enquanto, como diz Neide Archanjo, “... a poesia é o lugar da espera. [...] O Tempo é este. / E o relógio nada marca / além das horas parcas / não aquelas / que abrem e fecham / as portas de Zeus. / Em meio a trevas e insônias / a hora se desfaz / areia aprisionada na ampulheta / praia sem saber do mar.”

A “FULGURAÇÃO” DO SER

Entretanto, o poeta (verdadeiro Sísifo a carregar sua pedra) não desiste. Sabe que o urgente é o escavar o “obscurecimento do mundo”, pois é nele que, num repente, a pressentida “luz do Ser” pode ser vislumbrada, em momentâneo fulgor, que a palavra deve captar e aprisionar na forma poética. (Lembramos, a propósito, de dois grandes romancistas dos anos 60/70, Clarice Lispector no Brasil e Vergílio Ferreira em Portugal, cujas obras são o mais claro exemplo dessa apaixonada e angustiante tarefa: a de aprisionar na palavra a “fulguração” ou “aparicação” do indizível Ser.)

Não se trata, como pode parecer, de uma busca metafísica, no sentido da espiritualidade religiosa tradicional, que procura num Deus absoluto, no pós-morte, a redenção do homem-da-queda, condenado a viver neste “vale de lágrimas” que é a terra. Trata-se antes do esforço para superação dessa metafísica do transcendente, através de um **pensar radical** (que toque as raízes do viver concreto), de um **experimentar** o humano como **fundamento** (e não, como elemento contingente); como temporalidade do tempo, historicidade da história, desocultação do oculto, experiência da verdade que ultrapassa o meramente visível ou definível pelo pensamento lógico. Trata-se, como se sabe, de “iluminar” recantos que ainda permanecem obscuros em cada um de nós, neste limiar em que vivemos, entre o mundo visível, concreto com o qual interagimos, e o mundo invisível (virtual?), em que nos pressentimos imersos, mas que nossa razão (e inclusive a ciência) falha ao tentar conhecer de manei-

**luas
rasgas de seda
fendas.**

**Meu amor labirinto de palavras raras
que te é dado conhecer agora
te funda
no poema
e no mistério dourado de ti mesmo.**

[...]

**No oceano dos sentidos
em cumplicidade
reinamos
tendo o amor
como narcótico
e**

à mão algumas alquimias

.....”

Tudo é Sempre Agora.

SP, Maltese, 1994

**“O tempo é este
E o relógio nada marca
além das horas parcas
não aquelas
que abrem e fecham
as portas de Zeus.
Em meio a trevas e insônias
a hora se desfaz
areia aprisionada na ampulheta
praia sem saber do mar.**

**O Tempo é este
o poema e suas perdas
[...]
divino Odisseu
avistando Ítaca.**

.....”

**“Wagner criando Tristão e Isolde
é a possível aproximação do indizível
como se se rompesse um lacre
ou se sonhasse com bisontes.**

**Mais:
como se o amor**

ra objetiva e definitiva. Como diz o **poeta itinerante** de Neide Archanjo: "Existe um duplo chão / para o itinerante / mas um só é o caminho." Esse é o caminho a ser percorrido pelo poeta contemporâneo.

Nesse "duplo chão", já se anuncia a consciência do poeta de viver num limiar (entre o conhecido e o oculto) e seu consciente assumir a tarefa de resgatar ou redescobrir a oculta e ambígua dimensão do real: a que estaria latente nos homens, nos seres e coisas terrestres e que, descoberta, os revelaria como partes integrantes do mistério da Vida, que deles depende para se cumprir. "Lavramos nosso chão / para que se faça o reino novo / o novo rei. [...] A semente da palavra / densa, espessa e funda / primeira formação interna. [...] E assim iam lavrando seu caminho / um pé era o passado, o outro era o futuro / o presente se fazia no ritmo dos passos."

É esse "lavar" que, desde as primeiras horas, dinamiza a palavra poética de Neide Archanjo, a voz de um eu-poeta que, agônica ou jubilosamente, busca tocar o cerne do real e trazê-lo à luz, tal como o Existencialismo (ou os Existencialismos) o vêm escavando, desde as primeiras décadas do século (e que talvez seja a fresta de entrada para o novo conhecimento do homem a ser revelado no Terceiro Milênio).

A esse "cerne", a essa dimensão pressentida, mas ainda inefável, impossível de ser apreendida ou definida pela lógica imediata, só o **poeta** (o filósofo, o pensante...) poderá ter acesso, em raros e fugídios momentos de **fulguração**. É nesse momento de **aparição**, que o conhecimento é vislumbrado e a palavra luta com seus limites, para aprisioná-lo, nomeá-lo. Aí está a luta pela expressão: **nomear o indizível**. Os rastros dessa luta apaixonada se espalham por todo o caudal poético que Neide Archanjo vem represando em seus livros. Não resistimos à tentação de transcrever alguns desses "rastros" do seu **Tudo é sempre agora**:

"Cada palavra é o rosto de Deus / e o poeta um vazio ajoelhado."

"Página / zona vedada / onde se esconde o poema / esse **oásis parco** / que jamais refletirá / o **deserto** que se atravessou / para alcançá-lo."

"A fome do poeta / é a fome do mundo. / E dói a fome / e dói o mundo / ainda que sob os céus / dobrem os sinos: / Camões / Donne Rimbaud

**(aquele amor)
fosse dizível."**

**"Com o prazer do explorador
recolho marcas
busco tua história.
À minha passagem tua carne
– fruto milenar –
ilumina-se por dentro.**

....."

Heidegger. Da Experiência do pensar

(trad. alemão de Maria do Carmo Tavares de Miranda) P.A., Ed. Globo, 1969

**Quando a luz da aurora cresce
silenciosa
por sobre os montes...**

**O obscurimento do mundo não
atinge nunca a luz do Ser.
Nós chegamos demasiado cedo para o Ser. Deste
o homem é poema começado.**

**Dirigir-se para uma estrela, apenas isto.
Pensar é a limitação a um pensamento que
em algum tempo
como uma estrela no céu do mundo
permanece fixo.**

**Quando o catavento canta diante da/
janela da cabana/
numa tempestade que se levanta...**

**A coragem do pensar germina da
exigência do Ser, então surge a
linguagem do destino.**

**Desde que temos a coisa diante dos olhos
e no coração a atenção à palavra, o pensar
é bem sucedido.**

**Poucos são experimentados suficientemente
na difereça entre um objeto erudito e
uma coisa pensada.**

/ Eliot Pound / Pavese Kavafis / Rilke Lorca Pessoa
/ poesia convertendo / esta carne esta alma / em
relâmpagos!" (grifos nossos)

"Fome do mundo", – fome que é mais da alma do que do corpo (embora a "fome" real que acossa a humanidade esteja sempre no horizonte da poesia, pois ela é índice da Injustiça Social que degrada o ser humano e contra a qual a Poesia investe), essa tem sido um dos acicates da poesia de todos os tempos. E se pensarmos na matéria poética de cada um desses poetas-sinos, evocados por Neide, veremos que a grande voragem que os arrastava a todos era a própria Poesia, como o **lugar onde o Ser se revela**. A experiência poética é o misterioso fazer que se transforma, para o poeta, na grande aventura da vida. A única que lhe permite descobrir "a força dos seres e das coisas terrestres" (como dizia Rilke) e nelas detectar os sinais secretos que levam ao ponto mais íntimo, jamais revelado, da realidade dos seres...

É essa dura / jubilosa luta para tocar e dizer o indizível que transparece nas vozes de certa linhagem de poetas, a que Neide Archanjo pertence:

"Percibo el mundo y te toco / sustancia intocable."
(Octavio Paz)

"Somos ainda o limiar, - espessa / nuvem embrionária."
(Albano Martins)

"Estou no centro de todas as coisas / Mas a visão é larga / como um grito que se abrisse e abrangesse o mar."
(Hilda Hilst)

"Ausentes são os deuses, mas presidem. / Não habitamos nessa / Transparência ambígua. [...] Nossa atenção ao mundo / É o culto que pedem."
(Sophia de Mello Andresen)

"Só o poeta é quem a tudo reintegra / Do que em cada um se desintegra. [...] **Celebrar**, eis tudo!"
(Rilke)

Celebração... essa é a intencionalidade profunda que energiza toda a poesia de Neide Archanjo. Celebração do Real, da Natureza, da Vida, do Amor, Dor, Alegria, Desejo, Fracasso, Prazer... Celebração do visível e do invisível. Celebração, não no sentido comum de festa, comemoração; mas no sentido religioso de re-atualização, renovação, de ritual que **presentifica** aquilo que está sendo celebrado (tal como na Missa, o celebrante renova ou presentifica o sacrifício da Cruz: sob a aparência do pão e do vinho, é Cristo que se entrega ao sacrifício, agora incruento).

Pequeno Oratório do Poeta para o Anjo, em sua madurez, serena beleza e apaziguamento apaixonado, revela-se como um ponto de chegada no caminhar da poeta Neide Archanjo, Mas como todo **fim é começo**, e todo **ômega é alfa**, aguardaremos.

"inquietação vôo, apaziguado o ser."

Com a palavra, a poeta...

**Houvesse no pensar já antagonistas e não
simples adversários, então a coisa do pensar
seria mais favorável.**

**Quando em dia de verão a borboleta pousa
sobre a flor e, asas fechadas, se balança com ela
no vento da campina...**

**Toda coragem do coração é a
ressonância ao apelo do Ser,
que reúne nosso pensar no jogo do mundo.**

No pensar cada coisa torna-se solitária e lenta.

Na paciência prospera a magnanimidade.

Quem pensa profundamente, deve profundamente errar.

**Quando a luz do crepúsculo irrompendo em alguma
parte da floresta
doira os troncos...**

**Cantar e pensar são troncos vizinhos do poeta.
Elas crescem do Ser e alcançam sua verdade.**

**A sua relação dá a pensar o que Holderlin
Canta das árvores da floresta:**

**"E desconhecidos uns aos outros eles ficam, o
tempo que eles permanecem em pé, os troncos vizinhos."**

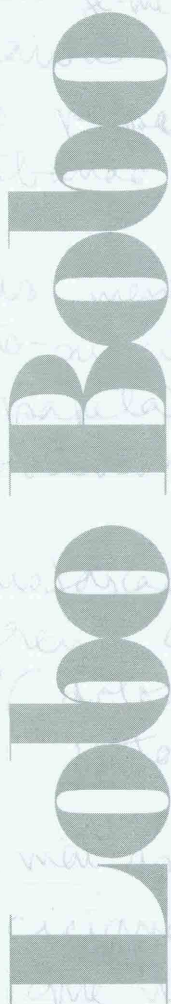
Poema da praia mansa

Este marulho lava-me a palavra.
Marola branda, embala-a brisa,
enquanto a aragem leva-me à miragem
real de um horizonte rente ao corpo
morno e cingido em extensão tão lisa,
aro que não encrespa ou crispa o vento,
nem o resquício de laivo algum agrava
— relíquia inóqua, oca, de desquício.
Não me perturba o burdo pensamento,
nem qualquer passamento. Tudo é sopro
sem qualquer bulha, hábito sem lava.

Espelho liso, limpo, sem um traco
de cicatrizes—rugas no mar baço,
turvo, turvo de fuga e medo crasso,
crises e rugas, hábitos e vício.

Ao murmúrio do mar eu fico mudo,
e a tudo surdo, afora a este arrulho
que acalma assim meu uivo. É viagem
para além do barulho de minha alma,
— lembranças felizes e infelizes —
doida buzina a mais na urbe absurda.
O marulhar do mar todo me espalma.

librando a sina de um ácido passo
e pegadas banais que em vão estudo.
Dissolvido na paz de sol e sal,
nesta praia sou plácido animal.



**Range-me na gengiva. descalabro.
raíca mandibular de decassílabos
no papel silabados. tão babados.
libando bobo fel como hidromel.**

**Mas, mesmo bobos. bastam-me seus gabos
auto-suficientes no papel
— papelão desvirado. sempre ao léu. —
orelhas temerosas de meus lobos**

**disfarçados em bibes muito velhos.
frente a um bulício de tolos espelhos
(dolos, bulas e máscaras nos glóbulos
tontuosos — em hora tão vermelhos).**

**e meu asco da baba dessas sílabas
ciciando meu cio em decassílabos
que não me bastam (apesar dos gabos)
pois frustram minha gula nas mandíbulas
do lobo bobo e sua boba baba
na boca abobalhada um balbucio.**

*do lobo bobo e sua boba baba,
que o dente me desgasta e não se acaba.*

*Salvador
Setembro 97*

Salvador
setembro 97

histórias

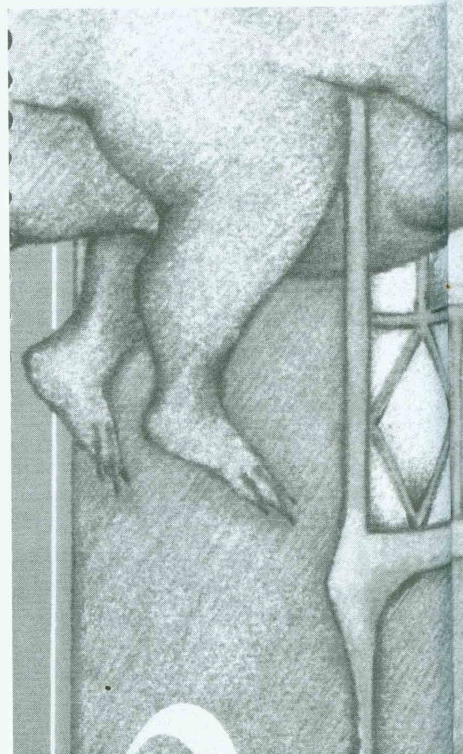
...

E afinal chegou o dia,
em que a mãe de Chapeuzinho
esqueceu a vovozinha,
lobo mau,
todo esse horror
e comeu o caçador.

...

E agora,
Cinderela é senhora.
Pai, irmã, fada madrinha
ficaram todos de fora.
E aquela mágica
trágica,
que acabava à meia-noite,
não quer mais.
Faz, desfaz qualquer magia,
tudo vai de vento em popa.

Detalhe:
talvez por culpa da abóbora,
detesta sopa!



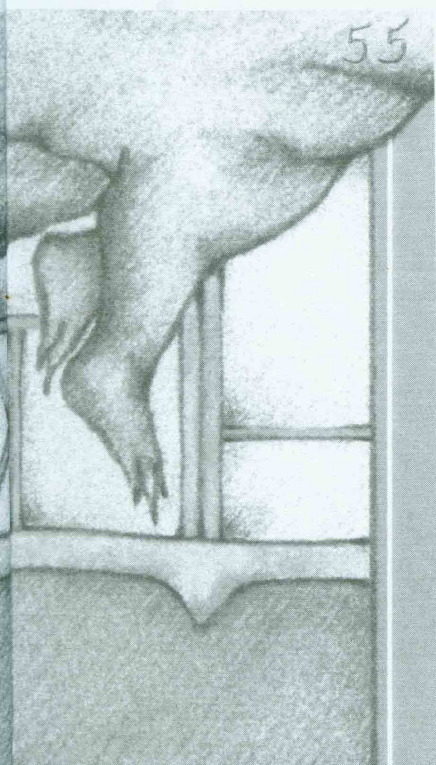
adúlteras

...
Passaram-se muitos anos
e um dia a Bela acordou
no castelo adormecido.
Olhos abertos cismava,
enquanto todo o castelo
dormindo continuava.

Sozinha, deseja beijos,
quer festas, amor, luar.
Sozinha ainda,
adormece;
espera o amado chegar.

...
Por muito gostar de príncipes
vivia engolindo sapos,
que eram trocados por lebres
e miavam como gatos;
todos no mesmo saco,
levando, dando pancada.

E acabaram em pedaços
os sonhos da apaixonada.



Uma tara

A mulher. Nada mais podia povoar a sua cabeça naquele dia, já há tempos amanhecido, além da lembrança dela consumindo, dominando cada milímetro quadrado do seu manemolente pensamento. O riso, a voz, o cheiro dela.

Quando acordou, a manhã já a havia levado embora, responsabilmente, para ter com as suas obrigações cotidianas. E elas, então, por mais importantes que fossem, lhe pareceram completamente sem sentido. Depois de uma noite de amor, é justo se chegar atrasado ao trabalho, pensava... Há que reservar-se um mínimo de deferência, respeito aos encontros marcados e cumpridos na agenda do destino. Ou não? Mas a mulher, além de sair no horário devido, nem sequer o acordara com um beijo de bom dia. Insensível!

Acordara sozinho, não sabe quanto tempo depois da saída dela, mas não conseguiu levantar-se e correr para o copo de Nescau com granola. Nem para o banho quente naquele velho chuveiro de tantos furinhos entupidos que o condenavam a deixar-se molhar aos poucos, cada parte por vez, vivendo a sensação mista de um frio torturante e o prazer do frescor da água a escorrer, a empurrar a espuma do sabonete de erva-doce. Não. Ele apenas conseguia rolar na cama, preguiçoso, a lembrar-se daquele corpo suado e macio, daquele abraço de mil tentáculos imaginários que o deixara sem resistência alguma, poucas horas antes. E tê-la para si, na sua vida de repente, era mesmo uma loucura. Nunca, jamais, até bem pouco tempo, imaginaria ser possível aquela aproximação acontecer.

Eles se encontravam acidentalmente, em meio à correria do trabalho. Sempre que se cumprimentavam, ele intimamente observava o quanto ela era linda. E guardava a observação para si. Mas naquela noite, tivera a inesperada oportunidade de chamá-la de linda, baixinho no ouvido. E lembrar o momento lhe confundia as idéias e às vezes lhe parecia que aquilo tudo tinha sido apenas um sonho. E vinha uma vontade de compor um samba antigo, nos moldes de Lupscínio Rodrigues.

Sabía que era atrapalhado, feioso, sem nenhum charme. Por isso mesmo não entendeu quando ela, a troco de nada, o convidou para acompanhá-la ao show de João Bosco. Mas obviamente, aceitou. Depois do show, um jantar discreto. E ela tão levemente maquilada, falando tranquila do que sabia sobre ele: que lia muito sobre Música Popular e não sei o quê mais. Perguntou-lhe mil coisas, ouviu dele tantas curiosidades acerca desse e daquele compositor. Demonstrando estar achando o papo interessante, ela ria e, aos olhos dele, ia ficando cada vez mais linda. E a vontade de tocá-la ia ficando mais e mais insuportável. Falou ainda que sabia onde ele morava e a cidade onde nasceu. Mostrou que realmente tinha muitas informações suas. A troco de quê?

E o seu sentimento naquela hora era um misto de vergonha e espanto de se saber alvo de tanto interesse. O que aquela mulher, afinal, vira nele? Não entendia. Ela sim, tinha todos os atrativos do mundo para agradá-lo. Será que no fundo tem alguma tara por homens esquisitos? Daí lhe vinha o temor de não haver um outro encontro como aquele. E se ela não tivesse gostado? E se o prazer todo fora fingimento? E se tivesse saciado a sua curiosidade musical e agora achasse que deveria parar por ali? A um convite para sair, a resposta seria uma desculpa educada. Não, não suportaria. Melhor era pensar que tinha sido bom demais para ela. Pensar que também estava, lá a sua maneira mais sensata de viver as coisas, fazendo o seu trabalho feliz, decidida por um novo momento de vê-lo.

Os sentimentos se confundiam e ele buscava um mínimo de clareza diante do que estava vivendo. Continuava prostrado. Passava das oito e já deveria estar no trabalho. Mas não se dava conta. Ela era tão bonita, tão cheirosa, seu corpo era perfeito. Como se pode pensar em trabalho numa hora dessas? Como lembrar da granola, se a boca só queria mais beijos?

Se fumasse, certamente acenderia um cigarro. Não fuma. A idéia do banho também não o agradava. Tiraria o cheiro dela do seu corpo. Isso nunca! Virou de bruços e de novo fechou os olhos. Agradeceu a Deus, ao céu e às estrelas a noite vivida. Não importava se viriam outras.

Depois abriu os olhos e achou, ainda adormecido na clareza do lençol, um fio de cabelo que só poderia ser dela. Levantou-o com polegar e indicador da mão direita. Deixou-o roçar seu nariz e boca. Riu. Decidiu guardá-lo. Se aquela noite fosse única, ele seria como uma jóia, como o farolete da primeira bicicleta, como a página de jornal com o seu nome na lista de aprovados no vestibular.

Estava apaixonado por aquela mulher, meu Deus! E agora? Ela é tão esperta, tão segura de si. Se não sabe, logo vai perceber que ele é um bobo. E se para ela aquela

por bobos

noite tiver sido apenas uma brincadeira? Gelou. Sentiu-se mais bobo ainda que de costume. Levantou-se pelado, de um salto. Correu para o chuveiro, regulou-o para frio. Abriu a torneira até o máximo e quis que a água o tornasse sensato como sabia que não era. Quis livrar-se de tanta ingenuidade. Quis não ser mais um trapalhão. Cogitou a possibilidade do contato diário com o lirismo da Música Popular da Literatura terem prejudicado o seu amadurecimento ante a realidade. A crença na importância do amor aprendida nas letras das canções era um grande empecilho ao seu crescimento, no lidar com as mulheres. Impedia-o de se modernizar emocionalmente.

Não resistiu e levou as mãos ao rosto sentindo o resto do cheiro dela. Lavou-se pensativo, sem cantar canção nenhuma. Vestiu-se para ir ao trabalho fingindo um ar compenetrado e sensato. Não tomou Nescau nem comeu granola. Abriu a geladeira, encontrou uma maçã meio murcha e deu-lhe uma dentada com raiva. Por que a beijara e tocara com tanta suavidade? Devia ter sido mais rude para deixar-lhe uma impressão de firmeza. Merda!

Lá adiante, no engarrafamento ligou o rádio do carro e Djavan cantava "... é doce morrer nesse mar de lembrar..." Olhou para os pés e viu que esquecera de calçar as meias, indispensáveis ao sapato social. Mas lembrou que estava feliz pelo que vivera, independente de qualquer coisa. Reparou de novo que era do tipo que fica feliz com pouco. Dava importância ao que ninguém dava. E, para ele, aquela noite tinha sido um momento raro de felicidade. Não importava que ela tivesse encarado como um encontro banal. E devia ter sido mesmo. Pois as mulheres do tipo maravilhosas como aquela, eram bem vindas a qualquer cama. Ela devia estar acostumada a homens bem mais bonitos, ricos, ligados em outras coisas além de Literatura e Música.

A mulher. Onde estaria naquela hora da manhã de sol quente? Ela, com seu ar firme de quem sabe tudo e um jeito dengoso que provoca a súbita vontade de pegá-la no colo... É, estava cada vez mais certo de que toda aquela doçura era uma armadilha. E que a sua sina era mesmo cair em armadilhas. Não perdia uma. E sempre se danava. Para que será que Deus botou os bobos no mundo? Para que se danem!

Pensava de novo por que uma mulher como aquela fora parar na sua cama. Repara que o celular está descarregado e que vestiu a camisa pelo avesso. Será que ela tentou ligar? O sinal abriu e ele arrastou o carro, rindo sozinho, cantando.

Seguiu adiante rumo ao trabalho, ao futuro, tentando ser um homem emocionalmente moderno. Morrendo de medo e de felicidade, rezou para logo conseguir esquecer que a tal mulher existe. Ou então, para que ela tivesse mesmo, lá no fundo, uma tara por bobos.

Texto: Simone Ribeiro/Fotos: Adenor Gondim



9. Aprendizes do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, tendo à frente seus mestres

Um sopro de vida no Centro H

reportagem



Educar para a vida pela via do trabalho. Mostrar que, através da educação, o homem ganha dignidade e conquista a cidadania. Estes são alguns dos princípios para se compreender a essência de uma das mais antigas instituições voltadas para a formação profissional de jovens no Brasil – o Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, que completa 125 anos em outubro. A data, como informa o superintendente do Liceu, Nelson Issa, não poderia ser comemorada de maneira melhor:

entre os 180 aprendizes que hoje abriga e lançando o livro **Dendê na Neve – As Aventuras de um Baiano na Suíça**, do jovem Alex Oliveira de Almeida, ex-aluno da casa.



histórico



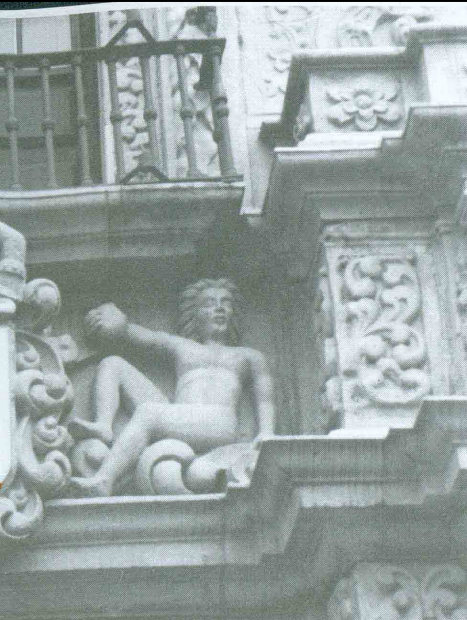
A história do Liceu desafia o tempo. Depois de enfrentar um tenebroso incêndio, em 1968, de resistir às mudanças nas relações de trabalho no Brasil e à decadência durante quase duas décadas, a instituição volta a funcionar a todo vapor. Com o apoio técnico e político da Fundação Odebrecht, que

investiu recursos que ultrapassaram os seis milhões de dólares, o Liceu iniciou, em 1989, em convênio com o governo do estado, um programa de recuperação físico-institucional que culminou com a inauguração, no final de 1995, do Paço do Saldanha, edificação construída no século XVIII.

A reforma institucional passou pela implantação de um novo modelo de gestão. O Liceu, hoje, é estruturado para produzir bens e serviços que geram os recursos necessários para o desenvolvimento do seu programa educacional, de acordo com uma concepção filosófica e princípios consolidados dentro do formato de instituição social sem fins lucrativos.

“É um novo momento”, analisa o superintendente do Liceu, Nelson Issa. Sem dúvida. O Liceu, agora, concentra os seus esforços na criação de um centro cultural idealizado pelo arquiteto Diógenes Rebouças, falecido recentemente. A idéia é integrar as várias linguagens com as quais a instituição já trabalha (teatro, dança, cinema, artes plásticas). E, para isto, a retoma-

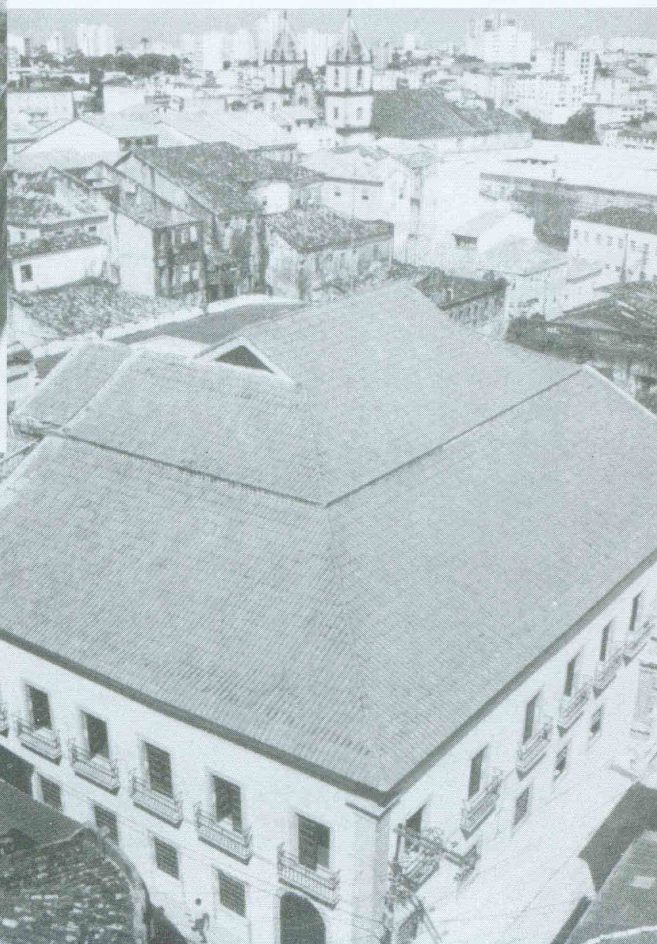
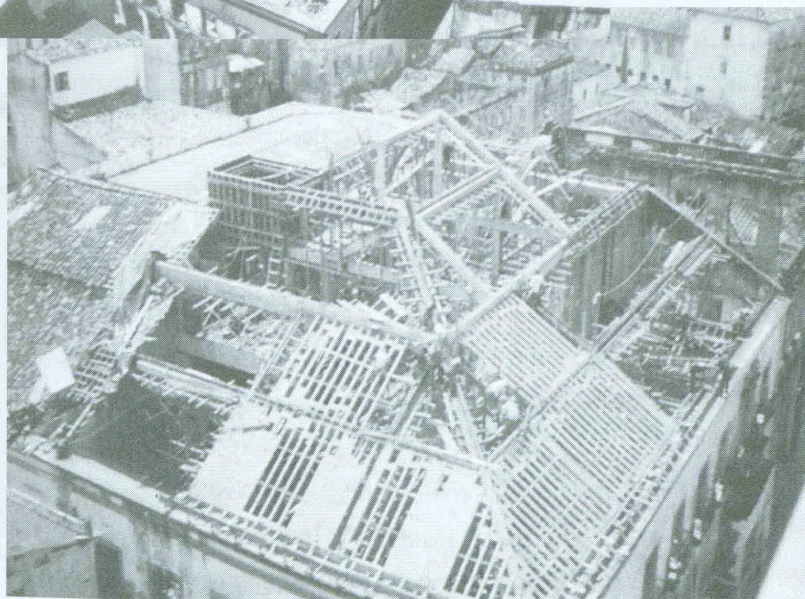
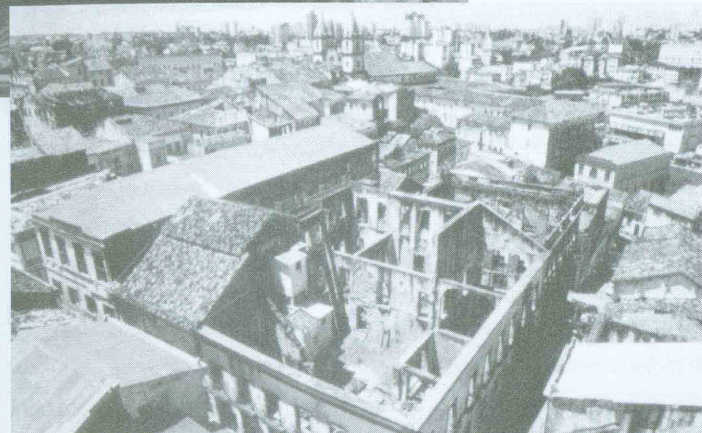
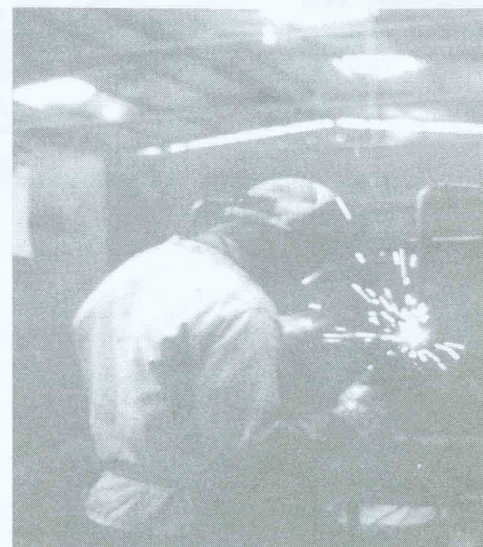




da do Cine Liceu – cujas dependências estavam arrendadas à DMC Cinematográfica Ltda., que, desde 1984, passou a exhibir filmes pornográficos – na justiça foi fundamental.

O Cine Liceu, inaugurado em 1927, e que durante mais de cinco décadas era o principal cinema da cidade, fará parte do complexo cultural, que compreende, ainda, o espaço do antigo cinema Popular e seu entorno, formando

com o Paço do Saldanha e a antiga Rádio Excelsior um quarteirão de 10 mil metros quadrados. Será mais um

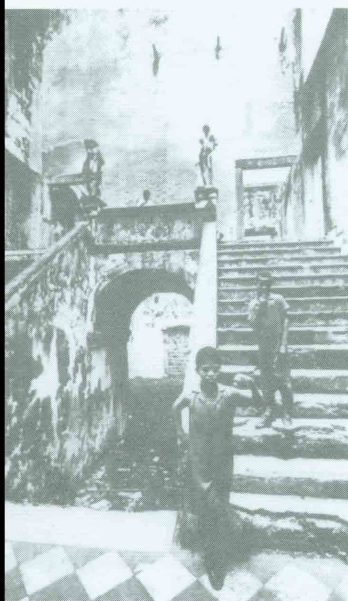


sopro de vida ao Centro Histórico. Para a implantação do centro cultural, Nelson Issa pensa em um modelo tripartite, em que estado, Liceu e a iniciativa privada atuam juntos. O projeto contempla ainda a formação de profissionais habilitados para trabalhar no ramo. “Não adianta ter só o talento”, diz.

Qualidade e competitividade

Para se manter como instituição auto-sustentada, o Liceu de Artes e Ofícios da Bahia investe na qualidade de seus produtos. E o resultado disso pode ser comprovado pelo trabalho realizado pelas três oficinas em funcionamento. Elas representam o coração do Liceu. Para ingressar, os adolescentes, independentemente de renda familiar, precisam ter entre 14 e 17 anos e estar cursando algum colégio. Trabalham quatro horas por dia e recebem no primeiro ano um terço do salário mínimo e, ao final do segundo, dois terços, além de vale-transporte, fardamento e assistência médica. A passagem pela instituição varia de 12 a 18 meses.

A mais importante é a Oficina de Móveis e Madeira (OMM), com 50 aprendizes, que fabrica uma linha de móveis escolares - mas também atua no segmento de móveis sob encomenda - e possui convênio com a secretaria estadual

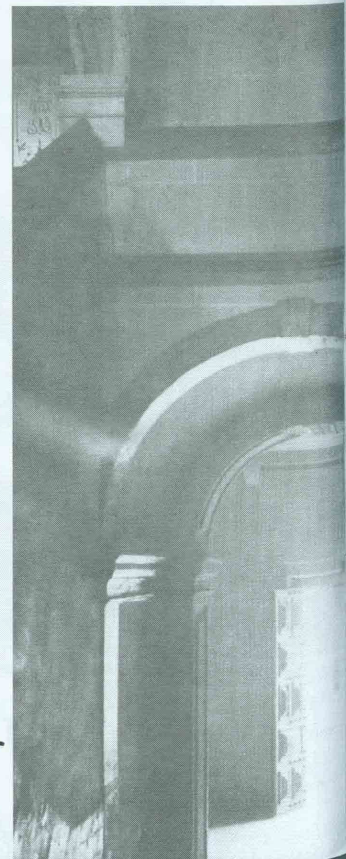
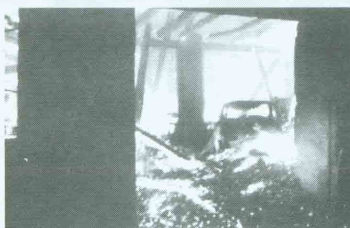


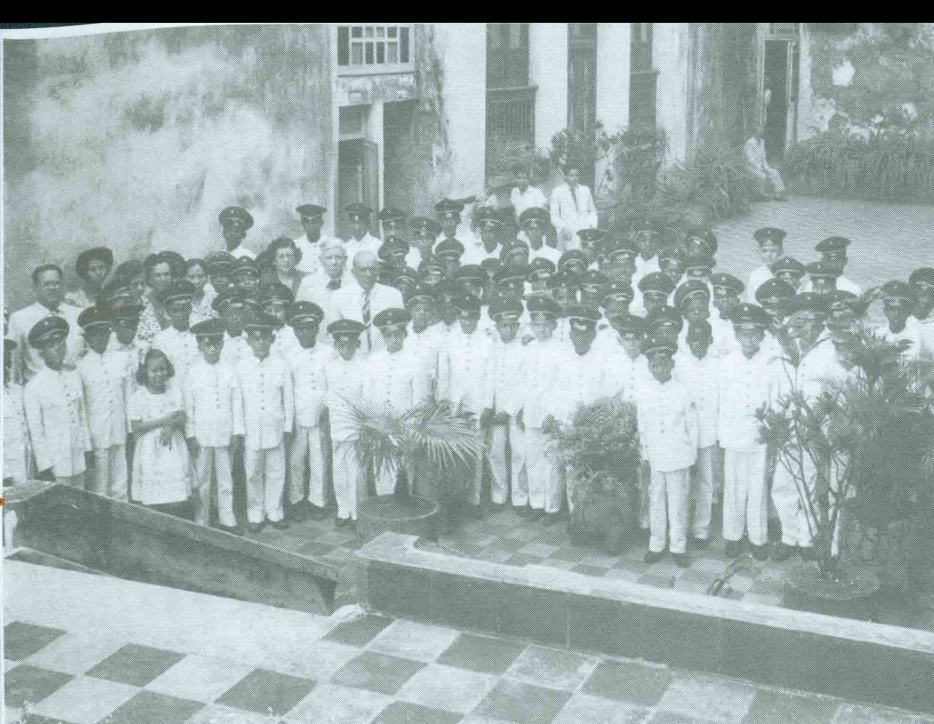
de Educação. Em média por ano, são produzidos em torno de 300 mil móveis. Com o crescimento do negócio e a transferência das instalações para uma nova unidade, no Centro Industrial de Aratu (só de área industrial são 9 mil metros quadrados), no segundo semestre de 1997, a idéia, segundo Nelson Issa, é

ampliar o mercado pelo Norte-Nordeste.

Outra oficina importante do Liceu é a Oficina de Vídeo (OV), que produz vídeos de treinamento, institucionais e educacionais, peças publicitárias, sempre com o objetivo de formar o adolescente para a vida. Além de equipamentos, os 50 aprendizes têm acesso a uma unidade de computação gráfica. A oficina dispõe de uma TV experimental, a TV Liceu, constituída de um videowall. "A gente chama de trio elétrico da imagem", conta Issa. Ao todo, são 36 monitores acoplados num caminhão e controlados por computador. Para o próximo Verão, já existe um projeto sendo estudado, juntamente com a Conder, a fim de levar a TV aos parques metropolitanos de Salvador, como Abaeté e Pituaçu. Os vídeos exibidos terão um tema em comum: a preservação.

A Oficina de Recuperação e Manutenção Predial (ORMP), que conta com 80 aprendizes, completa o triângulo. Ela trabalha com a linguagem da construção civil na manutenção de prédios públicos e privados. Toda a





32. Edgard Barros ao centro com aprendizes à sua volta. À direita Heráclio Cardoso de Mello e, à esquerda, sua filha Valquíria Barros (anos 40 - 50).
Fonte: Arquivo particular de D. Maria de Lourdes Barros Chaves

parte de manutenção elétrica e hidráulica, além da pintura das fachadas do Centro Administrativo da Bahia (CAB), está sob a responsabilidade desta oficina, que também atua no Centro de Convenções da Bahia, em três empresas do Pólo Petroquímico, na rede escolar da prefeitura de Camaçari e nas lojas da EBAL (Cesta do Povo).

Desenvolver no jovem o senso de preservação do patrimônio físico e cultural da cidade é uma das maiores pre-

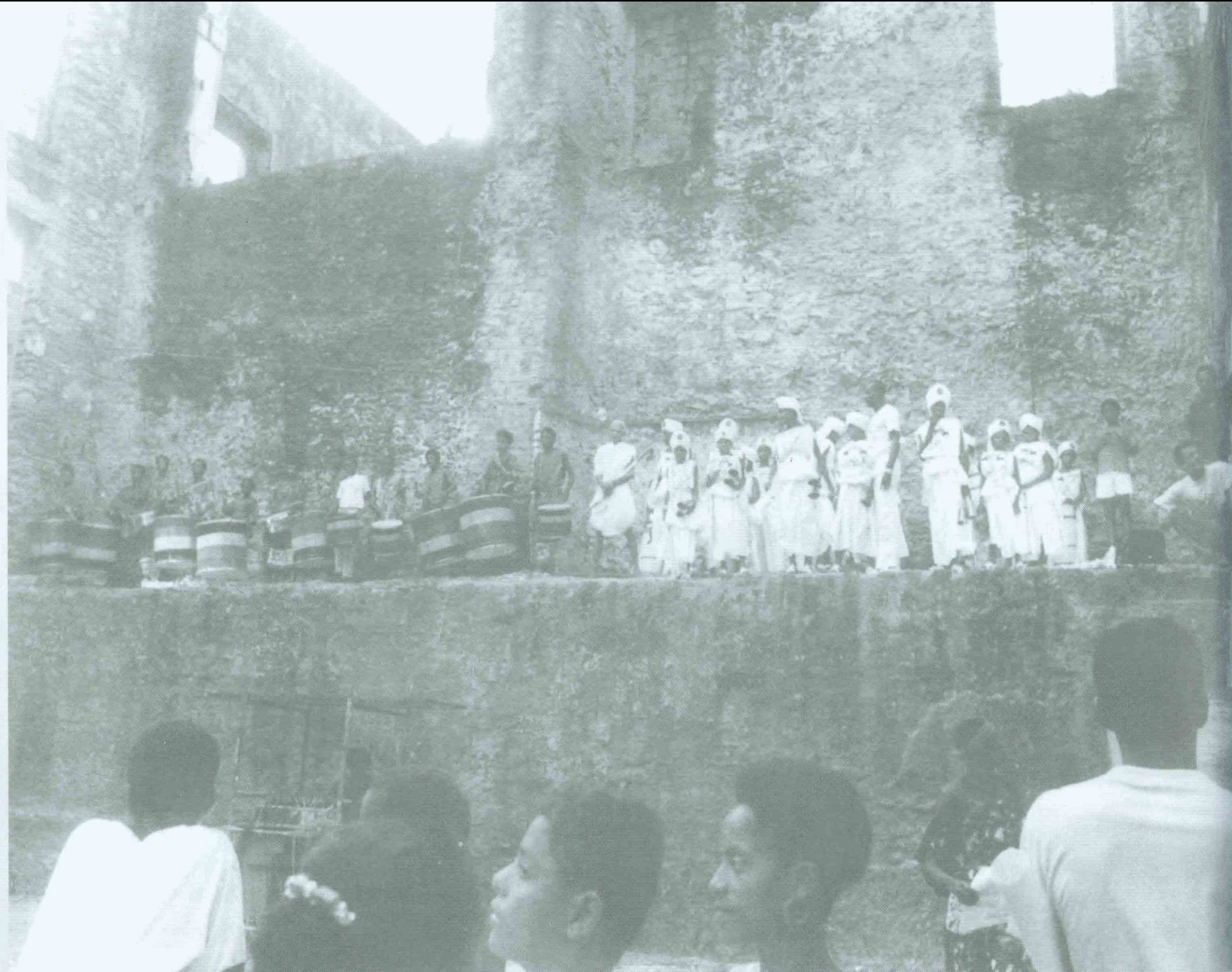
ocupações do Liceu. “Os aprendizes adotam uma postura educativa em relação aos seus clientes de cuidado patrimonial. O grande desafio da sociedade brasileira é discutir a cidadania não somente do ponto de vista dos deveres do estado, mas do cidadão. O que é público e o que é privado? Os contribuintes somos nós mesmos”, comenta Nelson Issa. O discurso pode ser observado na prática. Atualmente, a OMM trabalha com o eucalipto, uma madeira possível de reflorestamento. Todos os móveis da escola Thales de Azevedo, inaugurada pelo governo do estado, recentemente, foram feitos a partir dela.

Além disso, o Liceu criou um Núcleo de Teatro, fruto de um projeto com a Secretaria de Educação, chamado “Quem Ama Preserva”. A demanda partiu da SEC, preocupada com o quebra-quebra, cada vez maior, dos móveis escolares. O projeto tem um caráter experimental e continua em curso, mas já resultou num produto bastante apreciado pelo público baiano, a peça “Cuida Bem de Mim”, que estreou no Teatro Solar Boa Vista, em Brotas, e ganhou o prêmio “Destaque” no Troféu Bahia Aplauda 96/97 e o Prêmio Eco

97, a mais importante premiação nacional de reconhecimento a iniciativas empresariais no país.

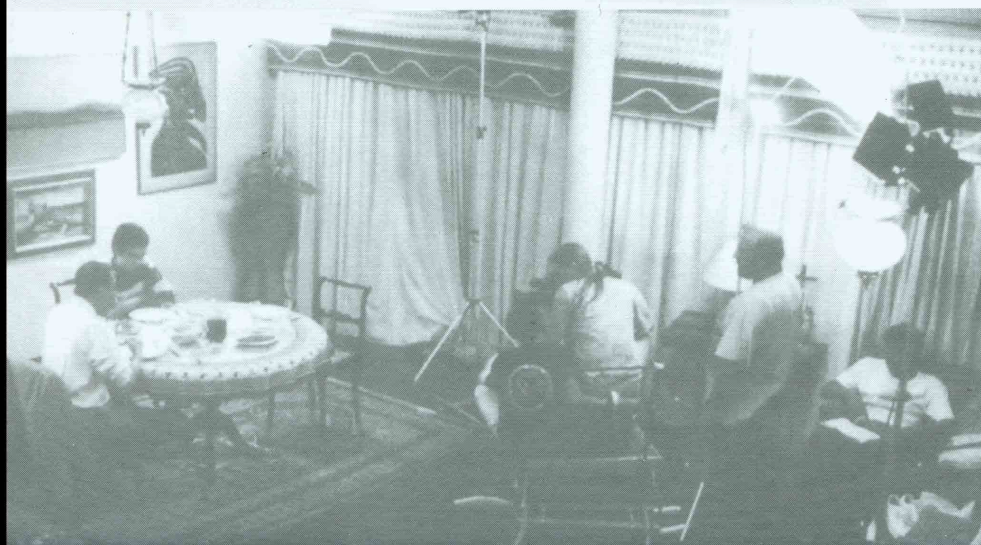
O Núcleo de Teatro é coordenado pelo experiente diretor Luiz Marfuz. Começamos investigando o porquê do quebra-quebra com alunos, diretores e professores. Esse projeto desenhou um conjunto de 27 oficinas dramático-pedagógicas com 530 líderes estudantis e 300 professores. Concluiu-se que pior que a depredação física era a deterioração das relações interpessoais”, conta Nelson Issa. Assim nasceu o texto da peça, assinado por Marfuz e Filinto Coelho e mais de mil sugestões de melhoria foram dadas pelos estudantes e professores para a escola pública. Um diagnóstico vivo.





Trajetória

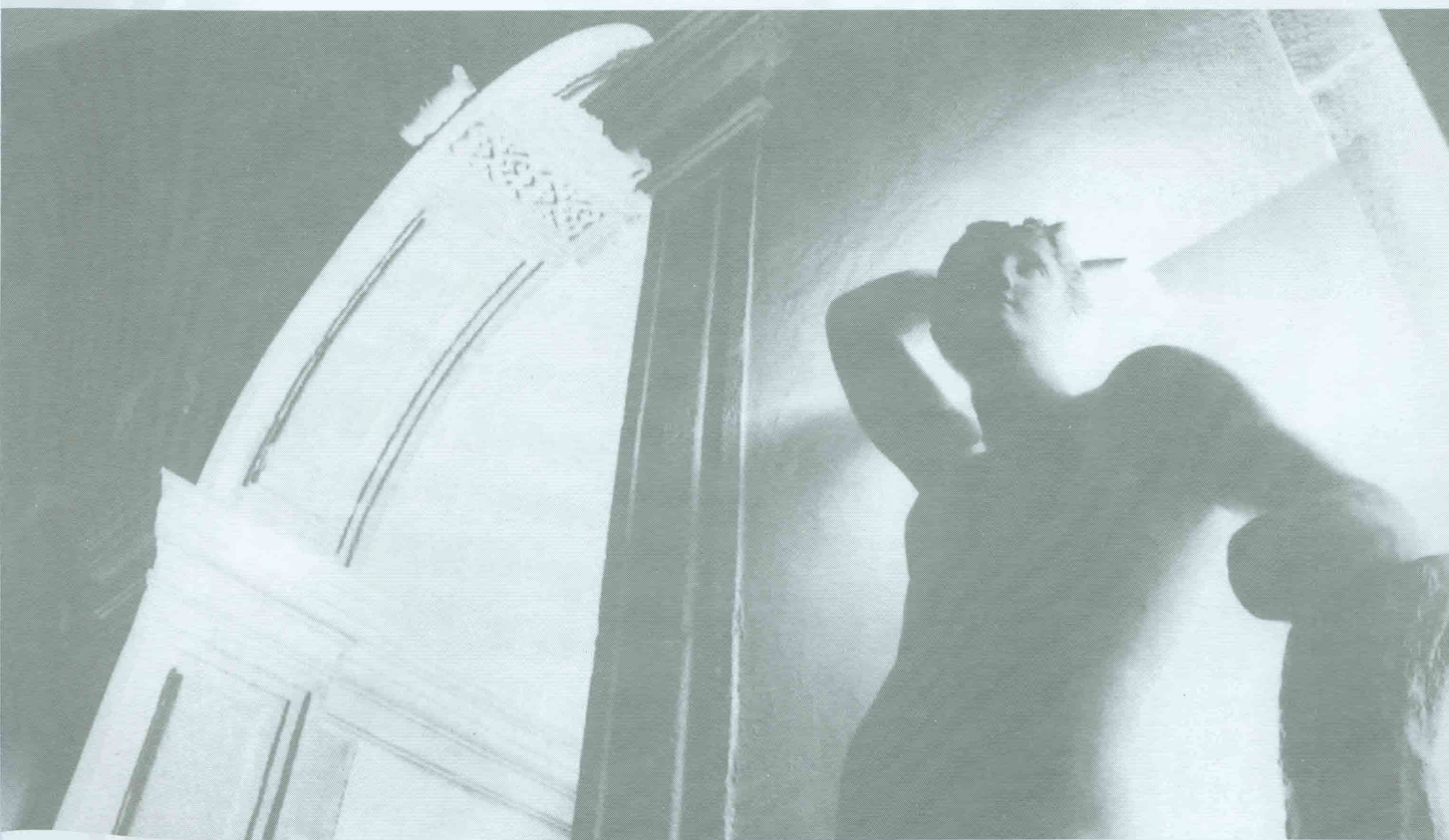
A criação do Liceu se deu em um contexto de mudanças, transformações políticas e sociais. A Bahia começava a sair da economia colonial, do açúcar, para um quadro de industrialização nascente, que demandava um novo tipo de mão-de-obra, cada vez mais qualificada. O Liceu surgiu por iniciativa de



artistas, operários e homens públicos da cidade do Salvador, como fruto e instrumento dessa transição. Inicialmente, a instituição funcionou no primeiro andar de um edifício na Rua Chile, com 146 alunos. Em 1875, mudou-se para um imóvel próprio, no histórico solar do Paço do Saldanha, expandindo as suas atividades.

A partir dos anos 50, o Liceu começa a entrar em um período de decadência, permeado por crises financeiras. A instituição foi se esvaziando e enfraquecendo, vindo desaparecer a imagem de que gozava junto à comunidade e que construía ao longo de muito anos. O processo de decadência agravou-se com o incêndio em fevereiro de 1968, transformando em cinzas a maior parte do seu patrimônio - oficinas, arquivos, bibliotecas (cerca de 3000 volumes) e obras de arte. O fogo só não atingiu a fachada e a portada.

1988 representa um ano histórico para a instituição. Quatorze entidades públicas e privadas baianas assinam um protocolo de entendimentos visando à sua recuperação física e institucional, sob a liderança da Fundação Odebrecht. Em 1989, o Liceu muda-se para o prédio do Instituto do Cacau. Era o ensaio de um renascimento.





Para se conhecer a história do Liceu, uma fonte de estudo imprescindível é o livro **A Arte de ter um Ofício**, da historiadora Maria das Graças de Andrade Leal. Em quase 400 páginas, ela faz um apinhado minucioso da instituição que completa 125 anos em outubro. É um trabalho de fôlego que ganhou cuidadosa edição da Fundação Odebrecht.

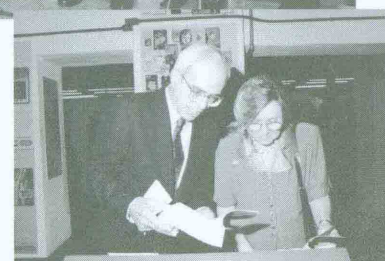
Tudo o que está no futuro é sempre incerto. Mas o Liceu deve ser como um sonho de adolescente, que é quem sonha e quer reformular o futuro

David Leite,
sócio benemérito e ex-presidente do Liceu



Julho

O mês começou em ritmo de autógrafos. No dia 3, a poeta e diretora executiva da Fundação Casa de Jorge Amado, Myriam Fraga, lançou o livro **Uma Casa de Palavras**, que conta a história da instituição ao longo dos seus 10 anos de existência. No dia 11, a Fundação também sediou o lançamento de **Brasil e África do Sul: Riscos e Oportunidades no Tumulto da Globalização**, reunindo trabalhos apresentados no seminário de título homônimo realizado no Rio de Janeiro, em setembro do ano passado, com o apoio do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, CNPq e Organização Odebrecht. O projeto **Com a Palavra o Escritor**, promovido pela Fundação, Instituto de Letras da UFBA e Academia de Letras da Bahia, no auditório da Biblioteca Central da UFBA, teve como destaque a poeta e professora Elisabeth Hazin. No dia 30, a Fundação Casa de Jorge Amado deu um importante passo na criação de um café-teatro próprio, ao assinar um contrato com a Coelba. O acontecimento contou com a presença dos escritores Jorge Amado e Zélia Gattai, do artista plástico Carybé, do diretor-presidente da Coelba, André Augusto Teixeira, de Sonia Bastos (representando o secretário de Cultura, Paulo Gaudenzi), e do presidente e da diretora executiva da Fundação, Germano Tabacoff e Myriam Fraga. No dia 31, saiu mais um número da revista **Exu**, o 35, e a Fundação assinou convênio com o curso de inglês UEC.



Agosto

Mais uma edição do projeto **Saraus da Vitória** movimentou o Museu Carlos Costa Pinto, dia 4. Apresentando-se, o compositor e flautista Tuzé de Abreu e o violonista Edson Diniz. No dia 6, em homenagem aos 10 anos de morte do poeta Carlos Drummond de Andrade, a Fundação abriu suas portas para o recital **Versos à Boca da Noite**, promovido pelo grupo de alunos do Instituto de Letras da UFBA. No dia 8, na Biblioteca Central da UFBA, Aramis Ribeiro Costa foi o convidado do projeto **Com a Palavra o Escritor**. Mais autógrafos no mês de agosto: na Fundação, lançou livro o escritor carioca Antonio Carlos Gaio: **Ilusão de Ótica**.

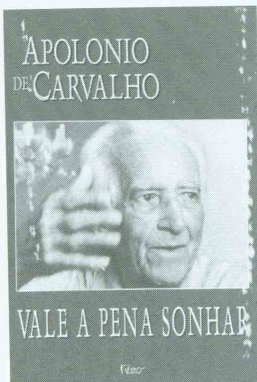


Capitães da areia - 60 anos
II Curso Jorge Amado

Setembro

Os 60 anos de publicação do romance **Capitães da Areia** foram devidamente lembrados com a realização, de 1º a 5 de setembro, na Academia de Letras da Bahia, do **II Curso Jorge Amado**, reunindo estudiosos da obra amplamente conhecida no Brasil e no exterior, traduzida para diversas línguas e recriada por outras linguagens artísticas, a exemplo do teatro. O evento foi promovido pela Fundação Casa de Jorge Amado e pela ALB (com o apoio do Instituto de Letras da UFBA,

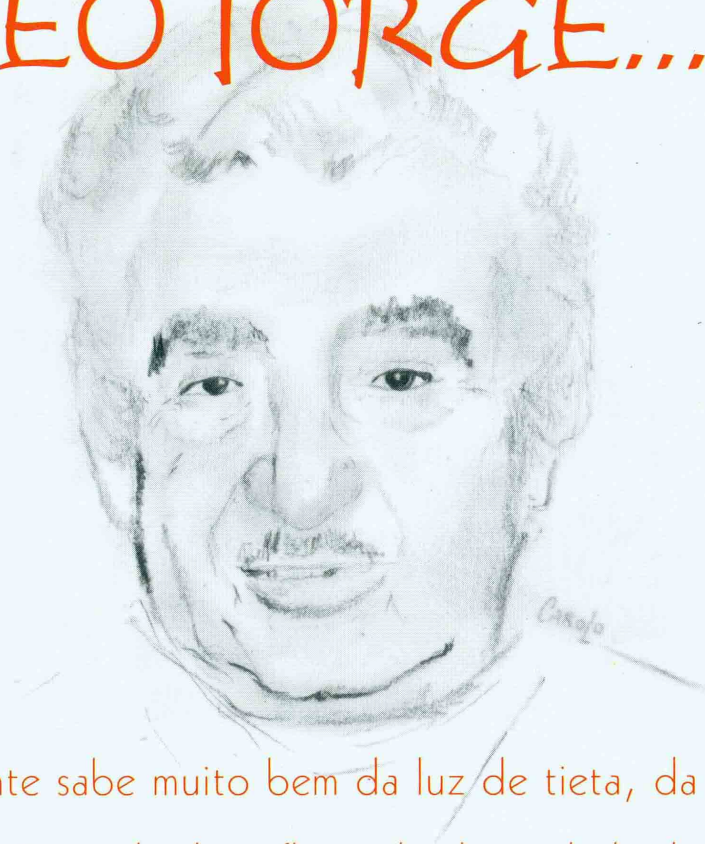
Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado e Fundação Gregório de Mattos). No dia 17, foi lançado na Fundação o livro **Compilação de Obras Literárias Selecionadas** (trabalho direcionado para o vestibular). No dia 26, os autógrafos ficaram por conta do livro **Vale a Pena Sonhar**, de Apolônio de Carvalho, também na Fundação.



Errata

O nome de Mestre Didi saiu incorreto no poster da última Exu (n 35). No lugar de Deoscoredes Maximiliano de Souza, leia-se Deoscoredes Maximiliano dos Santos.

COM TODO O RESPEITO SEO JORGE...



a gente sabe muito bem da luz de tieta, da iridescência de dona flor e da eletricidade de gabriela. a gente sabe também da força dos velhos marinheiros, dos capitães de areia e das centenas de criaturas ímpares gestadas pelo senhor. a gente não desconhece o clarão que esse povo todo tem feito - e fará eternamente - nesse mundão de meu deus. mas, o senhor sabe... o nosso negócio também é luz. por isso é que a gente queria pedir licença pra colocar o nosso nome junto a essa plêiade iluminada.

Dá licença Amado Jorge?...



MERECEM.
QUE ELAS
PARA O LUGAR
DA BAHIA
E A CULTURA
LEVANDO A ARTE



PRÊMIO COPENE
DE CULTURA E ARTE



Cecília Meireles



Fundação
Casa de Jorge Amado

EXU

36

paisagens da lua janelas do mar noitedianoite sonha
 matemáticas
 lembra coelhos na cartola
*todo ato é sagrado quando interiormente necessário**
 o tempo do homem não será o tempo
 da vida
 alfa e ômega
 alef zero
 - ao não se crer em centros dispensa-se os lados -
nós não podemos compreender
o mundo
senão moldados
*por nós mesmos***
 dia e noite e dia círculos quadrados triângulos dia-noite-dia
 cosmo sob papoulas e rubis ou verdes ou azuis amarelos e citrinos
 dizendo que o fogo é a água é
 a terra

/ na cor, numa explosão de tons, a evolução de seus trabalhos - suas galáxias
 sempre atuais são continuação evidentes, talvez um close, das suas paisagens
 rochosas e mares de uma fase também sempre presente - que podemos ver com
 clareza e compartilhar as imagens que seus quadros evocam /

assim sua pintura pensa
 e sonha
 a estrada do secreto
 a chave do sol
 o mar da lua
 o barro da origem
 falqueando a poeira das estrelas
 que o rastro da alma se deixa oferecer

/ do estar diante de seus quadros seguimos viagem por um universo de
 lembranças, sonhos e mitos, quem sabe?, galáxias, outros mundos, e desta uma
 interrelação com o conhecimento que a produz, e a arte independe de sua
 literatura, apesar desta, pois ela é o seu próprio espaço, uma emoção criativa do
 fazer para o olhar, do sentir para o entender /

este nosso mar interior tão vasto quanto o oceano de estrelas***
 cavalgando norte de aquário sul de cisne e andrômeda
 todos os asterismos
 ao desejar decifrar o enigma da simetria que a liberdade repousa no caos

/ Leonardo Celuque nasceu na Bahia, 1954. interrompeu o curso de física para formar-se em Belas
 Artes, Universidade Federal, 1980, após intervalos de estudos com a artista norte-americana Alice
 Baber e uma temporada na França - Académie de La Grand Chaumiére. sua arte com forte
 assentamento no desenho teve as figuras humanas e paisagens locais como ponto de partida até
 chegar a física - galáxias e estrelas e partículas subatômicas. hoje unindo a astronomia com a
 anatomia artística, figura e fundo, mostras no Brasil e Estados Unidos, realiza um mundo de cores no
 retrato do homem no espaço sideral ou, quem sabe?, seu contrário, o interior de um átomo /



EXU

Texto: Claudius Portugal
 Fotos: Adenor Gondim
 Exu nº 36 Fundação Casa de Jorge Amado
 Salvador/Bahia/Brasil/1997
 Não pode ser vendido separadamente

